

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**  
**Setor de Artes, Comunicação e Design**

**HUMBERTO DA CUNHA ALVES DE SOUZA**

**“IDENTIDADES GAYS” COMO ATO PERFORMATIVO NAS PRÁTICAS  
COMUNICATIVAS NO *FACEBOOK*: UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA**

**CURITIBA**

**2015**

HUMBERTO DA CUNHA ALVES DE SOUZA

“IDENTIDADES GAYS” COMO ATO PERFORMATIVO NAS PRÁTICAS  
COMUNICATIVAS NO *FACEBOOK*: UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linha de Pesquisa Comunicação, Educação e Formações Socioculturais, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Jair Antonio de Oliveira.

CURITIBA

2015

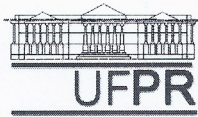
Catálogo na publicação  
Mariluci Zanela – CRB 9/1233  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Souza, Humberto da Cunha Alves de  
“Identidades gays” como ato performativo nas práticas  
comunicativas no *facebook*: uma perspectiva pragmática / Humberto  
da Cunha Alves de Souza – Curitiba, 2015.  
120 f.

Orientador: Prof. Dr. Jair Antonio de Oliveira  
Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes,  
Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

1. Linguagem – Pragmática. 2. Comunicação – Estudo e ensino.  
3. Identidade sexual – Comunicação. 4. Facebook (Rede social on-  
line). I.Título.

CDD 305.3



## PARECER

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, após arguir o candidato Humberto da Cunha Alves de Souza, em relação ao seu trabalho de dissertação intitulado **“IDENTIDADES GAYS” COMO ATO PERFORMATIVO NAS PRÁTICAS COMUNICATIVAS NO FACEBOOK: UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA,** é de parecer favorável à APROVAÇÃO do acadêmico, habilitando-o ao título de *Mestre* em Comunicação, linha de pesquisa “Comunicação, Educação e Formações Socioculturais” da área de concentração em Comunicação e Sociedade. Curitiba, 31 de março de 2015.

Prof. Dr. Daniel do Nascimento e Silva (UNIRIO)

Profa. Dra. Claudia Irene de Quadros

Prof. Dr. Jair Antonio de Oliveira  
Orientador e presidente da banca examinadora

Dedico:

À minha avó Maria e meu avô Lázaro.

À minha mãe, meu pai e minha irmã.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Benedita e Benedito, e a Evelin, minha irmã, por tudo e nada menos que isso. Sem a educação que recebi, sem o amor, sem a paciência, nada seria possível.

Agradeço ao meu orientador Dr. Jair Antonio de Oliveira por perseverar na Pragmática mesmo com todas as dificuldades. Sua perseverança me fez mudar de armas e maneiras.

Aos professores Daniel do Nascimento e Silva e Claudia Quadros por aceitarem o convite para a banca examinadora e pelos comentários críticos e fundamentais para a finalização deste trabalho.

Agradeço também ao professor Carlos Marquioni pela participação na banca de qualificação e a Professora Kelly Prudêncio pelas aulas que contribuíram para este trabalho.

Agradeço a Fabiana Pelinson e Flora Martins pelo companheirismo, pelos conselhos, pelas risadas e, sobretudo, pela amizade.

À Capes, pela bolsa parcial de pesquisa.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para que esta pesquisa fosse possível.

Ó Adão, não te demos nem um lugar determinado, nem um aspecto que te seja próprio, nem tarefa alguma específica, a fim de que obtenhas e possuas aquele lugar, aquele aspecto, aquela tarefa que tu seguramente desejares, tudo segundo o teu parecer e a tua decisão. A natureza bem definida dos outros seres é refreada por leis por nós prescritas. Tu, pelo contrário, não constringido por nenhuma limitação, determiná-la-ás para ti, segundo o teu arbítrio, a cujo poder te entreguei. Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. Não te fizemos celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de ti mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tivesses seguramente escolhido. Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo.

Giovanni Pico Della Mirandola

## RESUMO

Em uma perspectiva Pragmática da Comunicação, a linguagem usada no processo ou prática comunicativa não serve apenas como constatação do que poderia ser descrito como verdadeiro ou falso no mundo. Todo uso de linguagem está vinculado a um contexto – mas nunca limitado por ele – e gera efeitos. Assim, a linguagem é uma forma de vida. Um destes usos implica em comunicar e, portanto, nesta perspectiva, construir por meio da linguagem a própria identidade. Este trabalho versa sobre a comunicação/criação das “identidades gays” no *Facebook*, procurando demonstrar como essas identidades são criadas pelo/no uso da linguagem e não preexistem-na. O problema de pesquisa que orientou este trabalho foi: Que efeitos identitários são performatizados nas práticas comunicativas de dois usuários gays focais, no *Facebook*? O quadro teórico que subjaz esta pesquisa não possui métodos próprios. Portanto, como escolha metodológica, optou-se pelo que foi chamado de “análise pragmática” buscando combinar os atuais métodos utilizados, mas reconhecendo, entretanto, suas limitações em relação ao movimento do uso da linguagem. Além disso, esta escolha procura se alinhar ao quadro teórico da Pragmática, que é um campo de conhecimento altamente interpretativo. Foi possível observar com a análise que os dois perfis focais performatizam “identidades gays” fortemente contraditórias entre si, confirmando a observação teórica de que não existe um traço comum sobre o qual pode ser construída a “identidade gay”. Há, portanto, todo um excesso na expressão “identidades gays” que o trabalho aponta ser necessário problematizar. Afastar, entretanto, a possibilidade de uma “identidade gay” como unidade, significa criar uma ambivalência, qual seja, a de justamente dificultar reconhecimento e representação política. O trabalho reconhece esta ambivalência e aponta como um encaminhamento para pesquisas futuras. Por fim, de modo amplo e geral, por empregar outro quadro teórico, a Pragmática, acredita-se que esta pesquisa possa contribuir para o estudo das identidades no campo da Comunicação, que tem predominantemente aplicado perspectivas sociológicas sobre o tema.

**Palavras-chave:** Comunicação. Identidades gays. Pragmática. Performativo. *Facebook*.



## ABSTRACT

In a Pragmatic perspective of Communication, the language used in communicative practices not only serves as confirmation of what could be described as true or false in the world. Any use of language is bound to a context - but never limited for it - and creates effects. Thus, the language is a way of life. One of these uses implies communicate and therefore in this perspective, build through language their identity. This Master's thesis focuses on the communication/creation of "gay identities" on *Facebook*, trying to demonstrate how these identities are created by/in use of language and not pre-exist it. The research problem that guided this Master's thesis was: What identities effects are performed in communicative practices of two focal gay users on *Facebook*? The theoretical background in this Master's thesis has no own methods. Therefore, as a methodological choice, it was called "pragmatic approach" seeking to combine current methods used, but recognizing, however, their limitations about the movement of language use. In addition, this choice seeks to align the theoretical framework of Pragmatics, which is a highly interpretive field of knowledge. It was observed with the analysis the two focal profiles performed "gay identities" strongly contradictory, confirming the theoretical observation that there is no common thread upon which "gay identities" can be built. There is thus whole surplus on "gay identities" term that this Master's thesis points out be necessary discuss. Exclude the possibility of a "gay identity" as a unit however means creating an ambivalence, that is, difficult recognition and political representation. This Master's thesis recognizes this ambivalence and points out as a referral for further research. At long last, in general, by applying a different theoretical background, the Pragmatic, it is believed that this Master's thesis may contribute to the study of identities in the Communication, which has predominantly applied sociological perspectives on the subject.

**Key words:** Communication. Gay Identities. Pragmatic. Performative. *Facebook*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – DISTINÇÃO INICIAL ENTRE CONSTATIVOS E PERFORMATIVOS .....	35
FIGURA 2 - ATOS DE FALA.....	38
FIGURA 3 – PUBLICAÇÃO NO <i>FACEBOOK</i> .....	39
FIGURA 4 - FIGURA DO <i>FACEBOOK</i> .....	41
FIGURA 5 - SELEÇÃO DE PRIVACIDADE NO <i>FACEBOOK</i> .....	52
FIGURA 6 - PERFIL NO <i>FACEBOOK</i> .....	67
FIGURA 7 - ESPECTRO DE IDENTIDADE SEXUAL E AFETIVA (OU ROMÂNTICA)	77
FIGURA 8 - ESPECTRO SEXO/GÊNERO/DESEJO/EXPRESSÃO DO GÊNERO.....	78
FIGURA 9 - "O QUE É SER UM HOMOSSEXUAL (GAY)?" .....	83
FIGURA 10 - "SEXUALIDADE É SEXO MAIS AFETIVIDADE" .....	84
FIGURA 11 - "SERÁ QUE ESSAS PESSOAS PRECISAM DE UMA TERAPIA?" .....	85
FIGURA 12 - "...E A PROMISCUIDADE É DOENÇA" .....	85
FIGURA 13 - "AONDE ESTÁ ESSA TAL HOMOFOBIA?" .....	87
FIGURA 14 - "VIU PQ A HOMOFOBIA QUASE NÃO EXISTE..." .....	88
FIGURA 15 - "NECESSITO DE TODOS OS DETALHES..." .....	89
FIGURA 16 – “OS GAYS AQUI NO BRASIL TEM TODOS OS DIREITOS” .....	91
FIGURA 17 - "VAI TER BICHA SIM, E SE RECLAMAR SERÁ DRAG TAMBÉM" .....	95
FIGURA 18 - "ZEROU A VIDA" .....	96
FIGURA 19 - "PELO COMBATE À HOMOFOBIA" .....	97
FIGURA 20 - "A HOMOSSEXUALIDADE NÃO É NADA" .....	99

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 - REGRAS DE FELICIDADE DOS PERFORMATIVOS.....	36
--	----

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 IDENTIDADES COMO OBJETO DA COMUNICAÇÃO.....	14
1.1.1 Qual Comunicação?.....	17
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS .....	20
1.3 DESENHO DA PESQUISA.....	21
2 AS IDENTIDADES NA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA.....	23
2.1 A VIRADA PRAGMÁTICA .....	26
2.2 QUAL PRAGMÁTICA?.....	29
2.3 A TEORIA DOS ATOS DE FALA E A VISÃO PERFORMATIVA DA LINGUAGEM .....	31
2.4 O PERFORMATIVO E AS IDENTIDADES .....	42
3 PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO .....	47
3.1 A PESQUISA: UMA ANÁLISE PRAGMÁTICA .....	47
3.2 PROCEDIMENTOS PARA A GERAÇÃO DE DADOS.....	50
3.2.1 Questões ético-teóricas da pesquisa .....	50
3.2.2 Da observação à escolha dos perfis .....	55
3.2.3 Procedimentos de coleta dos dados .....	59
3.3 CONCEITOS-CHAVE PARA A ANÁLISE: CRIANDO UM CONTEXTO.....	60
3.3.1 Contexto, iterabilidade, citacionalidade e sentido.....	61
3.3.2 Cibercultura e <i>Facebook</i> .....	64
3.3.3 D/discursos .....	68
3.3.4 O Gay que Logo Sou... Sou? O que é ser gay?.....	70
3.3.5 Força ilocucionária - efeitos identitários .....	80
4 ANÁLISE.....	82
4.1 ANALISANDO R1 .....	82
4.1.1 “O QUE É SER UM HOMOSSEXUAL (GAY)?” .....	83

4.1.2 “Aonde está essa tal homofobia?” .....	87
4. 2 ANALISANDO R2 .....	94
4.2.1 “Vai ter bicha sim, e se reclamar será drag também!” .....	95
4.2.2 “a homossexualidade não é nada” .....	99
4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE E OS PERFIS .....	101
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	103
REFERÊNCIAS .....	107
APÊNDICE A – PUBLICAÇÕES DO PERFIL R1 .....	113
APÊNDICE B – PUBLICAÇÕES DO PERFIL R2.....	118

## 1 INTRODUÇÃO

A performance em lugares<sup>1</sup> virtuais demanda também a criação, reinauguração ou negociação de identidades, das mais diversas, por parte dos indivíduos. Trata-se, em última análise, de um complexo processo comunicativo que cria efeitos<sup>2</sup> identitários no mundo. Se esta afirmação só faz surgir questões e nenhuma certeza, se incomoda e/ou provoca, é porque o terreno das identidades é escorregadio, não se tornou lugar-comum e continua em disputa teórica.

Em pesquisa exploratória inicial no banco de teses e dissertações da Capes, filtrando apenas as pesquisas realizadas no campo da Comunicação, defendidas desde 2012 e com as palavras-chave “identidade/identidades”, foi possível encontrar 60 trabalhos, destes, 51 dissertações. Após a leitura do resumo foi possível reduzir para 11 trabalhos ligados ao assunto de pesquisa aqui desenvolvido (identidades e cibercultura), o que já sinaliza a amplitude do conceito de “identidades”. Ainda assim, seria possível aprofundar entre os trabalhos os que falam sobre identidades nos sites de redes sociais, identidades de *gamers*, identidades nacionais retratadas em sites diversos, entre outras. Isto reforça a necessidade de reconhecer este tema como um terreno escorregadio, sem consenso teórico, em desenvolvimento.

Mercer<sup>3</sup> (1990, p. 43 *apud* HALL, 2011, p. 9) disse que “a identidade só se torna uma questão quando está em crise, quando algo entendido como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Do ponto de vista da preocupação acadêmica, tal processo torna-se acentuado na contemporaneidade – cenário ideal de globalização, fluidez e incertezas. É justamente em razão desta proximidade entre contemporaneidade, globalização e identidades que, suspeita-se, haja predominância das perspectivas sociológicas de Hall (2011, 2014) e Bauman (2005), sobre as identidades nos estudos de Comunicação. Ocorre que, estas perspectivas não aprofundam a questão da linguagem, aspecto que se considera ser de extrema importância. Assim, diante do assunto de

---

<sup>1</sup> Utilizou-se “lugares”, em vez de “espaços” ou “ambientes”, em atenção à distinção feita por Augé (2012). O lugar, portanto, é identitário, histórico e relacional.

<sup>2</sup> Deve-se compreender “efeitos”, neste trabalho, como em Nietzsche (1992): não como produto de uma causa, mas de modo relacional; “somente como puros *conceitos*, isto é, como ficções convencionais para fins de designação, de entendimento, *não* de explicação. [...] Somos nós apenas que criamos as causas, a sucessão, a reciprocidade, a relatividade, a coação, o número, a lei, a liberdade, o motivo, a finalidade; e ao introduzir e entremesclar nas coisas esse mundo de signos, como algo ‘em si’, agimos como sempre fizemos, ou seja, mitologicamente” (*Ibid.*, p. 27).

<sup>3</sup> MERCER, Kobena. “Welcome to the jungle”. In: RUTHERFORD, Jonathan. (Org.). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

pesquisa (Comunicação, Cibercultura e Identidades) o tema de pesquisa é a “identidade gay”<sup>4</sup> no *Facebook*, e busca-se aplicar uma perspectiva que privilegie reflexões sobre a linguagem e comunicação.

Pretende-se responder aqui que efeitos identitários são performatizados nas práticas comunicativas de dois usuários gays no *Facebook*? O objetivo é demonstrar como, numa perspectiva Pragmática, “a identidade” é uma criação linguística e não uma categoria cultural com a qual o indivíduo pode se reconhecer e identificar-se. De modo geral e amplo, acredita-se que esta pesquisa possa contribuir para trazer esta outra perspectiva aos estudos da Comunicação, apoiada predominantemente nos conceitos sociológicos já mencionados. Na sequência justifica-se a identidade como um objeto pertinente ao campo da Comunicação.

## 1.1 IDENTIDADES COMO OBJETO DA COMUNICAÇÃO

Muito antes de conhecer, nós temos algumas coisas para reconhecer.  
Joana Plaza Pinto

Esta pesquisa fez-se desafiadora desde o princípio e, se assim pode ser dito, teve uma primeira hesitação diante do dilema: seu objeto poderia ser justificado como pertencente ao campo da Comunicação? Deste primeiro impasse notou-se que havia algumas coisas para serem reconhecidas antes de conhecer – como diz a epígrafe aqui. A primeira e principal delas: de qual Comunicação versa este trabalho?

A complexidade desta definição deriva, na visão de Christino (2012, p. 80), de uma ambiguidade epistemológica inerente: o objeto em Comunicação é “complexo porque extrapola a distinção fundamental entre modos de saber (próprios das ciências da natureza em oposição às ciências sociais)”. Com efeito, “a ideia de uma teoria unificada do campo comunicacional – a verdadeira tarefa de qualquer fundamentação – parece uma utopia distante” (*Id.*). Para o autor, o objeto da Comunicação poderia ser comparado à figura de Jano – olhando para os dois lados da fronteira entre estas ciências – ou “parece ser capaz de existir, assim como o gato de Schrödinger, numa tensão entre dois campos científicos com princípios

---

<sup>4</sup> Utiliza-se “gay”, em vez de “homossexual”, “homoerótico” ou qualquer outra expressão, por uma escolha política, antes de tudo. A escolha se mostrou adequada, porque está em acordo com a sigla atual do Movimento LGBT (Lésbicas, **G**ays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Trangêneros). Butler (2013), entre outros pesquisadores, também utilizam a expressão “gay”, acredita-se que pela mesma motivação política. A expressão “gay” ainda facilita restringir a discussão deste trabalho apenas aos homens, haja vista que mulheres não são gays, são lésbicas, como demonstraram Almeida e Heilborn (2008) e tanto homens quanto mulheres se encaixariam em expressões como “homossexual”, o que ficaria amplo. Serão mantidas, entretanto, nos casos de citações ou entre aspas para sinalizar crítica.

epistemológicos distintos e, por vezes, francamente conflitantes” (*Ibid.*, p. 72). Assim, provoca Christino, que diante da tese da interdisciplinaridade da Comunicação e do desejo de ainda encontrar uma unidade ontológica que justifique a independência e relevância do campo, “cumpre oferecer uma definição acessível de epistemologia” (*Id.*). Refletir sobre o problema da justificação do objeto recortado nos estudos de Comunicação, bem como da configuração do sujeito na cena epistemológica; se este se opõe ou não ao objeto como queria Descartes (CHRISTINO, 2012, p. 72-74). Isto é: cabe fundamentar a própria noção de Comunicação, e como dizem Lopes e Romancini (2014, p. 128): “a epistemologia possui um caráter intrínseco à pesquisa científica, visto que se impõe ao pesquisador como uma reflexão a propósito da adequação de conceitos, teorias e métodos para investigar certa problemática”.

Braga (2014, p. 12-14) afirmou que “não há ciência normal em Comunicação”. Significa dizer que os problemas de pesquisa, ao afastarem-se do ambiente de uma ciência normal, geram riscos, dilemas, hesitações. Perguntas de outros ângulos e olhares ante premissas já estabelecidas “Seriam constrangidas pela lógica da continuidade”. Uma macroteoria seria sequencial, argumentativa e explicativa; seria o resultado de articulações e da superação de contradições. “Mas não percebemos processos, nessa direção, que até o momento tenham conseguido dar conta da diversidade de proposições e questões solicitadas pelo fenômeno comunicacional em sua complexidade” (*Id.*). Uma teoria abrangente da Comunicação “faria cessar a exploração em muitos âmbitos em que esta não deve cessar; ou seria rapidamente ultrapassada justamente por essa experimentação” (BRAGA, 2014, p. 12-14). Ainda na visão do autor,

O que a área está fazendo, em vez de esperar por essa teoria, é um acúmulo formidável de olhares angulados por toda uma variedade de objetivos, de objetos preferenciais, de fundamentos diversos, de táticas investigativas, de interlocuções. Nesse sentido, a estratégia da área, em sua produção de conhecimento, parece ser de ordem fragmentária. [...] Não podemos acreditar em uma “virtude *em si* do fragmento”. É preciso complementar com outro passo, articulador: fazer conversar proposições que, embora buscando apreender um mesmo fenômeno, partem de perguntas, objetivos, teorias, procedimentos investigativos diversamente originados. [...] Queremos transcender o fenômeno comunicacional imediato e intuir o que o move. Mas o fenômeno é complexo e multifacetado demais para ser apreendido por um só olhar abrangente. O que fazemos todos é tentar ver o que está um pouco atrás de cada manifestação do fenômeno, perceber as lógicas próprias, específicas do episódio comunicacional ou conjunto de episódios – que vamos montando com base nas teorias disponíveis, nas ocorrências variadas, nas intuições da inteligência, nas pesquisas empíricas (BRAGA, 2014, p. 14, 15).

Braga reconhece que a complexidade do fenômeno comunicacional está no movimento – tanto o movimento da produção de conhecimento sobre os fenômenos como dos



próprios fenômenos. Com efeito, se estabelecida uma teoria geral da Comunicação esta seria confrontada e ultrapassada por novas questões e experimentações que não deixarão de ocorrer com fenômenos tão complexos e multifacetados. Não há respostas, mas caminhos, portanto. Tal reconhecimento se envolve inclusive na forma como Braga estruturou e produziu o trabalho citado, usando de aforismos, tal qual identificou ser o *modus operandi* da produção de conhecimento em Comunicação. “Um conhecimento aforístico”, como intitulou o trabalho.

Diante deste reconhecimento de Braga – de que o conhecimento comunicacional está constituído nas diferentes angulações de olhares sobre os mais diversos fenômenos e objetos – é plausível trazer a afirmação de Vera Regina Veiga França<sup>5</sup>,

o objeto de estudo de uma ciência é a concepção que os pesquisadores deste campo desenvolvem sobre aquilo que eles vão recortar e analisar na realidade. O objeto de estudos da Comunicação é uma ideia de Comunicação, um conceito com a ajuda do qual se pode distinguir e apreender, no campo do empírico, algo que chamamos e entendemos como Comunicação (FRANÇA, 2013).

“O objeto é uma ficção útil, tanto do ponto de vista epistemológico quanto do político-institucional”, afirmou Felinto (2007, p. 3). Com efeito, a definição de um objeto comunicacional também é uma situacionalidade dentro de uma matriz de poder político e institucional em que o conhecimento é produzido.

Questionar, portanto, o tema das identidades neste campo é uma “ideia de Comunicação”. A configuração do objeto depende, portanto, da formulação de um problema comunicativo, nos termos que observou França:

Não importa o quão abundantes, espalhadas e permeadas em outras atividades sejam determinadas práticas que chamamos “comunicativas”. A especificidade vem do olhar, ou do viés, que permite vê-las e analisá-las enquanto Comunicação, isto é, na sua natureza comunicativa (FRANÇA, 2001, p. 6).

Portanto, investigar identidades pode parecer, para um olhar conservador ou num gesto epistemológico exclusivista<sup>6</sup>, uma intromissão da Comunicação num tema que parece mais de acordo com outras áreas. Assim como disse Felinto (2007, p. 3) sobre a cibercultura: “pode-se argumentar que é estratégico para a Comunicação apropriar-se desses temas, já que eles provavelmente desfrutarão de popularidade cada vez maior no âmbito das instituições

<sup>5</sup> FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Aula Inaugural – Comunicação: Ato, Conceito, Objeto de Estudo**. Curitiba, 18/04/2013. Notas da Aula Inaugural do PPGCOM-UFPR, realizado na Universidade Federal do Paraná

<sup>6</sup> Refere-se a um dos gestos epistemológicos da Linguística, observados em Agha (2007). A saber: 1) o gesto epistemológico extrativo: quando se defende ser o objeto do campo alguma parte pinçada da realidade; 2) gesto epistemológico restritivo: quando se defende ser o objeto do campo alguma parte específica da realidade e; 3) gesto epistemológico exclusivista: quando se defende a exclusividade de um objeto de estudo da realidade.

acadêmicas e de pesquisa”. Neste caso das identidades não é diferente. Isso poderia ser uma estratégia. Entretanto, sob o olhar da Comunicação, tal questão revela outras inquietações como, por exemplo, as discussões sobre construção social dos gêneros masculino e feminino. Construções estas, feitas no complexo processo social e comunicativo, afinal, a única construção possível de ser nominada quando se diz que “homens não choram” só pode ser a social e comunicativa. Assim, ainda que ampla a questão das identidades, o que interessa aqui é sua emergência como prática comunicativa.

Evidente que não se ousa aqui resolver os dilemas acima levantados sobre o que seria o objeto da Comunicação. Por atenção a eles, entretanto, é que se corrobora o que defende França (2013): “a concepção de Comunicação é decisiva na maneira como se vai identificar e analisar um fenômeno e apreendê-lo enquanto uma prática comunicativa”. Resta, tão somente, explicitar a concepção de Comunicação que subjaz esta pesquisa. É o que se desenvolve no próximo tópico.

### **1.1.1 Qual Comunicação?**

Se por um lado, o campo da Comunicação surge no século XX estimulado pela força de novos objetos e práticas comunicacionais (o que dá destaque aos objetos de estudo: o empírico), por outro lado, ele também se realiza como resultado daquilo que se estabelece enquanto modelos e paradigmas (o que dá destaque aos objetos de conhecimento: o conhecimento e a teoria). Assim, “na medida em que o conceito se torna definidor daquilo que vamos ver e perguntar à empiria, ele ganha natureza de modelo ou de paradigma” (FRANÇA, 2013).

Dito de outro modo, nenhum pesquisador vai a campo desprovido da teoria e, portanto, esta é outra questão por reconhecer. Nenhuma teoria é apenas o resultado da investigação sobre o empírico. É mais que isso. Enquanto paradigma, ela acaba direcionado também o olhar do pesquisador nas perguntas e recortes de seus objetos. Exatamente por isso é tão importante explicitar aqui o paradigma de Comunicação que subjaz este trabalho.

Rejeita-se aqui o paradigma informacional da Comunicação presente tanto no senso comum quanto nos estudos de Comunicação – ainda que implícita ou explicitamente. Este paradigma especialmente desenvolvido pela escola funcionalista americana conceitua a Comunicação, em síntese, como um processo de transmissão de códigos. Trata-se de um paradigma “simples e simplista” que negligencia a agência humana e a reflexividade do

processo comunicativo, considerando-a como um processo fixo baseado em códigos, assim como foi observado por França (2013).

O problema da eleição desse objeto [*no paradigma informacional*] é que ela está assentada no pressuposto de uma ilusória autonomia e precisão dos contornos da empiria. Os objetos do mundo não estão dados de antemão, nem são recortados por suas leis intrínsecas – mas constituídos e dispostos pelo olhar e intervenção dos homens. Assim, os meios de comunicação ou a mídia, na sua aparente objetividade e simplicidade, não o são tanto assim, mas se desdobram em múltiplas dimensões – tais como a técnica, a política, a economia, o consumo, a vida urbana, as práticas culturais, a sociabilidade etc. Dimensões estas que não apenas irão “compôr” o nosso objeto, mas se desenvolvem por caminhos próprios. [...] Se, por um lado, podemos criticar a amplitude e falta de especificidade desse objeto, pode-se também fazer-lhe a crítica oposta: ao ater-se aos meios privilegiando-se a dimensão técnica e o papel do suporte, essa escolha, por outro lado, é restritiva. Fechar o objeto da comunicação no campo das mídias é uma operação redutora, ao excluir as inúmeras práticas comunicativas que edificam e marcam a vida social – e não passam pelo terreno das mediações tecnológicas (por exemplo, o rumor, as relações de vizinhança e suas formas comunicativas, os teatros ou encenações urbanas – entre outras) (FRANÇA, 2011, p. 4-5).

E por isso que em contraponto a tais limites surge outra perspectiva que recorta o objeto da Comunicação como o processo ou prática comunicacional. Neste recorte de amplitude também é difícil achar a especificidade da Comunicação. Todavia, trata-se de uma visão ampla e global do processo comunicativo como um todo (FRANÇA, 2011, p. 6). Corroba-se, portanto, a defesa da pesquisadora pelo **paradigma relacional** como um forte paradigma para os estudos da Comunicação. Diz França:

[...] a Comunicação é um processo de globalidade em que sujeitos e interlocutores, inseridos em uma dada situação e através de linguagem, produzem e estabelecem sentidos conformando uma relação e posicionando-se dentro dela. Nesta concepção a Comunicação não é vista apenas como um processo de transmissão, embora obviamente transmissão exista dentro desse processo, mas é entendida como interação; ação reciprocamente referenciada, estabelecida pela mediação do simbólico, da linguagem, conforme George Herbert Mead (FRANÇA, 2013).

Isto é, neste paradigma de Comunicação o objeto avança para além do empírico (do paradigma informacional), passa a ser compreendido mais do que apenas o meio (a televisão, por exemplo) e assume sua força de interação (prática e processo de comunicação no paradigma relacional). É importante destacar aqui o caráter social e relacional dessas performances. Nos termos de Marialva Barbosa:

O mundo teórico da comunicação diz respeito às performances comunicacionais, de um sujeito a outro; mas, também, de redes de sujeitos, as interfaces entre o mundo e os sujeitos. Trata-se do sujeito das relações, partindo do pressuposto de que o sujeito isolado só existe na ficção. O mundo comunicacional é o mundo teórico das relações (BARBOSA, 2011, p. 89).

É pertinente também averiguar qual abordagem segue este paradigma relacional/interacional. Para isto, França (2013) retoma três pressupostos da Comunicação: a) pensá-la como práxis: como ação no mundo; b) pensa-la como experiência: é a experiência do usuário que traz significado à experiência com o objeto e; c) pensar a Comunicação marcada pela reflexividade: da experiência com o outro, “longe de ser essa a cadeia linear estímulo-resposta, é dupla afetação, dinâmica de reflexividade.” Para estes três pressupostos, as possíveis abordagens seriam: a) abordagem empirista: que significa dizer que o objeto tem verdade intrínseca da qual o pesquisador precisa tirar as respostas. Alerta a pesquisadora que essa abordagem “naturaliza o evidente ou o dominante, ela não investiga conexões ocultas ou invisíveis. Ela omite o olhar do pesquisador, o trabalho de leitura e seleção do pesquisador”; b) abordagem fenomenológica: em que as coisas do mundo são fenômenos que nos afetam. Esta abordagem “traz avanços em relação à empiria quando nos estimula a olhar a relação com o sujeito imerso no mundo. De críticas, acaba acentuando uma certa visada subjetivista, ao pensar a relação com o sujeito, direciona para o sujeito neutralizando a questão social” e; c) abordagem pragmatista: em que “nossas ideias e pensamentos são gestados no campo das práticas de nossa ação no mundo”. Nesta abordagem “nossas ideias e as teorias têm um ponto de partida e de retorno, o cenário dos indivíduos em ação.” E, mais detalhadamente, “o pragmatismo procura olhar para o mundo enquanto um processo de construção permanente” (FRANÇA, 2013). Sobre a abordagem pragmatista, França ainda defende que:

essa sem dúvida é uma postura rica para embasar nossas pesquisas comunicacionais, ela rejeita qualquer iniciativa que não parta do empírico [...], não toma objetos em si mesmos, mas inseridos nos quadros das relações humanas e é uma postura que busca encadeamento das ações e entende o mundo e a realidade como em permanente movimento (FRANÇA, 2013).

Com efeito, seguindo o paradigma relacional e a abordagem pragmatista torna-se possível defender e demarcar o tema das identidades como um objeto de investigação no campo da Comunicação. É evidente que as identidades não são objeto exclusivo deste campo. Cabe lembrar o que observou Felinto (2007, p. 3), sobre investigar um objeto considerado de outra área como estratégia de evidência, mas este não é o caso, dado que a questão de

pesquisa aqui versa especialmente sobre as identidades enquanto prática e processo comunicativo.

Mais que isso, estes reconhecimentos levam esta pesquisa à três pressupostos: a) considerar as identidades como um processo tomado pelo movimento e, portanto, antiessencialista; b) considerar que tal processo ocorre em um contexto situado de poder, às vezes inferido por ele, às vezes inferindo sobre este contexto e; c) tal processo gera consequências no mundo, pois a relação sujeito-mundo estabelece novas referências que irão pautar ou não novas interações. Estes três pressupostos são importante na perspectiva deste trabalho e o reconhecimento que se fez aqui foi fundamental para seguir uma perspectiva Pragmática, assunto que será retomado no capítulo 2.

Antes de seguir, porém, é importante esclarecer que os autores que França (2013) trabalha são do pragmatismo norte-americano. Esta pesquisa segue uma perspectiva Pragmática (conforme capítulo 2) e, esta se distingue do pragmatismo por estar focada na linguagem, enquanto que aquele se refere a uma corrente filosófica do século XIX. Entretanto, estas duas perspectivas compartilham a ideia de uma Comunicação relacional/interacionista, do movimento, do uso e, especialmente para esta pesquisa, dos três pressupostos acima. Esta aproximação deve ser compreendida como um esforço de mostrar como estes pontos em comum têm sido debatidos e defendidos recentemente por pesquisadores da Comunicação, como se buscou mostrar aqui com França. Se, por fim, o ecletismo aqui empregado for uma preocupação ou crítica, como defende Possenti (1996, p. 1), “se os objetos são complexos, as teorias não podem ser simples [...] Em outros termos, tendo que optar, prefiro evitar o reducionismo a temer a acusação de ecletismo”.

## 1.2 PROBLEMA DE PESQUISA, JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Adotou-se aqui uma noção de Comunicação relacional/interacionista com abordagem Pragmática, como demonstrado nos tópicos anteriores. Significa, então, investigar os efeitos identitários nesta cadeia de dupla afetação e reflexividade das práticas comunicativas dos usuários no *Facebook*. O problema de pesquisa que norteia este trabalho é: **Que efeitos identitários são performatizados nas práticas comunicativas de dois usuários gays focais no *Facebook*?** Para facilitar esta resposta, buscou-se montar um roteiro de investigação com as seguintes questões auxiliares: a) que forças ilocucionárias podem ser identificadas nestes

atos performativos? b) Que D/discursos<sup>7</sup> relacionados às “identidades gays”, estas forças ilocucionárias ajudam legitimar ou subverter?

Identificar as forças ilocucionárias que são performatizadas nas práticas comunicativas do *Facebook* relacionadas às identidades gays, por exemplo, é salutar para identificar que efeitos identitários elas performatizam. Compreender se estas forças ilocucionárias legitimam ou subvertem D/discursos também é importante para elucidar como os efeitos identitários são construídos pela e na linguagem e não preexistem-na. Assim, as questões auxiliares facilitam buscar uma resposta contextualizada para a questão principal.

Como comentado no início deste trabalho, em pesquisa exploratória inicial observou-se que, no campo da Comunicação as pesquisas que versaram sobre o tema das identidades se apoiaram principalmente nos trabalhos dos sociólogos Stuart Hall (2011, 2014) e Zygmunt Bauman (2005). De modo amplo e geral, acredita-se que esta pesquisa possa contribuir para o estudo das identidades no campo da Comunicação empregando outro quadro teórico, a Pragmática, justificando assim sua importância.

Pesquisando tais práticas comunicativas no *Facebook*, o objetivo geral é demonstrar como, em uma perspectiva Pragmática da Comunicação, as identidades não preexistem ao uso da linguagem, mas são criadas por/com ela. Em vista disso, os objetivos específicos são: 1) após o recorte de pesquisa, descrever e analisar/interpretar as publicações do *Facebook*; 2) verificar os D/discursos destas práticas comunicativas; 3) demonstrar como os efeitos identitários destas práticas comunicativas surgem da/na linguagem.

### 1.3 DESENHO DA PESQUISA

Este capítulo 1 tratou de reconhecer algumas questões. A principal é qual noção de Comunicação este trabalho corrobora. Ao explicitar tal noção buscou-se justificar a adequação do tema aqui enfrentado dentro dos estudos da Comunicação. O que leva, então, a formulação de um “problema comunicativo” para o tema explicitado em tópico específico juntamente com os objetivos de pesquisa. No capítulo 2, será discutida a perspectiva teórica que subjaz este trabalho, qual seja, “as identidades na perspectiva Pragmática”. Este capítulo inicia com uma breve introdução que também justifica a adoção do referido quadro teórico. Como na pesquisa exploratória inicial observou-se a predominância de autores como Hall (2011; 2014) e Bauman (2005) nas teses e dissertações de Comunicação que enfrentaram o

---

<sup>7</sup> Tal noção de “D/discursos” será melhor explorada no tópico 3.3.3.

mesmo assunto (identidades e redes sociais), acredita-se que o leitor da Comunicação pode não estar familiarizado com a Pragmática, motivo pelo qual nos tópicos 2.1 ela é apresentada e, seguindo no tópico 2.2, corrobora-se uma de suas abordagens que focaliza o aspecto social-comportamental do uso da linguagem. Tal abordagem fundamenta-se especialmente na Teoria dos Atos, de Fala de John Langshaw Austin (1975); e na Visão Performativa da Linguagem, leitura da teoria supradita feita especialmente por Kanavillil Rajagopalan (2000) e Paulo Ottoni (1990, 2002), que são os assuntos explorados no tópico 2.3. O capítulo encerra no tópico seguinte perpassando a noção de performatividade trabalhada por Judith Butler (2013) para as discussões de gênero e sexualidade, novamente fazendo um movimento de encontro da teoria com o assunto tratado aqui. Assim, espera-se ter arquitetado o quadro teórico de modo a responder a pergunta e objetivos.

O capítulo 3 expõe o percurso metodológico da pesquisa. O primeiro tópico 3.1 esclarece a natureza da pesquisa, uma análise Pragmática. No tópico seguinte, os procedimentos de geração de dados para análise, desde a escolha dos perfis focais até as ferramentas utilizadas são revelados. O tópico 3.3 situa os conceitos-chave utilizados na análise do material coletado: contexto, sentido e D/discursos.

A análise, por sua vez, aparece no capítulo 4, separada por perfil. Nela os enunciados comunicativos coletados são considerados à luz da teoria enquanto práticas performativas destes sujeitos. Comparecem no momento da análise os conceitos-chave anteriormente explicitados buscando encontrar os efeitos identitários e D/discursos performatizados.

No capítulo 5 estão as considerações finais, em tópico específico é reforçada a relevância e contribuição da pesquisa, em especial por sua perspectiva teórica adotada e, por fim, apontados possíveis encaminhamentos desta pesquisa.

## 2 AS IDENTIDADES NA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA

Olha, eu sabia que eu seria o alvo preferencial na casa. [Bial pergunta: Por quê?] Eu acho que pela questão... por eu ser gay... [Falas sobrepostas] enfim, acho que por isso!  
Jean Wyllys, no BBB5, 2005, TV Globo

Eu sou um homossexual assumido. Nunca fui abusado. Meu pai tem orgulho de mim. Minha mãe tem orgulho de mim. Sou Deputado Federal, ocupo a vaga aqui nessa mesa. Represento a população homossexual e, portanto, sou um homem de sucesso. Não há discurso que negue isso, me desculpem.  
Jean Wyllys, em audiência pública da Comissão de Seguridade Social e Família, 2012, Congresso Federal

Jean Wyllys de Matos Santos, jornalista, comunicador, professor universitário e escritor, ficou nacionalmente conhecido por ter participado e vencido a quinta edição do programa Big Brother Brasil (BBB5), da Rede Globo, em 2005. Foi eleito Deputado Federal pelo Partido Socialismo e Liberdade do Rio de Janeiro (PSOL-RJ) em 2010 e reeleito em 2014 para o mesmo cargo. Jean Wyllys é uma das vozes no Congresso Federal em defesa das causas das minorias LGBT<sup>8</sup>, negros/negras e mulheres. Duas das vezes que publicitou sua identidade sexual estão destacadas logo acima na epígrafe deste capítulo e servirão de reflexão introdutória para justificar e demonstrar a relevância de uma concepção de linguagem para este trabalho.

Observando estes dois momentos distintos de fala em que Jean Wyllys comunica sua identidade gay, notam-se diferentes construções que podem ser observadas e relacionadas à luz de três pressupostos: **antiessencialismo, contextualismo e consequencialismo**.

Na primeira, Jean parece reconhecer uma posição de subalternidade<sup>9</sup> reservada aos gays ao dizer: “eu sabia que eu seria o alvo preferencial na casa”. Como explicou alguns anos depois<sup>10</sup>, Jean quis denunciar a rejeição velada sobre a sexualidade dissidente de seu corpo e o fez dizendo: “Eu acho que [é] pela questão... por eu ser gay [...] enfim, acho que por isso!”. Já

<sup>8</sup> Atual sigla do movimento sobre diversidades sexuais e de gênero. Significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

<sup>9</sup> Nos termos apontados por Spivak (2010), em *Pode o Subalterno Falar?*.

<sup>10</sup> Em março de 2013, Jean Wyllys participou do programa Encontro com Fátima Bernardes, também da Rede Globo, em que comentou o episódio. “Nunca tinha acontecido na história do programa de um candidato receber tantos votos na primeira semana. E era óbvio que essa rejeição era uma rejeição, ainda que não confessada, à minha diferença, ao fato de eu ser gay. Foi a única vez também que eu fiz referência à minha identidade sexual no programa, foi essa vez. A única. Porque estava claro que era esse o motivo. Por isso eu falei. Eu já era assumido. Como professor universitário eu já era assumido, como jornalista eu já era assumido, para minha família eu já era assumido. E eu disse ali, com clareza, aquilo que eu achava que estava vivendo, que era um momento de homofobia mesmo na casa. As pessoas não estão habituadas a ver um gay naquela posição em que eu estava, assumindo quase uma liderança na casa, uma liderança natural. E eles reagiram dessa maneira, votando em massa”. Cf. <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/encont...>>.



na segunda fala, nota-se o empoderamento<sup>11</sup> da identidade gay que Jean fez em seu D/discurso, assumindo um lugar de fala<sup>12</sup> que rejeita qualquer “discurso que negue isso”. Por “isso”, Jean refere-se a si próprio, um “homem de sucesso”, um gay assumido que representa esta mesma população no Congresso Federal, alguém que não foi abusado sexualmente (subvertendo em seu D/discurso o argumento de que os homens gays foram abusados sexualmente na infância e, por isso, são gays) e que é motivo de orgulho para seu pai e sua mãe (novamente, subvertendo também o argumento de que um filho gay seria um motivo de vergonha para as famílias). Estas duas formas distintas que Jean performatizou de sua sexualidade foram observadas à luz do primeiro pressuposto: o antiessencialismo. É dizer que, não existe uma essência em “ser gay”. Evidência disto é que Jean comunicou sua identidade sexual ora denunciando a rejeição que estava sofrendo, ora empoderando-se e rejeitando D/discursos que contradigam que é possível ser um gay de sucesso e/ou qualquer outra rejeição. Diante desta distinção parece ser plausível reafirmar que falar em identidades não é falar em essencialidades. Falar em identidades é falar em fluidez, plasticidade e, principalmente, em construções linguísticas/comunicativas de “lugares de fala” de acordo com as “intenções”<sup>13</sup> do usuário da linguagem. Há, portanto, diferentes maneiras de “ser gay” e comunicar isso. E duas delas estão retratadas nas distintas falas de Jean.

Além de reconhecer o antiessencialismo nestas falas de Jean, é preciso reconhecer ainda que tais construções de sua sexualidade também fazem parte de um contexto<sup>14</sup> em que foram comunicadas. A primeira fala, por exemplo, se dá num programa de televisão, em formato de *reality show*, logo após saber que seria submetido com outra participante à votação popular de eliminação seguindo as regras do programa. O “paredão” como é conhecido entre os espectadores do BBB. Mesmo admitindo que Jean estivesse tão consciente de seu lugar de subalterno na primeira fala no BBB5 como demonstrou estar na explicação dela anos mais tarde no programa Encontro, ou ainda na segunda fala já como Deputado Federal, sua prática linguística revela outras escolhas para aquele contexto. Portanto, como que não totalmente emancipado e empoderado de sua identidade, Jean ainda desejava denunciar a vigilância e punição de sua sexualidade dissidente. Já na segunda fala, Jean participava de uma audiência

---

<sup>11</sup> “Empoderar” é realizar atos performativos para reafirmar a própria identidade e emancipá-la da condição de subalterna, gerando autonomia, liberdade, respeito e sentimento de pertencimento.

<sup>12</sup> O “lugar de fala” neste trabalho é compreendido como criado pela/na linguagem. É performativo, político, iterável e estratégico, portanto. O conceito de iterabilidade será explorado no tópico 3.3.1.

<sup>13</sup> Se o termo “intenções” não “significar” aquilo que objetiva/busca o usuário de linguagem em sua prática comunicativa, “intenções” não é um bom termo.

<sup>14</sup> Falar em contexto na Pragmática é falar em movimento. O contexto não é estático, não encerra nem limita o sentido de um enunciado que, inclusive, pode estar compondo novos contextos. A noção de contexto desta pesquisa será explorada no tópico 3.3.1.

pública da Comissão de Seguridade Social e Família do Congresso Nacional. Já Deputado, portanto, consciente de que sua voz representa agora não apenas a sua identidade sexual, mas também de outras minorias, Jean rompe com as inscrições deste espaço normativo em seu D/discurso sobre sua identidade dissidente. Empodera-se para isso. O antiessencialismo que foi observado, portanto, pode ser também compreendido como estratégia no contexto em que Jean comunicou suas identidades. O primeiro pressuposto está, então, intimamente ligado ao segundo: o contextualismo. A comunicação de identidades também está vinculada aos contextos em que são performatizadas, jamais encerradas e/ou limitadas por eles.

Por fim, ainda é preciso reconhecer que ambas as falas de Jean Wyllys criam efeitos no mundo. Sua primeira fala, por exemplo, marca no BBB5 a posição de minoria marginalizada ocupada por Jean. Posição que, inclusive, pode ser identificada em vencedores anteriores, como a babá Cida. Ambos agiam sem imposição, lidando de maneira harmoniosa com os conflitos. Nem por isso deixando de denunciar tal opressão. Jean identificou na entrevista no programa Encontro que sua fala na época foi representativa para muitos gays e para o movimento LGBT trazendo foco para essa discussão sobre assumir a sexualidade. Sobre a segunda fala, além de marcar sua emancipação de todo “discurso que negue” seu sucesso como homem gay, Jean estabelece um conflito de posições que não somente denuncia a vigilância de corpos dissidentes (como a vigilância que denunciou na primeira fala) como faz questão de reafirmar que aquele lugar que ocupa é de direito de todas as diversidades. A segunda fala do Deputado Jean reforça uma disputa por lugares, por participação, por aceitação, respeito e inclusão da diversidade sexual na política de Estado. No movimento de uma fala para outra, Jean transcende de uma postura do “denunciar a exclusão” para “este lugar também é meu, e é de direito”. Sua fala é simbólica e representativa para a emancipação de diversos outros gays, assim como para a questão que estava sendo discutida na audiência pública. Com isto, se quer chamar atenção para a presença do terceiro pressuposto: consequencialismo.

Destarte, embora falar de identidades parece supor falar em essencialismos (categorias fixas biológicas, naturais e sociais, concebidas em plano anterior da interação indivíduo-mundo e anterior à linguagem), são concebidas com (e na) linguagem de maneira plural, fluída, contextualizada, como ação no mundo e em constante desdobramento de efeitos. As identidades são um devir, estão sempre por acontecer, aguardam sempre por serem

performatizadas, reiteradas e/ou subvertidas. Como observou Ferreira<sup>15</sup> (2002, p. 09 *apud* SILVA, 2008, p. 13), “o lugar da identidade é um lugar sem lugar; em outras palavras, o lugar da identidade está no horizonte do impossível”.

Abordar as identidades nesta perspectiva antiessencialista, contextualista, consequencialista e concebida na linguagem, requer afiliar-se a uma concepção de linguagem que partilhe destes mesmos pressupostos. É por isso que este trabalho segue uma perspectiva Pragmática, sobretudo a partir dos esforços de Jacob Mey (1993).

O tópico a seguir apresenta inicialmente a “Virada Pragmática” na filosofia da linguagem, momento em que as investigações que versaram sobre o uso da língua/linguagem em comunicação (sobre o uso ordinário da linguagem) balançaram o cenário da tradição filosófica marcado pelo Positivismo Lógico. Na sequência explora-se a Teoria dos Atos de Fala de John Langshaw Austin (1975), considerada por pesquisadores do campo como o pensamento de grande influência na Pragmática. Em seguida o texto se alinha a visão performativa da linguagem, especialmente em Kanavillil Rajagopalan (2000) e Paulo Ottoni (1990, 2002), que considera a linguagem o performativo por excelência, isto é, como ação no mundo, como uma forma de vida. Encerrando o capítulo, o texto corrobora da aproximação que a filósofa pós-estruturalista Judith Butler (2013) faz entre performativo e questões de identidade de gênero.

## 2.1 A VIRADA PRAGMÁTICA

Em meados do século XIX, e com força no século XX, a Filosofia faz um movimento de reação ao idealismo e ao psicologismo. Assim, no lugar de refletir sobre as questões do mundo por uma perspectiva centrada na consciência e no sujeito, a Filosofia adota a análise linguística como perspectiva e método na busca de respostas às suas inquietações. Como ressaltou Manfredo Araújo de Oliveira:

A reviravolta linguística do pensamento filosófico do século XX se centraliza, então, na tese fundamental de que é impossível filosofar sobre algo sem filosofar sobre a linguagem, uma vez que esta é momento necessário constitutivo de todo e qualquer saber humano, de tal modo que a formulação de conhecimentos intersubjetivamente válidos exige reflexão sobre sua infraestrutura linguística (OLIVEIRA, Manfredo Araújo, 2001, p. 13).

---

<sup>15</sup> FERREIRA, Élide Paulina. **Uma reconsideração radical da noção de identidade ou a promessa de uma língua?** *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 40, p. 9-16, 2002. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/2257/4737>>. Acesso em: 08/11/2014.

A linguagem assume, então, posição de destaque no fazer filosófico. Este movimento fica conhecido como a “Virada Linguística”. Destacam-se pensadores como Ferdinand de Saussure, Gottlob Frege, Bertrand Russell e o primeiro Ludwig Wittgenstein<sup>16</sup>.

Assim, por influência dos logicistas Frege e Russell, a Filosofia Analítica inicialmente buscou compreender a linguagem como forma de representação do mundo, sobre critérios de verdade e falsidade. Kanavillil Rajagopalan lembra o papel do filósofo e lógico Rudolf Carnap nessa corrente logicista da Filosofia Analítica (a Filosofia em sua aproximação e abordagem pela análise linguística):

Para Carnap, a Sintaxe é antes e em sua verdadeira essência, a sintaxe lógica. Consequentemente, o cerne, o âmago da linguagem é [*seria*] a lógica. [...] o sonho de, quem sabe, um dia a linguagem humana vir a ser inteiramente regida pela lógica em todo o seu esplendor matemático (e, lembre-se de que a matemática foi considerada por Leibniz como a linguagem através da qual o próprio Deus se comunica!) – ainda que, para conseguir tal proeza, fosse necessário colocar a linguagem na proverbial cama de Procrusto. O nome que se dá a esse sonho é ‘Positivismo Lógico’ (RAJAGOPALAN, 1996b, p. 107).

Com efeito, a busca por uma linguagem ideal e exata, livre de tropeços e ambiguidades marca o “sonho” positivista lógico na Filosofia Analítica, que Rajagopalan apontou. A linguagem ordinária era, então, rejeitada ao ponto do que está expresso num famoso título de artigo do filósofo lógico e linguista israelense Yehoshua Bar-Hillel ao chamar a Pragmática de “a lata de lixo” da linguística (BAR-HILLEL, 1971). Entretanto, como Jacob Mey lembrou:

Conforme o tempo foi passando e as pessoas jogando mais e mais de seus problemas não resolvidos com a linguagem nesta lata de lixo, ela se tornou uma coleção não muito organizada de problemas, por vezes, bastante heterogêneos, alguns dos quais não considerados pela linguística como dignos de atenção (MEY, 1993, p.14, tradução nossa).

A “lata de lixo” acaba transbordando com os problemas até então não considerados dignos do sonho positivista, pois versavam sobre a linguagem ordinária, tida como confusa, cheia de problemas e ambiguidades e que excediam os critérios de verdade e falsidade. Assim, no horizonte desse empreendimento logicista surge o segundo Wittgenstein e, especialmente no cenário de Oxford, o trabalho de John Langshaw Austin. A matriz das reflexões que estes filósofos da linguagem iniciaram pode ser sintetizada na seguinte afirmação de Mey:

---

<sup>16</sup> É comum entre os pesquisadores tratar Wittgenstein como em dois momentos em razão de sua forte influência inicialmente na “Virada Linguística” e, depois, na “Virada Pragmática”.

Como para a filosofia da linguagem clássica, pragmaticistas descobriram muito rapidamente que o valor de verdade de uma frase, tomado em sua forma abstrata, era de pouco interesse para o usuário da língua, que raramente ia proferir alguma coisa com a intenção de provar ser verdadeira ou falsa. Normalmente, é muito mais interessante tentar e descobrir por que as pessoas dizem algo, do que se o que dizem é verdadeiro ou falso; esta última consideração pertence a ambientes bastante específicos, como nos debates filosóficos ou a sala de um tribunal (MEY, 1993, p. 14, tradução nossa).

Isto é, pensadores como Wittgenstein e, especialmente, Austin, começam a questionar a hegemonia de tal concepção de linguagem focada numa semântica vericondicional – que se apoiava nos critérios de verdade e falsidade – e passaram a problematizar a linguagem como forma de ação no mundo. Como afirmou Paulo Ottoni,

Austin vai revolucionar não só a Filosofia analítica naquele momento, como vai questionar postulados fundamentais da linguística enquanto ciência autônoma, proporcionando uma gigantesca discussão em torno da filosofia da linguagem. Austin vai interromper e rediscutir o caminho e a supremacia do positivismo lógico (ou logicismo) nos estudos da linguagem. [...] O caminho aberto por Austin é o fortalecimento do estudo da "linguagem ordinária" (OTTONI, 1990, p. 12).

A este caminho aberto especialmente pelo pensamento de Austin deu-se o nome de “Virada Pragmática”. E como sublinhou Mey a respeito:

A "Virada Pragmática" na Linguística pode, assim, ser descrita como uma mudança de paradigma, em que certo número de observações são trazidas para o mesmo denominador prático. Basicamente, o deslocamento é do paradigma da gramática teórica (em particular, a sintaxe) para o paradigma do usuário da linguagem. A última noção será de particular importância para a definição Pragmática, como veremos (MEY, 1996, p. 20, tradução nossa).

Tal mudança de paradigma fica evidente, por exemplo, quando comparada a maneira como Saussure e o segundo Wittgenstein fizeram uso da metáfora do jogo de xadrez. Em seu *Curso de Linguística Geral*, Saussure (2006) identifica a linguagem como um sistema de regras racional por excelência tal qual o jogo de xadrez; os sujeitos só poderiam “jogar” conhecendo as regras do jogo; uma delas é saber o que cada peça faz no jogo – tão função se dá, inclusive, na diferença com as outras peças. Já para Wittgenstein (2000), em *Investigações Filosóficas*, o que interessa observar na metáfora do jogo de xadrez é como as peças são usadas, portanto, o próprio “jogo”; só se sabe jogar, pois se usa do movimento das peças e não porque já se sabe como elas devem ser movidas no tabuleiro; cada peça adquire sentido no jogo, apenas se jogada e por meio de seu papel no jogo. Embora alguns pesquisadores apontem que Saussure já havia previsto esta fluidez do sentido, o que se quer chamar atenção aqui é para o fato de que o paradigma em Saussure era a estrutura e as regras da linguagem e,

em Wittgenstein, o uso da mesma. Esta mudança de paradigma na chamada “Virada Pragmática” está, então, desconstruindo a primazia do sentido como o resultado da relação entre os signos e seus diferentes (Sintaxe e Semântica) e deslocando-a para seu uso (Pragmática).

E como afirma Rajagopalan (1996b, p. 106), as investigações de ordem Pragmática se dão na esteira da aproximação entre Filosofia e Linguística, na Filosofia da Linguagem Ordinária, embora o próprio Austin não tenha demonstrado interesse em chamar seu trabalho de Pragmática. Também é um erro afirmar, diz o autor, que tais investigações tenham relação como os trabalhos pioneiros de semiótica cujos estudiosos cunharam o termo “Pragmática”.

Seria possível falar em “Pragmáticas”? Em face desta questão, o próximo tópico esclarece “Qual Pragmática?” subjaz este trabalho.

## 2.2 QUAL PRAGMÁTICA?

Como assinalou Rajagopalan na apresentação do número especial sobre Pragmática, da revista *Cadernos de Estudos Linguísticos*, “parece muito mais sensato falar em pragmáticas, no plural” (RAJAGOPALAN, 1996a, p. 6).

Com efeito, Elena Godoi<sup>17</sup> (2014) comenta que, no I *Workshop* Internacional de Pragmática foram apresentadas três “metateorias”: 1) o fazer **científico** da Pragmática; 2) o fazer **filosófico** e, 3) o fazer **político**. Em rigor, como ressaltou Godoi, a Pragmática não cumpre as exigências de uma “disciplina”<sup>18</sup> científica por não delimitar seu objeto de pesquisa, mas constitui um conjunto de preocupações, problemas e orientações diversas, tal qual a Linguística, a Sociologia, a Lógica, a Psicologia, entre outras. Todavia, em outro sentido, embora ainda pouco reconhecida, a Pragmática é uma “disciplina” em pleno vigor científico se solidificando como tal por meio do trabalho notório de alguns estudiosos dos últimos anos, defende a pesquisadora. Entre estes trabalhos que buscam delimitar o objeto da Pragmática, suas metas, suas teorias e justificar sua relevância no cenário acadêmico, está o trabalho de Grice (1975), filósofo britânico da linguagem, a partir do qual a Pragmática se desdobrou em, pelo menos, três abordagens: 1) uma lógico-filosófica; 2) social-

<sup>17</sup> GODOI, Elena. **A Pragmática no Brasil: teorias e perspectivas**. Curitiba, 26/11/2014. Notas da Conferência de Abertura do II *Workshop* Internacional de Pragmática (II-WIP), realizado na Universidade Federal do Paraná.

<sup>18</sup> Utilizou-se neste trecho do trabalho a forma “disciplina”, entre aspas, corroborando a constatação de Rajagopalan sobre o não interesse da Pragmática pela existência de uma disciplina, mas sim pela “falta de qualquer *disciplina* (a Foucault devemos o grande *insight* de que a escolha da palavra ‘disciplina’ não foi mera coincidência)” (RAJAGOPALAN, 1996a, p. 6).

comportamental e; 3) natural-cognitiva. Este trabalho versa sobre uma segunda abordagem da perspectiva Pragmática: a social-comportamental.

É importante lembrar o que pontuou Rajagopalan (1996b, p. 106), isto é, que o surgimento da Pragmática se dá na aproximação entre Filosofia e Linguística e não na esteira do termo cunhado por pesquisadores da Semiótica. O termo “Pragmática”, para Rodrigues (1995, p. 23-25), tem origem no grego *h pragma* (*he pragma*) que significava negócio, mas foi de *ta pragmatikh istoria* (*ta pragmatike historia* – significado: uma história verdadeira) que o termo foi incorporado no direito e na filosofia. Continua o autor explicando que em 1842 o termo começou a ser usado em matemática para se referir ao conhecimento que permite uma ação sobre o real. Em 1851 o termo pragmatismo “passou também a designar a corrente filosófica predominante nos Estados Unidos da América, segundo a qual o valor prático de uma proposição é considerado como o critério de sua verdade ou, pelo menos, da sua aceitabilidade.” (RODRIGUES, 1995, p. 25). Neste contexto da filosofia pragmatista, Charles Sanders Peirce distinguia três dimensões do signo. Foi Charles William Morris que deu nome a essas três dimensões: a) Sintaxe: que foca a relação dos signos com outros signos; b) Semântica: a relação entre signos e objetos e; c) Pragmática: foca a relação entre o signo e o usuário (RODRIGUES 1995).

Mey (1993) comenta que a maioria das definições de Pragmática foram inspiradas na seguinte definição de Morris: “[o] estudo da relação entre signo e usuários” (MORRIS<sup>19</sup>, 1938, p. 6 *apud* MEY, 1993, p. 35, tradução nossa). O que distingue a Pragmática dos outros campos da linguagem é seu foco específico no uso da linguagem, enquanto os outros campos focam na competência abstrata do uso (conhecer a língua e suas regras). Nas palavras de Mey: “a Pragmática está interessada no processo de produção de linguagem e em seus produtores, não apenas no produto final, a linguagem” (MEY, 1993, p. 35, tradução nossa).

Assim, abordar a Pragmática apenas como uma terceira dimensão do signo significa limitar sua perspectiva interdisciplinar científica, filosófica e, principalmente, política, lembrando agora as três “metateorias” citadas por Godoi (2014). Ademais, também não corresponde ao *status* atual da Pragmática. Como observou Jair Antonio de Oliveira (2011, p. 4) a Pragmática é uma “uma perspectiva do uso geral da linguagem na comunicação”.

---

<sup>19</sup> MORRIS, Charles William. *Foundations of the theory of Signs* (Vol. 1). Chicago, IL: University of Chicago Press, 1938.

Instaurada na dimensão sociosemiótica da linguagem, a perspectiva pragmática reflete a dinâmica do comportamento comunicativo social dos seres humanos, isto é: uma perspectiva dos vários eventos interativos em que os indivíduos se envolvem socialmente para evitar o “não ser reconhecido”. Os usos da linguagem envolvem tipos de conhecimento que vão além das regras de sintaxe e semântica e não requerem apenas habilidades verbais, mas o domínio de uma ampla variedade de capacidades sociocognitivas. O usuário da linguagem deve colocar ênfase naqueles fatores que, mesmo não estando explicitamente manifestos nos textos e discursos, ainda assim, determinam o sentido desses textos e discursos através de possibilidades difíceis de verificar num primeiro momento (OLIVEIRA, Jair Antonio, 2008, p. 80).

A Pragmática foca no uso que os usuários fazem da linguagem, isto é, como e por que esse uso é feito; e nos efeitos de tais usos. “Em outras palavras, a pragmática está interessada na imensa complexidade dos usos da linguagem cinética, visual e sonora em atos comunicativos nas diversas situações intra e interculturais.” (OLIVEIRA, Jair Antonio, 2011, p. 4). Ou, para usar novamente uma designação de Mey: “Pragmática é a ciência da linguagem na medida em que esta ciência foca o humano usando a linguagem” (MEY, 1993, p. 35, tradução nossa).

Mey também sugere que se lide com a Pragmática como Austin lidou com seus problemas: “Para ele [*Austin*], o único assunto em jogo são os efeitos de nossas ‘palavras’ quando enunciadas e as “coisas” que podemos ‘fazer’ com elas” (MEY, 1993, p. 44, tradução nossa). Rajagopalan também assinalou que “Praticamente tudo o que se faz hoje em dia na área de Pragmática [...] traz marcas inconfundíveis do pensamento desse filósofo inglês” (RAJAGOPALAN, 1996b, p. 105). Seguindo, então, tais considerações, o próximo capítulo explora a Teoria dos Atos de fala de Austin (1975) e sua relevância para o estudo das ações comunicativas por meio da Visão Performativa da Linguagem em Rajagopalan (2000) e Ottoni (1990, 2002).

### **2.3 A TEORIA DOS ATOS DE FALA E A VISÃO PERFORMATIVA DA LINGUAGEM**

Austin foi um filósofo, só porque  
 não havia outra palavra para descrevê-lo.  
 Kanavillil Rajagopalan

A frase de Rajagopalan na epígrafe deste tópico sintetiza o que o filósofo inglês John Langshaw Austin representou para a Filosofia da Linguagem Ordinária, para a própria Filosofia e para a Linguística contemporânea. Suas reflexões provocaram um abalo nos eixos



da Filosofia Analítica e marcou influência em diferentes áreas da ciência contemporânea como a Linguística Aplicada, o Direito e a Psicologia.

“É impossível ignorar a derradeira influência que J. L. Austin tem exercido sobre os rumos da Linguística contemporânea” – disse Rajagopalan, complementando que “praticamente tudo o que se faz hoje em dia na área de Pragmática [...] traz marcas inconfundíveis do pensamento desse filósofo inglês” (RAJAGOPAPAN, 1996, p. 105).

Cabe lembrar aqui que as reflexões de Austin despontam no cenário em que a filosofia se interessava deliberadamente por enunciados que acreditavam descrever condições de verdade ou falsidade do mundo; por uma linguagem ideal. Como apontou Austin:

Por muito tempo os filósofos assumiram que a função de uma ‘declaração’ só poderia ser ‘descrever’ um estado de coisas, ou ‘declarar algum fato’, o que deveria fazer de modo verdadeiro ou falso. Gramáticos, de fato, têm apontado regularmente que nem todas as ‘sentenças’ são (usadas para fazer) declarações: há, tradicionalmente, além de declarações (‘dos gramáticos’) também perguntas e exclamações, e sentenças expressando ordens ou desejos ou concessões. Sem dúvida, os filósofos não têm intenção de negar isso, apesar do uso constante de ‘sentença’ como ‘declaração’. Tampouco se duvida que ambos, gramáticos e filósofos, têm tido ciência de que não é fácil distinguir perguntas, ordens, e assim por diante, de declarações por meio de poucos e incipientes critérios gramaticais disponíveis, tais como a ordem das palavras, modos verbais e similares: embora, talvez, não tem sido habitual se debruçar sobre as dificuldades que este fato, obviamente, levanta. Então, como vamos decidir qual é qual? Quais os limites e definições de cada uma? (AUSTIN, 1975, p. 1-2, tradução nossa).

Embora os filósofos não negassem existir dificuldades em distinguir as sentenças entre declarações e ordens, por exemplo, dedicaram-se por muito tempo apenas as sentenças declarativas – que descreviam o mundo em verdadeiro e falso. A linguagem ordinária era considerada confusa, cheia de ambiguidades e, portanto, rejeitada pela filosofia em suas investigações. Paulo Ottoni esclarece que:

De fato, para muitos filósofos, a linguagem humana cria certas dificuldades para a resolução de questões filosóficas. Subjacente às reflexões de Austin na análise da linguagem ordinária, pode-se dizer que são os filósofos, e os linguistas, que criam dificuldades para o entendimento da “linguagem ordinária”. Daí o seu grande interesse em estudar este tipo de linguagem e não se dedicar ao estudo de uma “linguagem ideal” (OTTONI, 1990, p. 13).

Austin contrapôs tal rejeição da Filosofia Analítica pela linguagem ordinária numa série de palestras que proferiu na Universidade de Harvard, que postumamente foram editadas

e publicadas como sua obra mais lida e comentada: *How to Do Things with Words* (Como fazer Coisas com Palavras/Quando Dizer é Fazer<sup>20</sup>).

Entretanto, Rajagopalan alerta que “é preciso não perder de vista o fato de que uma grande parte daquilo que vem sendo creditado a Austin é na verdade fruto dessa releitura da sua filosofia, a qual venho me referindo como a ‘leitura oficial’”. Tal “leitura oficial” que Rajagopalan se refere é a leitura feita por John Rogers Searle, filósofo norte-americano que foi aluno de Austin. Rajagopalan critica a leitura feita por Searle que, entre outras coisas, “teve como principal consequência o efeito de assegurar que Austin permanecesse na respeitável tradição da Filosofia Analítica como um praticante exemplar – o fenômeno que chamei alhures de ‘domesticação’ de suas ideias” (RAJAGOPALAN, 1996b, p. 107-109).

Otoni também discorda da leitura feita por Searle:

John Searle (1973) faz uma leitura única da obra de Austin. Ele produz uma descrição lógica do *ato de fala* criando a fórmula F(p), que representa as tradicionais noções de verdade e falsidade, sendo que “F” representa a *força ilocucionária* e “p” o *conteúdo proposicional*. Searle deixa de lado assim, o que considero a contribuição mais importante de Austin que foi abrir um campo de reflexão não centrado apenas numa abordagem formalista ou positiva da linguagem. Com a noção de *uptake* se estabelece entre os dois uma distância e uma discordância bastante significativa. Searle, de certo modo, pretende ser “fiel” a Austin, mas não percebe o efeito corrosivo que a noção de *uptake* provocou nas reflexões austinianas sobre os atos de fala. O papel de Searle é ambíguo: se, por um lado, ele tem o mérito de ter introduzido as ideias de Austin no interior das discussões da ciência linguística, por outro, podemos dizer que ele descaracterizou demasiadamente estas ideias, desvirtuando-as de maneira definitiva. Searle, enquanto filósofo da linguagem, é considerado, apesar das diferenças, o sucessor de Austin por ter desenvolvido, nestes últimos trinta anos, uma teoria dos atos de fala. Na realidade, o caráter inovador das propostas de Austin, como tenho insistido, proporciona inegavelmente várias interpretações e a de Searle é apenas uma delas. Muitos estudiosos, dada a influência searlina ao tratar dos *atos de fala* e do *ilocucionário*, não percebem a diferença entre Searle e Austin, não fazendo distinções entre eles, o que deve ser encarado com uma certa cautela por comprometer profundamente as reflexões de Austin (OTTONI, 2002, p. 135-136).

Por noção de *uptake*, em Austin, o sentido dependerá da relação entre aquele que enuncia, o interlocutor e o contexto de tal enunciação. Austin “retira” do sujeito que enuncia o papel centralizador da intenção<sup>21</sup> e do sentido que estava presente em sua própria teoria e o

<sup>20</sup> A primeira sentença é tradução nossa; a segunda está em Austin (1990), refere-se ao título da obra como foi traduzida para o português por Danilo Marcondes.

<sup>21</sup> Por “intenção”, entende-se que “não há uma intencionalidade pré-social, uma vontade a-histórica instilada nos indivíduos agindo de acordo com desejos metafísicos. A intenção é sempre o desejo de alterar estados mentais do Sujeito ou estados de coisas da realidade e não está codificada no sistema interno das pessoas, mas trata-se de comportamentos responsivos às inúmeras e complexas solicitações que lhes são feitas enquanto seres sociais” (OLIVEIRA, Jair Antonio, 2012, p. 4).

“devolve” ao “acaso”, o que foi ignorado na leitura de Searle, de acordo com a crítica de Ottoni supracitado.

Rajagopalan também refletiu sobre as “leituras não oficiais”; isto é, as leituras que questionaram, por exemplo, se deveria ser levado a sério o estilo de Austin como parte importante de seu pensamento:

Fora do “Establishment”, houve quem fizesse perguntas do gênero. Esses leitores concentram-se justamente naqueles elementos do texto de Austin que foram negligenciados ou totalmente ignorados pela leitura oficial. Por exemplo, Stanley Cavell (1995), da Universidade de Harvard, deixou-se impressionar pelos ecos que escutou no texto austiniano de vozes de autores menos esperados como Ralph Waldo Emerson e William Shakespeare. Jacques Derrida detectou as marcas do discurso jurídico que subjazem às reflexões do filósofo, chegando a especular se não estaria Austin o tempo todo preocupado com a dimensão ética das suas próprias preocupações. Stanley Fish e Barbara Johnson, por sua vez, concentram-se no estilo descontraído [*sic*] do filósofo, sendo que o primeiro enfoca as indecisões e frequentes reviravoltas que marcam o texto de *How to Do Things with Words*, enquanto a segunda chama a atenção para a metáfora de teatro que domina praticamente toda a terminologia nova que Austin propõe (‘ato’, ‘performativo’, ‘máscara’ etc.) no mesmo instante em que condena como não-sério o discurso produzido no palco ou na poesia. O que empolga leitores como Shoshana Felman e John Forrester é o aspecto sedutor da retórica austiniana, como também as várias questões de interesse do ponto de vista psicanalítico que suas reflexões suscitam (RAJAGOPALAN, 1996b, p. 110).

Ainda sobre seu estilo, pesquisadores como Silva (2008) e Felman<sup>22</sup> (1980 *apud* SILVA, 2008), consideram que Austin tinha uma “promessa” de uma teoria.

Podemos afirmar que o movimento de Austin é o de prometer ao leitor uma teoria, como já indiciado no próprio título da obra, *How to do things with words*. Queres saber como fazer coisas com palavras? Eis um manual, uma proposta, uma promessa, enfim. Trata-se de uma teoria que, ao mesmo tempo em que desconstrói uma série de crenças tradicionais, como a de que a verdade de um objeto existe independentemente do conhecimento que se tem desse objeto, se sustenta em torno da promessa, que nem sempre será cumprida (SILVA, 2008, p. 28).

Os gestos de Austin de prometer uma teoria e sempre retornar do começo sem cumprir tal promessa; inferidos de falas como “devo apenas levá-los para uma voltinha, ou melhor, alguns tropeções” e “como sempre, não consegui deixar tempo suficiente para dizer por que o que eu disse é interessante” (AUSTIN, 1975, p. 150-151, 163, tradução nossa), são os exemplos considerados, nesta leitura, sobre a promessa de Austin e sua teoria (SILVA, 2008, p. 27-28).

---

<sup>22</sup> FELMAN, Shoshana. *Le scandale du corps parlant. Don Juan avec Austin ou la seduction em deux langues*. Paris: Seuil, 1980.

Por tudo isso, Rajagopalan se disse convencido de que:

a leitura que Searle fez da obra de Austin não passava de uma intervenção definitivamente enviesada e interesseira (*todas* as intervenções têm um pouco dessa característica), com enormes consequências, e que havia outras maneiras de ler Austin e aproveitar seus *insights* – que foram esmagados pelo prestígio e monopólio da leitura promovida por Searle (RAJAGOPALAN, 2010, p. 9).

Ao imbuir seu texto de humor e tropeços declarados, Austin ainda mostrou como questionar a concepção tradicional de objeto de estudo – na qual aquilo que está sendo pesquisado não pode ser afetado pelo pesquisador, ou, como é costumeiramente dito, a ontologia deve ficar imune à epistemologia. E, como Rajagopalan ressaltou “no entender de Derrida, Austin estava o tempo todo empenhado em nos mostrar como tudo isso passava pela linguagem” (RAJAGOPALAN, 2010, p. 11, 8).

Foi em um destes “tropeços e retomadas” que Austin reformulou o conceito central de sua teoria: o **performativo**. Inicialmente, o filósofo fez uma distinção entre atos constativos<sup>23</sup> e performativos. Os atos **constativos**, seriam aqueles cujo propósito era registrar ou transmitir uma opinião de acordo com fatos reais e, por isso, eram verificados em condições de verdadeiro ou falso (AUSTIN, 1975, p. 4-7). Os atos **performativos**, que derivam de *to perform*, verbo do inglês correlato ao substantivo “ação”, “indicam que a emissão do enunciado é a realização de uma ação – e não, como normalmente é considerado, apenas dizer algo”. São aqueles que ao serem enunciados realizam uma ação (*Ibid.*, p. 6-14, tradução nossa). O esquema a seguir mostra como ficou a distinção inicial de Austin:

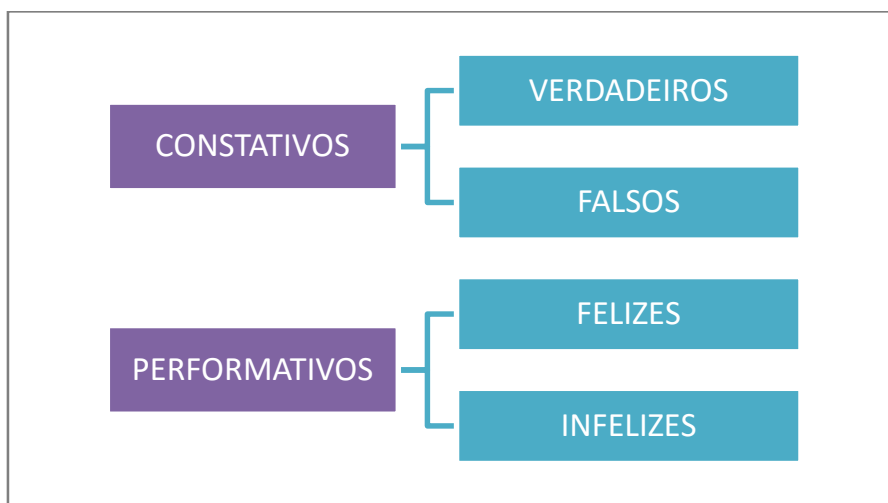


FIGURA 1 – DISTINÇÃO INICIAL ENTRE CONSTATIVOS E PERFORMATIVOS  
 FONTE: AUSTIN (1975)

<sup>23</sup> Algumas traduções utilizam “constatativo”.

Para Austin, como os atos performativos realizam ações não faria sentido verificá-los sob as condições de verdadeiro ou falso. Propôs condições de **felicidade** ou **infelicidade** (*Ibid.*, p. 12-14) e elaborou as seguintes regras para estas condições:

(A. 1) Deve existir um procedimento convencional aceito, que tenha certo efeito convencional, que inclua o procedimento de enunciação de certas palavras, por certas pessoas, em certas circunstâncias e, ainda, (A. 2) as pessoas e circunstâncias específicas de um determinado caso, devem ser apropriadas ao procedimento especial invocado (B. 1) O procedimento deve ser executado por todos os participantes, tanto corretamente e (B. 2) completamente. (Γ. 1) Sempre que, como frequentemente acontece, o procedimento objetive pessoas e certos pensamentos ou sentimentos, ou a instauração de determinada conduta correspondente por parte de qualquer participante, então a pessoa que participar e invocar o procedimento deve, de fato, ter tais pensamentos ou sentimentos, e os participantes devem ter a intenção de se comportarem assim e, ainda; (Γ. 2) devem, na verdade, conduzir-se subsequentemente (AUSTIN, 1975, p.14-15, tradução nossa).

Resumidamente, ou dito de outro modo: A. 1) corresponde a realizar um performativo que é convencionalmente aceito; A. 2) as pessoas que realizam tal performativo devem ser adequadas para tais procedimentos; B. 1) o performativo deve ser executado por todos os participantes de modo correto e; B. 2) completo; (Γ. 1) a intenção deve ser verdadeira ao proferir o performativo, ao participar e deixar conduzir-se nas convenções e; (Γ. 2) devem ser subsequentes. Austin chamou as violações das regras A e B de *misfires* (disparos errados) e as violações das regras Γ de *abuses* (abusos).

O quadro abaixo traz exemplos de situações de violações em que o performativo “Eu aceito”, relacionado a uma cerimônia de casamento, é proferido e pode ser infeliz, isto é, pode não realizar a ação que pretende (casar-se com uma pessoa):

REGRA	DESCRIÇÃO (condição de felicidade)	TIPO DE VIOLAÇÃO	EXEMPLO DE VIOLAÇÃO (condição de infelicidade)
A. 1	Realizar um procedimento convencionalmente aceito	<i>Misfires</i> (disparos errados)	Não se casa com duas pessoas sem que isto seja uma convenção
A. 2	As pessoas e circunstâncias devem ser adequadas aos procedimentos		Não se casa com uma pessoa que já está casada
B. 1	Todos devem executar os procedimentos, de modo correto...		Se quem celebra o casamento disser “Eu aceito”, o casamento não se realiza. Tem de ser dito pela pessoa que está casando
B. 2	...e de modo completo por todos os participantes		Se apenas uma das pessoas casando disser “Eu aceito” não se realiza o casamento
Γ. 1	A intenção dos participantes deve ser verdadeira...	<i>Abuses</i> (abusos)	Quando se diz “Eu aceito” não deve ser insincero ou sob ameaça
Γ. 2	...e deve ser conduzida subsequentemente		O casamento deve subsequentemente conduzir outras ações performativas

QUADRO 1 - REGRAS DE FELICIDADE DOS PERFORMATIVOS  
FONTE: O AUTOR (2015), COM BASE NOS CRITÉRIOS DE AUSTIN (1975)

Austin deixou claro que as seis regras são importantes, embora possam parecer muito próximas, às vezes. As violações das regras do grupo “A” são violações das convencionalidades; já as do grupo “B”, são tropeços ou falhas de execuções; e as do grupo “T” são violações por insinceridades (*Ibid.*, 18-24).

Nas duas próximas conferências, logo após ter elaborado estas regras, Austin se dedicou a explorar os casos de infelicidade dos performativos. Na IV conferência, especificamente, comparou as regras “T” com as condições de verdade dos constativos. “Devo tomar casos importantes que devem ser verdadeiros para que o performativo seja feliz (não todos – mas mesmo estes de agora parecerão maçantes e triviais o suficiente: Espero, pois isso vai significar que já serão ‘óbvios’)” (*Ibid.*, p. 45, tradução nossa). O exemplo do autor foi “Peço-lhe desculpas”, em que:

(1) é verdadeiro, e não falso, que estou fazendo (já fiz) algo – na realidade, inúmeras coisas, mas, em particular, que estou pedindo desculpas (pedi desculpas); (2) é verdadeiro, e não falso, que certas condições foram atendidas, em particular, as do tipo especificadas nas regras A. 1 e A. 2; (3) é verdadeiro, e não falso, que outras condições também foram atendidas, as de tipo  $\Gamma$ , de que estou pensando em algo e; (4) é verdadeiro, e não falso, que estou empenhado a fazer algo subsequentemente (AUSTIN, 1975, p. 46, tradução nossa).

De tal forma que o enunciado “Peço-lhe desculpas”, ao ser proferido em condições de felicidade, realiza a ação de pedir desculpas. E o constativo em que se transforma: “realizou tal ação de pedir desculpas/pediu desculpas”, será verdadeiro. O exemplo fica melhor na fala de Veras<sup>24</sup> (2012), que utiliza o exemplo da frase “A sessão está aberta”: o enunciado performativo que abre a sessão (obedecendo, portanto, as seguintes regras de felicidade: A. 1 – proferido em um local com uma sessão prevista; A. 2 – onde estejam presentes o presidente e os participantes, também previstos; B. 1 – quando o presidente pronunciar tal enunciado de maneira correta; B. 2 – quando todos compactuarem com tal declaração e;  $\Gamma$ s – quando o enunciado foi proferido com sinceridade) é feliz e se transforma no constativo que é uma declaração verdadeira sobre o *status* atual da seção. Assim, “o constativo é um performativo feliz, que se tornou verdade” (*Id.*).

Neste momento de tensão, entretanto, Austin reconhece: “Sim, eu sei, nós nos atolamos de novo. Sentir escorregar sob os pés o firme terreno dos preconceitos é exaltante, é preciso esperar por alguma desforra” (AUSTIN, 1975, p. 61 *apud* DERRIDA, 1991, p. 34). E

---

<sup>24</sup> VERAS, Maria Viviane do Amaral. **A tradução como performance ilocucionária**. Campinas, 23/11/2012. Notas da mesa-redonda: Atos de fala em tradução - efeitos e afetos, do evento: Meio século de teoria dos atos de fala – Austin e seus leitores; realizado pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

por notar que tal distinção entre constativos e performativos levavam à ocorrência de infelicidades em ambos, alertou: “Devemos considerar a situação total em que os enunciados são proferidos – o ato de fala em sua totalidade – se pretendemos ver o paralelo entre enunciados constativos e performativos, e como cada um pode dar errado” (AUSTIN, 1975, p. 52, tradução nossa). Por diversas vezes, Austin sugere que, pelo menos de alguma maneira, exista a possibilidade de anular a distinção entre constativos e performativos (*Ibid.*, p. 54, 55, 59, 65, 68). A conclusão mais direta surge em:

Agora vamos considerar onde estamos por um momento: começando com o suposto contraste entre enunciados performativos e constativos, encontramos indícios suficientes de que a infelicidade, no entanto, parece caracterizar os dois tipos de enunciados, não apenas o performativo; e que o requisito de conformidade ou de alguma relação com a realidade, diferentes em diferentes casos, parece caracterizar performativos, para além do requisito de que eles devem ser felizes, de modo semelhante ao modo que é característico de supostos constativos. [...] É hora, então, de um novo começo para o problema (*Ibid.*, p. 91, tradução nossa).

Assim, ao demonstrar que tanto os constativos quanto os performativos podiam ser felizes e/ou infelizes e, de certo modo, verdadeiros/falsos, como no exemplo de Veras (2012) na página anterior, Austin abandona esta distinção e elabora a nova proposta. O esquema a seguir busca elucidar visualmente a nova distinção de Austin.

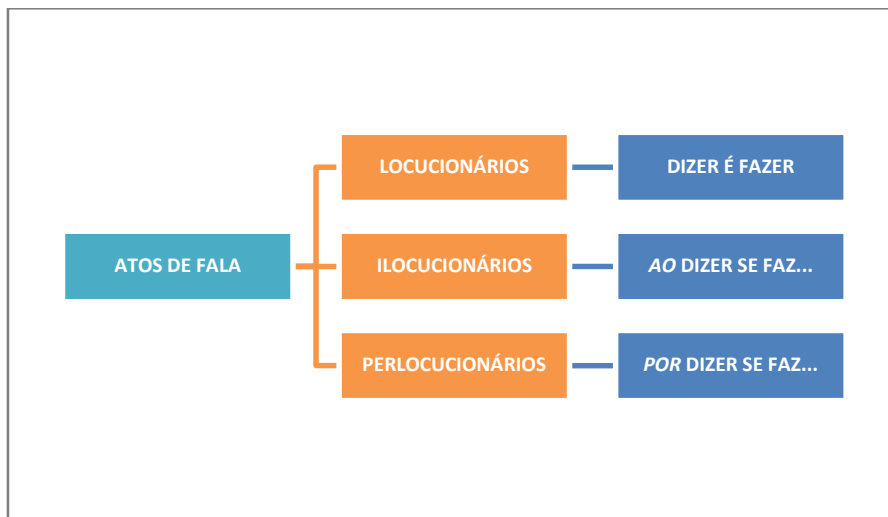


FIGURA 2 - ATOS DE FALA  
FONTE: AUSTIN (1975)

A nova distinção propõe que todo dizer é sempre fazer algo em diferentes níveis: a) é proferir certos sons que são aceitos na convenção de certo vocabulário e gramática, e que constituem certas palavras com certo sentido estrito: **o ato locucionário**; b) é realizar uma ação como avisar, constatar, informar, alertar, entre outros, por meio de determinado

enunciado dando uso às palavras em determinado contexto: **o ato ilocucionário** e; c) há situações em que ao realizar os atos locucionário e ilocucionário também é possível realizar o ato de produzir certos efeitos ou consequências, com ou sem intenção, sobre os sentimentos, pensamentos e ações dos interlocutores ou de outras pessoas: **o ato perlocucionário** (*Ibid.*, p. 94-108). Como afirmou Danilo Marcondes:

[Austin] propõe, portanto, que sua concepção do uso da linguagem como uma forma de agir seja estendida para toda a linguagem, considerando o ato de fala como a unidade básica da significação e, tomando-o, por sua vez, como constituído por três dimensões integradas ou articuladas: respectivamente os atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário (MARCONDES, 2006, p. 224).

Por isto, os constativos são uma forma de performativo, pois dizer algo é sempre realizar uma ação, mesmo que esta ação seja afirmar algo, constatar que algo é verdadeiro ou falso em sua correspondência com o mundo.

A seguir alguns exemplos procuram explicitar tais dimensões dos atos de fala.



FIGURA 3 – PUBLICAÇÃO NO FACEBOOK  
FONTE: FACEBOOK (2014)

A FIGURA 3, uma atualização publicação no site de rede social *Facebook*, pode ser facilmente compreendido por falantes da língua portuguesa. Essa dimensão dos ruídos ou, neste caso, das palavras, em conformidade com uma gramática, reunidos e produzindo um som/leitura e um sentido determinado é a dimensão do ato locucionário. Dito de outro modo, qualquer usuário da língua portuguesa entenderá de que trata o enunciado, isto é: de que existe um velho ditado que é clichê, pois todos o repetem, que quanto mais se conhece as pessoas, ou seja, quanto mais se relaciona com elas e conhece sua personalidade, mais se acaba gostando de animais, pois estes seriam mais fáceis de lidar e/ou desapontam menos, em algum sentido. Por fim, que o autor desse enunciado concorda que isso seja “verdade...”.

A dimensão do ato ilocucionário diz respeito à ação que é feita ao dizer alguma coisa. O que fazemos quando usamos as palavras, como diz Austin. Poderíamos dizer, por exemplo, que: a) o sujeito desse enunciado acaba de se decepcionar com algum de seus



amigos e isso é uma expressão de desabafo; b) pela expressão final “verdade...”, o sujeito pode querer dizer que, com base na sua experiência, realmente se desaponta muito com as pessoas, por isso emite uma declaração de assertividade, ou seja, o ditado é verdadeiro haja vista o que aconteceu com ele ou; c) que o sujeito sabe que o amigo específico que o decepcionou irá ler sua publicação e isso se tornaria um aviso/indireta de sua decepção, portanto. Dito de outro modo, o ato ilocucionário diz respeito à “força de sentido” que um ato locucionário ganha quando é enunciado em determinado contexto. Se for outro o contexto, se admitirmos que o amigo desse sujeito do exemplo não possui conta no *Facebook*, por exemplo, podemos descartar a terceira possibilidade (pelo menos se o sujeito não tiver a intenção de fazer essa indireta a outros de seus colegas também) e assumir a primeira como força ilocucionária.

Ao proferir seu enunciado, o sujeito realizou uma ação que pode ser o desabafo, o aviso/indireta, uma declaração de assertividade do ditado. Observe que na dimensão do ato ilocucionário, o aviso/indireta, por exemplo, não foi declarado no enunciado, mas foi realizado como ação por meio dele. Não foi dito, por exemplo, “Fulano de Tal você me desapontou com sua atitude. Sabe aquele ditado ‘x’? Pois bem, penso que seja verdadeiro baseado em nossos contatos”, ou algo similar. Embora não tenha dito, a ação foi realizada.

Por fim, há a o ato perlocutório. Ao proferir a sentença acima o sujeito espera causar algum efeito nos seus interlocutores que pode ser: a) que seus colegas perguntem o que foi ou que demonstrem apoio pelo seu desabafo; b) que concordem com sua declaração de assertividade ou que compartilhem que concordam com a sentença; ou; c) que o amigo específico alvo da indireta veja sua publicação e lhe peça desculpas, ou que venha a ficar sabendo da decepção que causou no sujeito da enunciação.

É importante ressaltar que estes três atos ocorrem simultaneamente e de maneira independente na enunciação. Ao mesmo tempo em que vocaliza ou escreve o enunciado, o sujeito também realiza uma ação que ganhará força ilocucionária pelo contexto e irá gerar efeitos que podem ou não corresponder à intenção do sujeito. Esta intenção, de acordo com o sujeito que enuncia, vai depender de o interlocutor reconhecer a intenção do enunciado como “indireta” ou não, por exemplo. Ou, ainda, se outro amigo ao ler a publicação reconheceu essa intenção como “desabafo” e por isso a curtiu para mostrar apoio. Ou, ainda, se outro amigo qualquer também a compreendeu como “indireta” e, por já ter passado pela mesma situação, curtiu a publicação mostrando que concorda com o que foi observado nela. Como observou Derrida (1991, p. 33) a intenção está presente no ato enunciado, mas não irá governar a cena e o sistema de enunciação.

Outro exemplo:



FIGURA 4 - FIGURA DO *FACEBOOK*  
 FONTE: *FACEBOOK* (2014)

A FIGURA 4 foi compartilhada no site de rede social *Facebook* em dois contextos: 1) por uma página dedicada a veicular conteúdo motivacional e autoajuda, inclusive de humor nesse sentido e; 2) por uma usuária do *Facebook*. Ambas as imagens foram compartilhadas numa segunda-feira, no período da manhã.

O ato locucionário do enunciado, podemos inferir, em ambos os contextos refere-se ao sujeito que questiona em tom de expressão: “Segunda Feira?!”. E aí pede por “forças” para aguentar alguma situação, provavelmente o próprio dia de segunda-feira, por alguma razão específica.

O ato ilocucionário, como foi possível observar, dependerá da averiguação do contexto e dos interlocutores. Até que se investigue isso, o que é possível fazer são inferências. Por exemplo, no contexto do primeiro uso, na página, a segunda-feira é conhecidamente um dia “difícil” de trabalho para aqueles que têm sua folga no domingo. A força ilocucionária desse ato, portanto, pode ser de exclamação. O ato ilocucionário no segundo caso, da usuária, pode ser um desabafo, claro, o que não deixa de ser também uma exclamação. Ou ainda ela pode estar fazendo uma reclamação, de que a segunda-feira está sendo difícil no trabalho e que é preciso força e paciência.

A página que compartilhou a imagem pela primeira vez citou outra página no *Facebook*, com conteúdo voltado para emagrecimento. Suponhamos que esta imagem tenha sido compartilhada nessa página também, poderíamos inferir agora que a força ilocucionária

do ato seria de uma exclamação do sentimento daqueles que estão relacionados com o assunto emagrecimento, de que a segunda-feira é um dia de começar dieta e, portanto, é preciso determinação nesse sentido.

Já sobre o ato perlocutório, os efeitos vão depender evidentemente das condições acima serem verificadas. A primeira delas pela qual poderíamos começar uma investigação são as curtidas (*likes* no *Facebook*), que são um tipo de “comentário positivo” sobre o que se gosta no *Facebook*. É uma maneira de demonstrar que se gostou do conteúdo ou página sem precisar deixar um comentário. Até mesmo essa opção, entretanto, é suspeito de que aprofunde o conceito de ato perlocutório, haja vista que os usuários do *Facebook* não curtem as publicações pelos mesmos motivos. E, embora descrito como uma forma de curtir positivamente o conteúdo, é suspeito ainda que nem todo curtir represente exatamente uma postura positiva com relação ao conteúdo. Por exemplo, pode ser apenas um ritual de troca de capital social da rede (não é à toa que muitos usuários utilizam a *hashtag* #likesforlikes, que significa que curtirá as publicações daqueles que curtirem as suas, numa troca de *likes*).

Do sentido relacionado a trabalho para dieta (entre outros tantos possíveis), essas inferências só serão possíveis se observarmos a intenção, o sujeito que enuncia, o enunciado, o contexto, os interlocutores, o como e o porquê esses viventes usaram a linguagem; ainda que enquanto nos atos locutórios o sentido aproxime-se ou “permaneça”. Não se trata, portanto, apenas das diversas possibilidades semânticas de um ato de fala, mas sim do sentido que ele adquire em seu uso. “O sentido que um enunciado adquire em função das determinações das pessoas, dos lugares, dos momentos e das razões que levam a sua enunciação é função da sua dimensão pragmática” (RODRIGUES, 1995, p. 26).

Austin ainda elaborou classes de forças ilocucionárias, em que os atos locucionários realizam algumas ações no mundo. Estas forças serão retomadas no tópico 3.3.5. No tópico a seguir demonstra-se a aproximação realizada por Butler entre performativo e identidades.

## **2.4 O PERFORMATIVO E AS IDENTIDADES**

A Pragmática e a Teoria dos Atos de Fala de Austin têm sido utilizadas por diversos pesquisadores, alguns deles inclusive com usos surpreendentes ao que pensava seu expoente inicial, como argumentou Rajagopalan (1996).

Um destes usos que provocou profunda reviravolta em seu campo foi feito por Butler, filósofa pós-estruturalista estadunidense. Butler é uma das principais expoentes do feminismo na atualidade, principalmente em razão do uso do performativo para pensar as

questões de gênero. Esse conceito em Butler não apenas retoma uma agência humana na criação de identidades como, principalmente, na comunicação delas.

Butler inicia suas reflexões em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* abordando a questão do sexo em Simone de Beauvoir, filósofa e feminista francesa conhecida por sua frase “A gente não nasce mulher, torna-se mulher”. O discurso do “ser mulher” está circunscrito por um discurso de três níveis, identifica Butler: a) o sexo biológico, a anatomia e a ordem cromossômica: o masculino ou feminino de acordo com essas categorias; b) a identidade social e cultural: o gênero, enquanto papel social, em que as características se dividem entre “ser homem” e “ser mulher”, construídas socialmente e; c) a sexualidade ou desejo: também organizada em linhas binárias em que homens sentem desejos por mulheres e mulheres por homens. Logo, para a matriz binária e heterossexual, estas coisas devem estar alinhadas. Assim, seria o sexo biológico que determinaria o gênero e a sexualidade, isto é: aquele que tem seu corpo marcado como do sexo masculino, socialmente estará convocado a ser homem e, portanto, deverá sentir desejos sexuais por mulheres. Esses três níveis seriam, então, o que definem uma essência do feminino ou masculino enquanto um “verdadeiro eu”, uma identidade de gênero (BUTLER, 2013).

Todavia, “problemas de gênero” começam a surgir em confronto com a desconstrução que Butler faz. Primeiro, na racionalidade moderna, algumas linhas do pensamento feminista como a filosofia francesa da década de 1970, argumentavam ser importante o binarismo para o estabelecimento da razão moderna. Beauvoir aceitava o sexo como sendo masculino ou feminino, aceitou isso já em 1949 quando escreveu seu ensaio *O segundo sexo*, mas negava que esta “condição” do corpo implicava no que é ser homem ou mulher, culturalmente falando. Essa implicação do gênero a partir do corpo sexuado seria o objeto de esperanças políticas, portanto, uma relação de poder na construção de gêneros em sociedade. Evidente que é cultural, mas uma relação de criação cultural variável do corpo sexuado. Butler, então, nota que essa questão oferece duas possibilidades e problemas para o feminismo: a) por um lado, se sexo não tem causalidade com gênero, um corpo feminino pode aplicar um gênero masculino e o contrário igualmente. Ou ainda, pode haver uma proliferação de gêneros ao invés de dois; b) por outro lado, isso concederia a uma naturalização maior do fato ou naturalidade do sexo. No lugar de entender, portanto, o sexo como uma categoria pré-cultural do gênero e da fabricação de gêneros, Butler diz que é possível entendê-lo como também culturalmente designado. Aliás, Butler pensa que o feminismo deveria desafiar essa naturalização do sexo também (LOXLEY, 2006, p. 115-116).

Nossas identidades não são dadas pela natureza ou simplesmente representadas ou expressas na cultura: em vez disso, a cultura é o processo de formação de identidades, o modo no qual os corpos e os “eus” em toda a sua diferença são produzidos. Então, a cultura é o processo, uma espécie de/do fazer, e somos o que é feito e refeito por este processo. Nossas atividades e práticas, em outras palavras, não são expressões de alguma identidade prévia ou as realizações feitas antes mesmo das ações, mas o próprio meio pelo qual nos tornamos o que somos (LOXLEY, 2006, p. 118, tradução nossa).

Loxley reconheceu a proposta de Butler. Note-se a complexidade do que propõe Butler: não apenas a identidade de gênero estaria sendo forjada, mas também o próprio corpo sexuado, “a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2013, p. 25). Butler, portanto, vai mais longe com a desconstrução na questão de identidades de gênero e, não a toa provocou a reviravolta no campo.

Comecei pela questão especulativa de saber se a política feminista poderia funcionar sem um “sujeito” na categoria de mulheres. A questão em jogo não é se ainda faz sentido, estratégica ou transicionalmente, fazer referência às mulheres para fazer reivindicações representativas em nome delas. O “nós” feminista é sempre e somente uma construção fantástica, que tem seus propósitos, mas que nega a complexidade e a indeterminação internas do termo, e só se constitui por meio da exclusão de parte da clientela, que simultaneamente busca representar (BUTLER, 2013, p. 205).

Evidente que Butler também não relativiza para o outro lado da questão. Ou seja, o corpo também não é mero receptáculo das inscrições culturais que são delineadas em sociedade.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos (BUTLER, 2013, p. 25).

Butler, então, se apoia no performativo de Austin para discutir como o gênero é uma construção performativa, através de gestos repetidos no uso da linguagem. E não mera constatação ou expressão do corpo sexuado e de seu gênero e sexualidade. O “ser mulher” ou “ser homem”, desde o corpo sexuado até o desejo, são socialmente construídos por meio dos atos performativos, por meio do performativo. Isto é: para usar um exemplo de Butler, ao dizer “É menina!” à mãe que acaba de dar a luz, se realiza uma ação que é atribuir a este corpo que acaba de nascer um sexo, uma identidade de gênero e uma sexualidade. Esta

menina que acaba de nascer deverá ser mulher e “agir como tal” em sociedade. Essa concepção invoca o “aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”, ou seja, um gesto performativo e não uma inscrição cultural no mero receptáculo do corpo ou coisa dada antes da ação da linguagem (BUTLER, 2013, p. 25).

Em uma rápida comparação com a identidade nacional de Hall (2011), a cultura cria posições de sujeito que teremos que ocupar, entre elas, por exemplo, a de ser brasileiro. Ser brasileiro não é uma categoria nem linguística, nem cultural, nem racial do que é “ser brasileiro”. Não há um “ser brasileiro” antes que isso seja colocado em ação no mundo, assim como não existe um “ser brasileiro” que precise apenas manifestar-se em algum sujeito no mundo, como se fosse uma categoria pronta que requisita esse sujeito para assumir essa posição. Essa identidade é constituída e reconstituída no processo, na ação, na prática comunicativa de “ser brasileiro”. É por meio do performativo que ela ao mesmo tempo reforça essa identidade ou a subverte.

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma temporalidade social constituída. Significativamente, se o gênero é instituído mediante atos internamente descontínuos, então a aparência de substância é precisamente isso, uma identidade constituída, uma realização performativa em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença (BUTLER, 2013, p. 200).

O “solo” do qual Butler retira o gênero (e o sexo e a sexualidade, por conseguinte) sai do pré-linguístico e vai para a linguagem. A inscrição repetitiva dos atos de fala performativos é, na visão de Butler, o que constitui uma ilusão de um gênero permanente. E serão também a única saída de subversão dessa mesma fantasia. Com isso, Butler introduz conceitos de Derrida como: iterabilidade e citacionalidade.

Assim, em que sentidos o gênero é um ato? Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação (BUTLER, 2013, p. 200).

Em outras palavras, o mesmo ato que repete o gênero pode legitimá-lo ou subvertê-lo. Por exemplo, a *drag queen* quando performatiza o gênero feminino está, ao mesmo tempo

reforçando-o por meio da modificação de seu corpo, vestimentas e trejeitos, mas também subvertendo-o fazendo de um gênero destinado compulsoriamente a um corpo feminino agora num corpo masculino. Essa repetição é compulsória, mas não completamente determinada. O gênero não é apenas uma norma que todos estão obrigados a cumprir, mas se tornam assim pela repetição. Do mesmo modo que a repetição reafirma a ordem compulsória do gênero, ela também pode fazer o inverso.

Assim, a expressão “atos de fala” pode, a partir das contribuições de Butler, passar a ser compreendida como “atos performativos”, pois, como Butler demonstrou compreendem ainda gestos, vestimentas, o próprio corpo, papéis sociais. Enfim, o performativo se liga às identidades justamente para recuperá-las na dimensão ética e política da vida social. Na sequência são apresentadas as escolhas metodológicas do trabalho.

### 3 PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO

Busca-se demonstrar neste capítulo todo o processo de investigação. Em primeiro lugar, esclarece-se o tipo de pesquisa. Depois são apresentados os procedimentos de geração de dados, considerando, inclusive, questões ético-teóricas<sup>25</sup> da pesquisa. Por fim, comparecem os conceitos-chave para a etapa de análise. Tais conceitos estão alinhados ao quadro teórico do trabalho e não é a intenção resolvê-los, mas explicitá-los enquanto o que subjaz o trabalho de análise.

#### 3.1 A PESQUISA: UMA ANÁLISE PRAGMÁTICA

É importante reiterar: a Pragmática não é uma metodologia. Ela é uma perspectiva sobre o uso da linguagem e, por isso, será considerada como a própria “metodologia” com a qual serão analisados os dados coletados. Nas palavras de Braga:

O mestrando e o doutorando devem ser estimulados a perceber que a noção de “metodologia” se relaciona a toda uma diversidade de ações de encaminhamento, assim como a uma variedade de instâncias de reflexão; e que as tomadas de decisão, passo a passo, implicam a necessidade de fazer distinções entre níveis e dentro de cada nível de elaboração (BRAGA, 2011, p. 8).

Nos modelos e classificações atuais, esta pesquisa pode ser considerada: 1) mais geral e abrangente, **quanto ao modelo, paradigma e visada**, uma pesquisa pragmatista (no sentido dado pela Pragmática da Comunicação); 2) **quanto às questões teóricas**, sustenta-se especialmente na Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1975) e suas interpretações (RAJAGOPALAN, 2000; OTTONI, 1990, 2002), especialmente naquelas ligadas ao tema identidades (BUTLER, 2013; COSTA, 1992); 3) **quanto à abordagem**, esta é uma pesquisa qualitativa, pois procura aprofundar o tema aqui exposto e os dados se valem das diferentes abordagens (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31-32); 4) **quanto aos objetivos**, esta pesquisa é exploratória e interpretativa, pois, como apontado em Gil (2007), procura compreender um fenômeno mais profundamente e se vale de exemplos para estimular esta compreensão; 5) **quanto aos procedimentos**, trata-se de um estudo de caso:

---

<sup>25</sup> As questões são “ético-teóricas”, pois, como será mostrado na sequência questões éticas e teóricas são impossíveis de ser separadas. O trabalho de pesquisa, este especialmente, também deve ser encarado como uma questão ética e política.



Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. **O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe.** O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, **ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador** (FONSECA<sup>26</sup>, 2002, p. 33 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 39, grifo nosso).

O estudo de caso compreende a possibilidade de trabalhar com um único indivíduo ou um grupo bastante reduzido para obter melhor compreensão sobre o fenômeno, entretanto, confronta o quadro teórico e as questões ético-teóricas desta pesquisa quando diz que o pesquisador não pretende intervir no objeto – conforme será demonstrado no tópico 3.2.1, a própria atividade de pesquisa é uma interferência no mundo. Por fim, 6) **quanto às técnicas**, embora com a observação realizada (dos perfis e de suas interações nos blogues<sup>27</sup> e nos grupos), não há observação ampla e sistemática o suficiente, em razão do curto tempo, para classificar esta pesquisa como uma netnografia (etnografia na Internet). Também porque não houve interação entre pesquisador e sujeitos/objetos pesquisados, nem se deu ênfase no processo, mas nos resultados finais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 41). Já a etapa em que, dentre as publicações dos perfis, se escolheram apenas as publicações pertinentes à análise ligadas ao tema da pesquisa, poderia ser classificada como uma análise temática. Esta supõe, entretanto, a transparência da linguagem em uso (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 86) e isto também confronta a base teórica.

Assim, a sequência acima, especialmente nos itens 5 e 6, se mostra limitada ou porque confronta o quadro teórico ou porque o tempo não era necessário para uma investigação imersiva e prolongada como a netnografia. E, como ensina Braga:

Embora apresentadas em uma espécie de sequência, acima, na verdade não há um ponto de partida definido para as tomadas de decisão na pesquisa – elas começam em qualquer ponto e se desenvolvem em todas as direções. Retornam em reiteração, de cada nível para todos os outros. O que importa, nesse espaço, é perceber que em todos os níveis e a cada passo da pesquisa, o pesquisador é solicitado a tomar decisões, teórico-epistemológicas ou práticas – e geralmente envolvendo articulações entre estas duas ordens. A exigência de reflexão metodológica sobre todos esses elementos corresponde ao que considero um conceito geral de “metodologia”. [...] Ora, uma pesquisa em andamento oferece toda uma variedade de testes e critérios. A cada decisão tomada, a cada encaminhamento previsto, podemos sempre observar sua incidência sobre os demais pontos da construção em processo (BRAGA, 2011, p. 9, 10).

<sup>26</sup> FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

<sup>27</sup> Cf. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>>.

Assemelhando à ação do usuário da linguagem, e lembrando uma expressão de Derrida, Jair Antonio de Oliveira (1999; 2002) chamou de *bricoleur* este movimento de utilizar o que se encontra disponível quando os problemas surgem. Assim, também é possível afirmar com Pinto<sup>28</sup> (2014), que este trabalho está mais comprometido com o problema analisado do que com os modelos epistemológicos e metodológicos. Nas palavras da pesquisadora: “a análise precisa se comprometer mais com o problema analisado do que com qualquer modelo epistemológico”. Marcondes (2006, p. 229) também defende que “a metodologia de análise deve levar em conta o caráter fragmentário, indireto, implícito e variável da linguagem”. É o paradigma e modelo de Comunicação (pragmatista/pragmaticista) que orientam a abordagem teórico-metodológica deste trabalho.

Optou-se, então, por classificar esta pesquisa como “uma análise pragmática”, isto é,

uma **interpretação pessoal** das restrições e transgressões que integram o “Mundo do Uso” da linguagem, de acordo com o nosso conhecimento (implícito e explícito) dos usuários e suas crenças, e com as expectativas que decorrem deste conhecimento. É uma “interpretação pessoal” porque no universo pragmático não há espaço para o estabelecimento de regras estritas para a leitura dos discursos, e uma descrição dos usos da linguagem nos textos jornalísticos não seguirá os mesmos moldes de previsibilidade que a semântica ou a sintaxe, por exemplo, adotam. Nem os métodos “exatos” que ciências como a matemática ou a biologia empregam. Obviamente, é um “método” de abordagem cujo objeto é: **qual o propósito de tal uso linguístico** (OLIVEIRA, Jair Antonio, 1999, p. 123).

Rajagopalan (2014 p. 22) concorda que “a pragmática é um ramo de conhecimento altamente *interpretativo* e não meramente descritivo ou analítico”. Esta é a definição que mais satisfatoriamente combina as classificações vigentes da pesquisa quanto aos paradigmas, modelos teóricos, abordagens, procedimentos e técnicas, com as críticas já assinaladas aqui. É dizer que, não exclui as práticas correntes da pesquisa, mas ressalta os fundamentos do paradigma pragmatista para a pesquisa ao afirmar, por exemplo, que não há espaço para regras estritas de interpretações, o que faz da pesquisa uma “interpretação pessoal” do próprio autor deste trabalho. Com efeito, uma definição clara, precisa e completa seria impossível e incoerente neste momento e neste trabalho. Por fim, cumpre-se dizer que se espera, acima de tudo, que estas colocações não sejam compreendidas como um desrespeito e/ou descrédito dos modelos vigentes ou da própria atividade de pesquisa, mas como um esforço de imprimir nela o movimento característico da linguagem.

---

<sup>28</sup> PINTO, Joana Plaza. **Epistemologia da Pragmática**. Curitiba, 27/11/2014. Notas da Mesa Redonda: Epistemologia da Pragmática, do II Workshop Internacional de Pragmática (II-WIP), realizado na Universidade Federal do Paraná.

## 3.2 PROCEDIMENTOS PARA A GERAÇÃO DE DADOS

Os procedimentos utilizados na geração e tabulação de dados serão explicitados na sequência. Inicialmente, serão esclarecidas possíveis questões ético-teóricas desta pesquisa ao leitor. Em seguida, será descrito e justificado todo o processo da observação de grupos no *Facebook* até a escolha dos perfis focais da pesquisa. Após, é apresentado o processo manual utilizado na coleta e tabulação das publicações analisadas de cada perfil. Por fim, serão explorados os conceitos-chave que subjazem a análise.

### 3.2.1 Questões ético-teóricas da pesquisa

São três as questões que se pretende ter esclarecidas aqui e que, acredita-se, possam gerar possíveis dúvidas ético-teóricas ao leitor: 1) sobre o que são os “dados” da pesquisa; 2) o uso dos dados e a privacidade dos sujeitos focais e; 3) o compromisso social e político desta pesquisa.

Sobre a primeira questão, Rajagopalan (2014) ensina que o pesquisador em Pragmática (e em Comunicação) deve reconhecer que um “dado” não é algo preservado ontologicamente que aguarda a descoberta do pesquisador e que, portanto, sustentará irrefutavelmente uma tese. Ele é sempre fabricado para atender às necessidades do próprio recorte e problema de pesquisa. Não é muito dizer ainda que poderá atender, também, a produção situada do conhecimento (conforme será demonstrado no tópico 3.3.4). Rajagopalan deixa claro que não se trata de declinar da exigência de que os pesquisadores comprovem suas afirmações, mas, como disse:

[*De deixar*] de jogar o jogo costumeiro da argumentação no campo da linguística, ou de forma mais abrangente, da Ciência (com o “c” maiúsculo), onde todo mundo supostamente sabe o que é um argumento válido, como reconhece um argumento e distingue-lo de um não-argumento, o que é um “dado” e distingue-lo de um não-dado, e assim por diante (RAJAGOPALAN, 2014, p. 67).

Portanto, no lugar de pretender o dado como uma categoria *sui generis* é preciso reconhecer que não é possível teorizar sobre a ontologia sem nela interferir (RAJAGOPALAN, 2010) – esta afirmação, aliás, estimula a reflexão sobre a terceira questão ético-teórica que será trabalhada aqui. É assim que “a pragmática nos coloca diante do desafio de responder exatamente o que seria um dado para os fins da pesquisa pragmática” (RAJAGOPALAN, 2014, p. 73). O “dado”, enfim, é uma ficção. Um produto da própria

prática de pesquisa e, por isso, aquilo mesmo pelo qual a pesquisa precisa semear inquietações. É por isso que se reforça a todo o momento neste trabalho o entendimento de que se trata de uma interpretação possível (conforme tópico 3.1) sobre o fenômeno da prática comunicativa no *Facebook*, de cuja problematização procura-se conhecer os efeitos identitários.

Sobre a segunda questão, pretende-se esclarecer as decisões a respeito da geração e uso dos dados colhidos, isto é, das publicações dos perfis focalizados. Antepor-se-ia, então, a questão da privacidade dos usuários e da proteção de seus dados que podem, entre outros detalhes, conter informações pessoais, fotos e/ou ser de cunho sensível aos perfis analisados. A privacidade é uma das três grandes questões éticas a serem observadas nas pesquisas em Internet, segundo o guia de ética da *Association of Internet Researchers – AoIR* (MARKHAM; BUCHANAN, 2012) e, por isso, é pertinente que se atente a ela por um momento. Na “Declaração de Direitos e Responsabilidades” dos “Termos de serviço”, tem-se no *caput* e no item 2.4:

Esta Declaração de Direitos e Responsabilidades ("Declaração", "Termos" ou "DDR") é baseada nos **Princípios do Facebook** e representa os termos de serviço que regem nosso relacionamento com os usuários e outras pessoas que interagem com o *Facebook*, bem como marcas, produtos e serviços do *Facebook* que não possuam termos separados ou que estejam vinculados a estes termos, que chamamos de "Serviços do *Facebook*" ou "Serviços". **Ao usar ou acessar os Serviços do Facebook, você concorda com esta Declaração**, conforme atualizada periodicamente de acordo com a seção 13 abaixo. [...] 2. Compartilhando suas informações e conteúdos [...] 4. **Quando você publica conteúdos ou informações usando a opção Público, você está permitindo que todos, incluindo pessoas fora do Facebook, acessem e usem essas informações e as associem a você** (TERMOS, 2015, grifo nosso).

Portanto, ao usar o *Facebook*, todo usuário concorda com este e outros termos que estão disponíveis publicamente e no momento de cadastro no site. Como estabelece este item 2.4, as publicações compartilhadas com a seleção de privacidade no *status* “Público” podem ser associadas, até mesmo fora do *Facebook*, ao perfil do usuário em questão (isto significa seu nome e imagem do perfil). Já gozam desta prerrogativa os outros usuários da plataforma que podem compartilhar estas publicações e os blogues, portais de notícias da Internet, veículos de comunicação de massa como jornais e emissoras de televisão que podem incorporar tais publicações em suas reportagens e notícias. Não faria sentido, portanto, privar a comunidade científica do uso destas informações. A mesma orientação pode ser encontrada

também na “Central de Ajuda”<sup>29</sup> do *Facebook*, grupo de páginas no site que auxilia os usuários em suas dúvidas.



FIGURA 5 - SELEÇÃO DE PRIVACIDADE NO *FACEBOOK*  
 FONTE: *FACEBOOK* – NOÇÕES BÁSICAS DE PRIVACIDADE (2015)<sup>30</sup>

Esta FIGURA 5 foi retirada da página “Noções Básicas de Privacidade do *Facebook*” e trata-se de um guia para as dúvidas dos usuários sobre configurações de privacidade de conta. Embora o guia demonstre as configurações para o uso de *smartphone*, outros recursos orientam o usuário quando o uso é feito em outras plataformas de acesso, como em *tablets* e *notebooks*<sup>31</sup>. Enfim, tal configuração de privacidade está disponível para o usuário tanto no momento da publicação, como para futuros compartilhamentos e, ainda, para publicações antigas caso se queria mudar o *status*. E, mesmo o usuário optando por modificar posteriormente o *status* de sua publicação ou excluí-la, assegura-se a interpretação anterior em favor do uso das informações em razão do que está disposto no item 2 dos “Princípios do *Facebook*”, citado no *caput* da Declaração acima:

Estamos desenvolvendo o *Facebook* para criar um mundo mais aberto e transparente, o qual acreditamos que criará mais entendimento e conexão. O *Facebook* promove a franqueza e transparência fornecendo às pessoas mais poder para compartilhar e se conectar, e alguns princípios guiam o *Facebook* para atingir essas metas. O alcance desses princípios deve ser controlado apenas por limitações de lei, tecnologia e normas de desenvolvimento social. Portanto, **estabelecemos tais princípios como a base de direitos e responsabilidades daqueles dentro do serviço do *Facebook***. [...] **2. Propriedade e controle de informações**. As pessoas devem ser proprietárias de suas informações. **Devem ter a liberdade** de compartilhar informações com pessoas e locais que desejarem, **incluindo removê-**

<sup>29</sup> Cf. <<https://www.facebook.com/help/203805466323736>>.

<sup>30</sup> Cf. <<https://www.facebook.com/about/basics/what-others-see-about-you/posts/>>.

<sup>31</sup> Cf. <<https://www.facebook.com/help/120939471321735>>.

**las do serviço do *Facebook*.** Devem ter a liberdade de decidir com quem desejam que as informações sejam compartilhadas, além de definir controles de privacidade para suas escolhas. **Entretanto, esses controles não têm a capacidade de limitar a maneira com a qual as pessoas que receberam a informação irão usá-la, principalmente fora do serviço do *Facebook*** (PRINCÍPIOS, 2015, grifo nosso).

Assim, defende-se ser respeitoso nesta pesquisa o uso de tais publicações para os fins aqui propostos, mesmo que os usuários venham posteriormente excluí-los ou alterar a configuração de privacidade, pois, como estipula os termos do *Facebook*, a configuração de privacidade “Público” não é garantia de restringir o uso desta informação.

Por último, sobre esta segunda questão ainda, mesmo que a informação tenha sido tomada nesse sentido, como livre para uso, optou-se por ocultar/modificar informações pessoais, nomes, dados de contato, *links* dos perfis e fotos pessoais. Trata-se, bem da verdade, de uma cautela extra, pois, como será demonstrado no tópico seguinte, ambos os perfis escolhidos discursam abertamente sobre sua sexualidade e opiniões, inclusive mantendo blogues e artigos em blogues públicos. Cumpre lembrar que este foi um critério para a escolha dos perfis, isto é, em alguma publicação do *Facebook* com o *status* “público”, o usuário deveria ter declarado ser gay, evitando assim ficar a cargo do autor-pesquisador tal identificação. Se considerada a informação de maior sensibilidade para a pesquisa, a identidade sexual dos usuários, quando publicitada por eles próprios, afasta uma possível percepção diferenciada entre sujeito pesquisado e sujeito pesquisador sobre tais identificações sexuais. Considera-se, por fim, a escolha do próprio usuário em publicitar tal informação de cunho pessoal e as publicações analisadas aqui, como um ato de sua ciência e vontade, haja vista que poderiam ser feitas no anonimato ou na privacidade de sua rede de contatos. Em resumo, não se trata de informação de cunho sensível aos usuários.

Diante do exposto, consideram-se suficientes os “Termos de serviço” do *Facebook* e os cuidados na geração e apresentação dos dados fundamentados no guia da AoIR, para assegurar e defender o decoro e boa-fé desta pesquisa e dispensar qualquer solicitação de autorização de uso destas publicações com *status* “Público”, e apenas com este *status*, no momento de geração destes dados, para os fins aqui pretendidos.

Por último, sobre a terceira questão, o compromisso social e político da pesquisa, Rajagopalan observa que,

A opção por trabalhar com a pragmática acarreta uma série de compromissos, inclusive de ordem política. [...] Ou seja, o pesquisador na área de pragmática está cada vez mais consciente do papel que exerce, não só como um estudioso que se interessa pelo funcionamento da linguagem na vida cotidiana dos usuários, mas na qualidade de alguém que, ao conduzir seu trabalho, desempenha a função de agente causador de mudanças sociais, mudanças essas que são postas em curso no momento exato em que são trazidas à baila as desigualdades que permeiam a realidade social sob a sua mira e –mais importante ainda – chega-se à percepção de que, em muitos casos, as desigualdades verificadas têm suas origens naquilo que Habermas chama de “distorções sistemáticas de comunicação” (RAJAGOPALAN, 2002, p. 95).

Os compromissos sociais e políticos desta pesquisa consistem em: 1) reconhecer que **toda** produção de conhecimento é situada. Como provocou Pinto<sup>32</sup> (2014): “quem somos nós que afirmamos produzir conhecimentos nos estudos da linguagem? Onde queremos chegar? Para quem e por que produzimos o conhecimento que nos propomos a produzir?”; 2) gerar entendimentos sobre o tema no campo da Comunicação privilegiando uma perspectiva linguística, haja vista a concentração de trabalhos que se apoiam na perspectiva sociológica de Hall (2011) e Bauman (2005); 3) problematizar certos D/discursos, inclusive dos próprios perfis pesquisados, como não imunes aos resquícios do logocentrismo e do essencialismo e, por fim; 4) colaborar para legitimar tais práticas comunicativas e tais “identidades gays” no bojo das discussões atuais sobre direitos da diversidade sexual. Este último, ao contrário do que se supõe, não deve ser considerado um mero desdobramento da prática de pesquisa. Nesta perspectiva Pragmática, como ensinou Rajagopalan:

A impossibilidade de assumir uma postura científica neutra se traduz na absoluta necessidade de se posicionar politicamente em suas pesquisas. As questões éticas e políticas não são meros desdobramentos das posições teóricas assumidas a serem explorados num momento posterior oportuno; elas estão aí a toda hora na pesquisa pragmática e, por conseguinte, em qualquer abordagem linguística que dá lugar de destaque aos fenômenos pragmáticos. A pragmática, enquanto área de estudo e pesquisa, se situa no campo mais abrangente que podemos denominar de “a concepção ético-política da linguagem” (RAJAGOPALAN, 2002, p. 94).

Assim, a necessidade de legitimar as práticas comunicativas e até mesmo a chamada “identidade gay” é também um objetivo social e político que impulsiona esta pesquisa. Presume-se que seja dispensável elaborar os motivos deste posicionamento político, dada a torrente de notícias sobre violência física e verbal infundada contra minorias sexuais percebidas diariamente.

---

<sup>32</sup> PINTO, Joana Plaza. **Epistemologia da Pragmática**. Curitiba, 27/11/2014. Notas da Mesa Redonda: Epistemologia da Pragmática, do II Workshop Internacional de Pragmática (II-WIP), realizado na Universidade Federal do Paraná.

Parte destes compromissos sociais e políticos (em especial o apontado no item 3) se dá em função da observação dos perfis, inclusive em suas interações nos grupos do *Facebook*. É o que será trabalhado a seguir.

### 3.2.2 Da observação à escolha dos perfis

Inicialmente, desde Julho de 2014 foram acompanhadas as discussões de dois grupos do *Facebook* ligados ao assunto desta pesquisa. O interesse foi observar nestes lugares<sup>33</sup> os D/discursos performatizados que pudessem trazer algum *insight* à pesquisa. A decisão foi por observar um grupo público e outro secreto e notar se tais D/discursos seriam diferentes. Cumpre-se esclarecer, a observação nos grupos serve apenas para auxiliar na interpretação de D/discursos dos perfis, o foco de análise serão as publicações em seus perfis.

Os dois grupos possuem diferenças importantes entre si, além da configuração de privacidade (público ou secreto). No primeiro, público, os membros, publicações e comentários podem ser visualizados por todos que possuem perfil na rede social. Além disso, qualquer usuário pode observar, curtir<sup>34</sup> e compartilhar o conteúdo do grupo. Apenas o recurso de comentar está bloqueado para não membros. Para ser membro não necessita ser convidado. Todos podem encontrar o grupo pela opção de busca do *Facebook* e ver sua descrição. Este primeiro grupo possuía, no final de dezembro de 2014, aproximadamente 31.058 membros e 1 administrador. Não foi possível precisar quando o grupo foi criado, mas o administrador está no grupo desde setembro de 2011. Também não foi possível verificar se este foi o único administrador do grupo. Embora este seja o grupo com maior número de membros, foi observado menos interação entre os participantes e menos debate.

Já no segundo grupo, secreto, todas as opções de visibilidade descritas acima estão ocultas para os usuários do *Facebook*. A única forma de ver e participar do grupo é por meio de convite de um membro atual. Este convite depende da autorização de um administrador. Somente membros atuais veem as publicações e os outros membros que estão no grupo. Membros antigos apenas conseguem achar o grupo e ver sua descrição na barra de pesquisa, mas não conseguem mais ver os membros atuais nem publicações. No final de dezembro de 2014 este grupo possuía, aproximadamente, 9.472 membros e 13 administradores. Também

---

<sup>33</sup> Na distinção feita por Marc Augé (2012).

<sup>34</sup> Curtir, no *Facebook*, é o recurso da rede social referente a dizer que gostou da publicação. Ele aparece em forma de uma mão com sinal de positivo, o “joinha”, como popularmente é conhecido. Quando um usuário curte alguma publicação ele passa a acompanhá-la e receber notificações de novos comentários, salvo se optar por cancelar estas notificações.



não foi possível precisar quando o grupo foi criado, mas em uma das publicações um dos membros identifica outro como o criador do grupo e, buscando pelo seu nome no histórico, a publicação mais antiga em que é citado data de agosto de 2011, em que uma participante solicitava ser administradora do grupo também. Os administradores também não se mantiveram os mesmos desde o começo do grupo. Foi possível inferir isto a partir da publicação desta usuária que já não é mais administradora e também em razão de um conflito que ocorreu no grupo no início de janeiro de 2015. Alguns membros foram banidos sem aviso por conduta hostil. Houve grande protesto entre os membros fazendo com que alguns administradores saíssem e outros entrassem. Em fevereiro de 2015, sete dos antigos administradores permaneceram e novos três foram colocados nesta função.

A intenção inicial era utilizar os D/discursos performatizados evidenciando a dinâmica de disputas e efeitos identitários que ocorriam nas práticas comunicativas entre os usuários. Sem dúvida que este seria um questionamento válido e rico de pesquisa. Entretanto, notou-se que tais lugares poderiam compor uma rica contextualização para uma análise mais pontual e específica, nos próprios perfis, sem prejuízo da interação, dado que nos perfis os usuários também recebem comentários nas publicações. Como o objetivo inicial sempre foi analisar o próprio enunciado, nada melhor que analisá-lo no espaço específico de cada usuário.

Algumas pesquisas sobre identidade têm focado nas informações e recursos básicos do *Facebook* e suas possibilidades de criar identificação (nome, foto de capa, foto do perfil, informações básicas, páginas curtidas, entre outras)<sup>35</sup>. Com esta nova decisão, este trabalho também procura demonstrar como a própria publicação serve de campo performativo de efeitos identitários.

Optou-se por escolher um perfil de cada grupo, aproveitando a observação já realizada de várias publicações e usuários mais participativos em cada grupo. Como esta dinâmica de disputa de efeitos identitários e D/discursos já havia sido assumida como existente e contraditória pelo trabalho, ela pôde ser considerada critério de seleção dos perfis a serem analisados.

Também é importante dizer que esta decisão está pautada em atenção ao quadro teórico escolhido. Como diz Austin “o ato de fala total na situação de fala total é o único fenômeno real que, em último lugar, estamos engajados em elucidar” (AUSTIN, 1975, p. 148, tradução nossa). Austin falava neste momento sobre a distinção entre constativo e

---

<sup>35</sup> Estes recursos do *Facebook* serão apresentados no tópico 3.3.2.

performativo e como os primeiros deveriam ser compreendidos à luz de um “ato de fala total”, performativo, portanto. Uma leitura mais ampla desta sua citação, feita por alguns pesquisadores, juntamente com a noção de contexto, sugere que todos os atos devem ser interpretados no conjunto mais amplo de D/discursos. Com efeito, tanto os enunciados performatizados nos grupos como nos próprios perfis, necessitam da ampliação do contexto, pelo menos o máximo que o pesquisador conseguir.

A escolha dos perfis seguiu um recorte arbitrário, temático e temporal. Significa que, entre os usuários mais participativos dos grupos foram escolhidos dois, um de cada grupo, observando se seus D/discursos seriam divergentes e conflitantes, seguindo o que já foi observado anteriormente. Como critério, ambos deveriam ter explicitamente comentado serem gays em alguma publicação no próprio *Facebook*. Isto também ajudou a restringir a busca pelos perfis, já que todos não possuíam estes atos performativos ditos abertamente no *Facebook*. Outro critério é que as publicações dos perfis deveriam ser públicas, ou seja, não restritas de visualização apenas para amigos, dispensando assim qualquer formalidade para a coleta do material, tal como pesquisas em blogues ou páginas da Internet. Para dar sequência, detalhes pertinentes à análise serão retomados no próximo capítulo.

Do mesmo modo, um recorte temporal também foi necessário. Tal recorte evidentemente buscou reduzir o corpus de análise, mas, era fundamental circundar o tema desenvolvido aqui. Assim, optou-se pelas publicações dos perfis escolhidos no mês de setembro de 2014. Primeiramente, pela razão de que este mês ficou marcado pela morte de João Antônio Donati, 18 anos. O corpo foi encontrado em um terreno baldio de Inhumas, região metropolitana de Goiânia. A boca de João Donati estava cheia de papel e, nas redes sociais circulou a informação de que o papel dizia “Vamos acabar com essa praga”<sup>36</sup>. Entretanto, a informação foi desmentida pelo delegado responsável pelo caso<sup>37</sup>. A Secretaria de Direitos Humanos e Minorias da Presidência da República chegou a divulgar uma nota lamentando o ocorrido<sup>38</sup>. A imprensa também deu ampla cobertura ao caso, desde posições mais aceitas pelo movimento gay<sup>39</sup> até as mais criticadas<sup>40</sup>. Eventos no *Facebook* em todas as cidades marcavam atos em homenagem a João Donati<sup>41</sup>. O maior site LGBT do Reino Unido

<sup>36</sup> Cf. <<http://www.superpride.com.br/2014/09/corpo-de-jovem-e-encontrado-com-bilhete-na-boca-vamos-acabar-com-essa-praga.html>>.

<sup>37</sup> Cf. <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2014/09/corpo-de-jovem-achado-morto-com-papel-na-boca-e-enterrado-em-goias.html>>.

<sup>38</sup> Cf. <<http://www.sdh.gov.br/noticias/2014/setembro/sdh-emite-nota-sobre-casos-de-violencia-homofobica>>.

<sup>39</sup> Cf. <<http://igay.ig.com.br/2014-09-10/corpo-de-jovem-e-encontrado-com-bilhete-na-boca-vamos-acabar-com-essa-praga.html>>.

<sup>40</sup> Cf. <<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/tags/joao-donati/>>.

<sup>41</sup> Cf. <<https://www.facebook.com/events/759668284089927/>>.

deu destaque ao caso<sup>42</sup>. Enfim, houve comoção nacional pela morte de João Donati. Tal fato foi considerado, enquanto hipótese, de que este tema apareceria nos perfis estudados.

Outro motivo para a escolha do mês de setembro foi uma notícia veiculada na coluna Gente Boa, do Jornal O Globo<sup>43</sup>. O caso é de um senhor que se negou a ser atendido por uma pessoa transexual na lanchonete Bob's, do Rio de Janeiro. O gerente do estabelecimento, gay, advertiu o senhor de que a atitude era homofóbica. A polícia foi chamada. O Policial Militar também era gay e, irritado, o cliente disse: “Só tem bicha nessa cidade?”. Conta a nota do site O Globo que o senhor foi levado preso por desacato e crime de homofobia<sup>44</sup>. O caso tomou as redes sociais e os internautas resignificaram a frase como um *slogan* de empoderamento em diversas cidades<sup>45</sup>. As imagens circularam não apenas nas *timelines*<sup>46</sup> dos perfis, mas também foram utilizadas como foto de capa do *Facebook*. Sendo assim este foi outro ponto para a decisão pelo período de setembro de 2014.

O último dos motivos destacados aqui é que houve ainda uma polêmica envolvendo o candidato Levy Fidelix, nas eleições presidenciais de 2014. Durante o debate eleitoral realizado na TV Record, o candidato disse que os gays deveriam ser tratados longe da sociedade e que “aparelho excretor não reproduz”. A declaração, feita após a pergunta da candidata Luciana Genro sobre união homoafetiva, causou revolta nos sites de redes sociais. Diversos protestos<sup>47</sup> foram organizados e o caso ganhou destaque na imprensa internacional. O *The Guardian*, um dos jornais de maior prestígio internacional, tratou o caso como “uma noite ruim para a democracia brasileira”<sup>48</sup>. Houve ainda outro acontecimento<sup>49</sup> que ganhou repercussão nacional e, supõe-se que todos estes eventos despertassem nos usuários escolhidos, que eram muito participativos nos grupos, o desejo de publicar algo relacionado ao tema e, assim, ter conteúdo relevante para análise. Esclarece-se na sequência os procedimentos utilizados na coleta e tratamento dos dados para análise.

<sup>42</sup> Cf. <<http://www.pinknews.co.uk/2014/09/11/brazil-gay-teen-found-murdered-with-a-broken-neck-and-a-mouth-full-of-paper/>>.

<sup>43</sup> Cf. <[http://oglobo.globo.com/blogs/blog\\_gente\\_boa/posts/2014/08/29/senhor-se-recusa-ser-atendido-por-transsexual-acaba-na-delegacia-547536.asp](http://oglobo.globo.com/blogs/blog_gente_boa/posts/2014/08/29/senhor-se-recusa-ser-atendido-por-transsexual-acaba-na-delegacia-547536.asp)>.

<sup>44</sup> Tal crime não existe no Código Penal Brasileiro. O “crime de homofobia” geralmente é enquadrado pelos Delegados no que melhor couber a situação. Alguns municípios possuem legislação municipal para tal, como São Paulo (Lei 10948 de 2001), mas não é o caso do Rio de Janeiro. Cf. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Homofobia>>.

<sup>45</sup> Cf. <<http://www.buzzfeed.com/clarissapassos/como-um-homofobico-comecou-a-melhor-campanha-anti-homofobia#.uirNmDMYZk>>.

<sup>46</sup> *Timeline*, também chamada de “mural”, é o espaço do Facebook em que aparecem as publicações dos usuários. Conferir tópico 3.3.2.

<sup>47</sup> Cf. <<https://www.facebook.com/events/511106482358518/>>.

<sup>48</sup> Cf. <<http://www.theguardian.com/world/2014/sep/29/brazil-presidential-debate-homophobic-rant-levy-fidelix>>.

<sup>49</sup> Cf. <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2014/09/vereador-de-ms-sugere-que-gays-sejam-isolados-em-ilhas-por-50-anos.html>>.

### 3.2.3 Procedimentos de coleta dos dados

Interessa observar, então, as publicações com o *status* “público” dos usuários, ligadas ao tema de pesquisa, no período selecionado. Após a escolha dos perfis, buscou-se nas redes sociais, fóruns de pesquisa, trabalhos anteriores e blogue do LABIC<sup>50</sup>, ferramentas que pudessem colaborar com a coleta das publicações dos usuários no período escolhido. Em nenhuma das ferramentas encontradas foi possível selecionar o material com os critérios que estabeleceu esta pesquisa. No próprio *Facebook* há também o aplicativo Netvizz<sup>51</sup> que, embora seja mais completo e destinado especialmente ao *Facebook*, coleta apenas o dado das conexões entre o perfil de quem solicita a pesquisa e sua rede de amigos; como a opção aqui foi por não fazer amizade com os usuários selecionados para que mantivesse sempre a atenção de coletar apenas publicações com o *status* “público”, o Netvizz também foi descartado.

Em função dessas dificuldades, passou-se a coletar manualmente o material. Para encontrar as publicações do período selecionado em cada *timeline* o atalho “/timeline/2014/9/” foi utilizado logo após o endereço de cada usuário como, por exemplo, em “www.facebook.com/nome-usuário/timeline/2014/9/”. Assim, o *Facebook* redireciona para uma página com a seleção das publicações do mês correspondente. Apenas aquelas com *status* “público” ficam disponíveis, como era o desejado. Cada publicação foi copiada em separado e ordenada em uma tabela do programa Excel, totalizando 28 KB (APÊNDICES A e B). Na tabela foram compilados os seguintes dados separados por colunas:

- **NR:** indica o número da publicação para organização e referência;
- **Data:** contendo a data completa da publicação, no formato DD/MM/AAAA;
- **Hora:** contendo o horário informado pelo *Facebook*, no formato HH:MM;
- **Publicação:** refere-se ao texto publicado pelo usuário em seu perfil, considerado neste trabalho como o performativo a ser analisado;
- **Tipo:** anotação sobre o tipo de publicação. Se foto-imagem, vídeo do Youtube, link externo, somente texto. Nos casos que não fossem somente texto, foi considerado o tipo do material compartilhado;
- **Link:** o link do material compartilhado, quando não somente texto. Apenas as fotos e vídeos particulares, ou as que de alguma forma identificavam os usuários, foram substituídos por “Foto Pessoal” ou “Link Pessoal”;

<sup>50</sup> Cf. <<http://www.labic.net/>>.

<sup>51</sup> Cf. <[https://apps.facebook.com/netvizz/?fb\\_source=search&ref=ts&fref=ts](https://apps.facebook.com/netvizz/?fb_source=search&ref=ts&fref=ts)>.

- **Eixos\_Temáticos:** cada publicação foi analisada e categorizada em, no máximo, três eixos temáticos por ordem de importância do assunto em cada publicação;
- **Força\_Ilocucionária:** a força ilocucionária da publicação, de acordo com as classes propostas por Austin (1975).

Uma análise interpretativa prévia foi realizada em cada publicação para determinar o eixo temático. É preciso esclarecer que, já neste momento, na interpretação de cada publicação foi considerado um contexto amplo. Assim, por exemplo, se num primeiro momento a publicação fosse identificada no eixo temático “política”, caso estivesse tratando de políticas públicas para gays, ficará marcada como “política-sexualidade” ou “sexualidade-política”, dependendo do tema predominante da publicação (que na marcação aparecerá primeiro). Enfim, qualquer publicação que versou em algum momento sobre “identidade gay”, a partir desta interpretação, foi considerada potencial ato performativo com efeitos identitários.

### 3.3 CONCEITOS-CHAVE PARA A ANÁLISE: CRIANDO UM CONTEXTO<sup>52</sup>

Como defendido anteriormente, busca-se compreender o “ato de fala em sua totalidade”, entretanto, esta afirmação merece uma ressalva. Significa dizer o mais completo, amplo e contextualizado possível. Todavia, cumpre-se dizer, o ato de fala total ou original jamais será possível de ser integralmente recuperado. Analisar o cenário, as possíveis motivações dos usuários, seus outros textos que possam denunciar intenções, modos de pensar, entre tantas outras “pistas” jamais irão descobrir “o sentido”. Este trabalho reconhece que encerrar o contexto de um ato de fala é um desafio quimérico para todo pesquisador. Cumpre lembrar que se compreende a análise feita no próximo capítulo como uma leitura possível do material coletado, tal qual defendeu Guimarães (2014, p. 104, 109) em sua tese de doutorado, e que pode, inclusive, ser diferente em outro trabalho de pesquisa, com outra matriz teórica, apoiado em outros conceitos-chave. Parte deste pressuposto, então, está apoiada no conceito de contexto que corrobora este trabalho; outra parte dele, nos conceitos de D/discursos, performatividade (conforme visto no capítulo 2), e do “ser gay”. Por este motivo, são estes os conceitos explicitados adiante, a fim de compor este contexto de análise.

---

<sup>52</sup> Este tópico foi inspirado no capítulo 3 da tese de Guimarães (2014).

### 3.3.1 Contexto, iterabilidade, citacionalidade e sentido

À sua maneira excêntrica, Rajagopalan (2014, p. 7-8) aludiu ao conceito de contexto como uma questão “mais complexa e cabeluda do que parece à primeira vista”, advertindo que “são raríssimas as vezes que paramos para pensar nas complicações que a procura de contexto nos envolve”. Tal situação, entretanto, se deve a uma “impossibilidade radical”, segundo Rajagopalan, de definir e encerrar tanto o contexto quanto seu conceito.

Alencar e Dina Maria Martins Ferreira (2012) apontaram os limites da noção conceitual de contexto na Linguística Sistemico-Funcional e no estruturalismo de Saussure, que se aprisionam ao protocolo do código; e avançando pelos argumentos desconstrutivos derridianos corroboraram uma consideração *ad infinitum* de contexto, sem transformá-lo num dado, tal qual o próprio Rajagopalan (2014)<sup>53</sup> havia argumentado.

São, então, dois novos reconhecimentos que se fazem necessários aqui: 1) que o contexto não será nunca “absolutamente determinável” ou “sua determinação nunca está assegurada ou saturada” (DERRIDA, 1991, p. 13) e; 2) que o contexto não é “um adendo, um acréscimo a um ‘dado’ previamente identificado e cuja existência esteja garantida ontológica e epistemologicamente” (RAJAGOPALAN, 2014, p. 8).

Sobre o primeiro dos reconhecimentos, Derrida questiona:

Mas os requisitos de um contexto serão absolutamente determináveis? Tal é, no fundo, a questão mais geral que gostaria de tentar elaborar. Há um conceito rigoroso e científico do *contexto*? A noção de contexto não abriga, sob uma certa confusão, pré-supostos filosóficos muito determinados? Para dizer logo de modo sumário, gostaria de demonstrar por que um contexto nunca é absolutamente determinável ou, antes em que sua determinação nunca está assegurada ou saturada (DERRIDA, 1991, p. 13).

Derrida demonstra tal impossibilidade de saturar um contexto percorrendo a comunicação escrita<sup>54</sup> naquilo que aponta como o “traço estrutural de toda marca”<sup>55</sup>, a saber: a) a iterabilidade: traço do signo que o faz continuar legível, numa lógica de repetição e

<sup>53</sup> A reflexão de Rajagopalan (2014) encontrava-se *no prelo* quando do ensaio de Alencar e Dina Maria Martins Ferreira (2012). Motivo pelo qual as datas de publicação parecem invertidas.

<sup>54</sup> Derrida não escolhe a escrita por recorte metodológico apenas, mas para desconstruir a supremacia da fala sobre a escrita enquanto “presença da consciência” ou “presença do autor” na prática comunicativa. Na sequência de seu texto, Derrida aplica tais reflexões à estrutura geral da Comunicação.

<sup>55</sup> Apenas neste tópico, “marca”, “escrita” e “signo” aparecem como equivalentes, pois, na sequência, Derrida postulará suas reflexões para a estrutura geral de toda Comunicação, como comentado na nota anterior.

alteridade, na mais absoluta ausência do referente e dos sujeitos, independente do turno<sup>56</sup> que ocupam no processo comunicativo (fossem autores ou destinatários, para usar a expressão de Derrida). Pela iterabilidade “um signo escrito avança na ausência do destinatário”. Assim, tanto quem escreve o faz para alguém que está ausente, como quem lê assim o faz de alguém que não está presente, por mais que este alguém escreva para si mesmo (DERRIDA, 1991, p. 18-19); b) a citacionalidade: que corresponde ao traço do signo que o permite “romper com todo contexto dado, engendrar ao infinito novos contextos, de modo absolutamente não-saturável. Isso supõe não que a marca valha fora do contexto mas, ao contrário, que só existem contextos sem nenhum centro absoluto de ancoragem” (*Ibid.*, p. 25-26).

Exemplo que pode ser dado sobre como o signo pode engendrar ao infinito novos contextos são as reflexões de Austin (1975). Tais reflexões são “um signo que permanece”. São legíveis, tanto no momento de absoluta ausência de seus destinatários contemporâneos como agora, quando ausente é o próprio autor. Mais que isso, é pela lógica da repetição e alteridade que a obra de Austin continua sendo citada e engendrando novos contextos e novas interpretações sobre seu pensamento (conforme visto no tópico 2.3). A estrutura de todo signo, portanto, lhe permite avançar sem mais companhia. Nas palavras de Derrida:

Cabe ao signo ser, de direito, legível, mesmo que o momento de sua produção esteja irremediavelmente perdido e mesmo que eu não saiba o que seu pretense autor-escriptor quis dizer em consciência e na intenção, no momento em que o escreveu, isto é, o abandonou à sua deriva essencial. Tratando-se agora do contexto semiótico e interno, a força de ruptura não é menor: em virtude de sua iterabilidade essencial, pode-se sempre realçar um sintagma escrito fora do encadeamento no qual é tomado, ou dado, sem fazê-lo perder toda possibilidade de funcionamento, senão toda possibilidade de ‘comunicação’, precisamente. Pode-se eventualmente reconhecer outros, inscrevendo-o ou exertando-o em outras cadeias. Nenhum contexto pode encerrar-se sobre ele (DERRIDA, 1991, p. 21).

É oportuno dizer, perpassando esta citação e os conceitos de iterabilidade e citacionalidade é que se vai de encontro à noção de “intenção”. Na impossibilidade de encerrar o contexto é que Derrida enfatiza a independência do signo de “ser” algo além da “intenção” do autor. Dito de outro modo, o signo, além de não conseguir recuperar todo o contexto, também não conseguirá revelar por completo a intenção de seu autor. Derrida explica: “a categoria de intenção não desaparecerá, terá seu lugar, mas, a partir desse lugar, ela não poderá mais comandar toda a cena e todo o sistema de enunciação” (DERRIDA, 1991, p. 33). Embora presente, a intenção não vai aprisionar o sentido, nem tampouco revelar por

---

<sup>56</sup> Utilizou-se a palavra “turno” para não aprisionar o sujeito em prática comunicativa nas posições de emissor ou receptor, em atenção ao paradigma de Comunicação que corrobora este trabalho (da globalidade e dupla afetação), como visto no tópico 1.2.1.

completo o contexto. E se fará presente justamente pela “sobra mínima” da repetição e da alteridade – da iterabilidade. Assim, Derrida instaura o movimento. Não fosse assim, novamente se estaria entoando a Comunicação em seu paradigma do código, como mero transporte do sentido de uma ponta à outra permitindo que ele não fosse sensível ao contexto (ARROJO, 1992).

Tudo isto poderia, então, gerar um novo questionamento: Se a marca (o signo) não encerra nem recupera o contexto nem o sentido, o contexto poderia ser um dado previamente considerado para a análise? É o segundo dos reconhecimentos acima mencionados, ao qual se encontrou rejeição em Rajagopalan:

O contexto não é, ao contrário do que muita gente pensa, um adendo, um acréscimo a um “dado” previamente identificado e cuja existência esteja garantida ontológica e epistemologicamente. O contexto, uma vez reconhecido, acaba se mesclando ao “dado” para transformar-se em um dado novo, mais “realista”. Mas, isso jamais pode ser o fim da linha. Pois, o novo amalgama que acaba de despontar, a saber, “dado-mais-seu-contexto-imediato” suscita, ou melhor dizendo, nos obriga uma nova procura de contexto (RAJAGOPALAN, 2014, p. 11).

O processo seria infinito. Ao encontrar um dado importante e relevante para a interpretação empreitada aqui, não se pode cair no engano de sustentar que isso seja suficiente para defender uma interpretação final sobre o assunto. A cada novo dado que se soma ao contexto anterior, um novo contexto é criado. O primeiro deles, talvez, está ligado ao quadro teórico escolhido aqui, mesmo que este quadro reconheça o movimento. A questão encontra eco num pensamento nietzscheano, como apontou Rajagopalan (2014).

A leitura que Barbara Johnson realizou da Teoria de Austin, enfatizando a escolha do autor pelas metáforas do teatro (“ato”, “performativo” e “máscara”) mesmo quando este separou de sua Teoria o discurso produzido no palco (RAJAGOPALAN, 2014), seria o exemplo aqui. Esta escolha não seria, então, a estratégia de Austin para denunciar a própria prática científica que separava a linguagem do objeto da linguagem? É preciso notar como esses detalhes encontrados em outras leituras e que partem de outros contextos trouxeram algo de novo para a Teoria de Austin e, inclusive, sustentam, em parte, o que defendeu Derrida: que Austin o tempo todo estava buscando denunciar a própria prática filosófica.

Tudo isso para dizer que é impossível recuperar todo o contexto ou sentido que os usuários animaram em suas publicações no *Facebook*. O texto, que na visão logocêntrica desconstruída por Derrida preservava a aura do autor, nada disso faz. Segue, sem companhia, criando novos contextos e sentidos. Assim, é impossível defender uma interpretação única das publicações observadas e, principalmente, que qualquer método aplicado encerraria o



contexto e o sentido que tais autores engendraram em suas publicações. O contexto, é evidente, traz pistas para a interpretação, mas não pode ser ele mesmo considerado o dado substancial e resolutivo da busca de sentido. Como disse Culler (1983, p. 123, tradução nossa): “o sentido está vinculado ao contexto, mas o contexto é ilimitado”. Diante do movimento admitidamente reconhecido e impossível de ser negado, não cabe ao pesquisador fingir sua inexistência, mas absorvê-lo em seu trabalho de pesquisa. Advogar o controle do contexto para a busca do sentido (enquanto presença, centro, origem, verdade) é o que Derrida (1973) chamou de “significado transcendental”, também chamado de a Ideia, o Sentido, Deus, o Eu. Enfim, tudo aquilo que só poderia mesmo ser transcendental, dado que o movimento está presente no jogo de linguagem.

### **3.3.2 Cibercultura e Facebook**

É preciso dizer primeiro o que se compreende por cibercultura neste trabalho. A definição inicial de Lévy (1999, p. 17) de que a cibercultura constitui “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”, é problemática aqui pela segunda parte da afirmação. Também se compreende que seja o conjunto das práticas que estão, de certo modo, relacionadas ao uso da Internet, todavia, não é o que “surge” com este “novo espaço”, nem estritamente relacionado a ele. Esta definição, que podia fazer sentido no momento em que as reflexões sobre cibercultura começaram, não faz mais hoje. É dizer que, não há separação entre *online* e *offline*, pois as práticas que são percebidas como sendo da cibercultura, na verdade, compartilham signos e significado entre estes “espaços” (que não são separados). Diversos autores já afirmaram que estas separações e/ou a euforia com um futuro permitido pela cibercultura, no fundo, se mostraram utópicas. Rüdiger (2011) demonstrou como os estudos de cibercultura se dividiram em três principais correntes: a) os populistas tecnocráticos, que focam nos efeitos positivos da cibercultura; b) os conservadores midiáticos, que focaram nos aspectos negativos e; c) os cibercriticistas, que procuram estabelecer uma relação crítica entre poder social, cultural e econômico com a cibercultura. Lévy é colocado na primeira corrente por muitos autores; pelo próprio Rüdiger, por exemplo, para quem a noção de cibercultura em Lévy é “fruto da composição dialética do pensamento tecnológico com um humanismo iluminista carente de autocrítica” (RÜDIGER, 2011, p. 163-164).

Bauman (2013) demonstrou as “peregrinações históricas do conceito de cultura” em que tal conceito admitiu diferentes “missões” durante os tempos. Primeiro, numa interpretação mais originária, a cultura assumiu uma missão proselitista, servindo aos interesses de “refinar os costumes dos povos” selvagens e bárbaros, considerados sem cultura. Depois, passando pela modernidade, serviu para a construção e manutenção de um Estado e, principalmente, um Estado-nação que unificasse toda diversidade sob um mesmo “povo”. Não à toa, Pero Vaz de Caminha pede, em sua carta à D. Manuel I, salvar “aquela gente” da terra cuja frota acabara de descobrir. Por fim, o conceito de cultura chega à modernidade líquida, em que serve à sedução de uma sociedade do consumo. E, embora Bauman (2013) tenha pertinentemente esclarecido tal percurso histórico, diante de exemplos atuais, é plausível sugerir que permanecem sequelas de uma noção proselitista de cultura. Exemplo disto é a própria noção de cibercultura. Desde os primeiros estudos, anunciou-se uma “nova cultura” capaz de refinar os costumes dos povos, aculturá-los, levar informação de qualidade e educação libertadora capaz de formar indivíduos mais éticos, criativos e livres. Primo (2014) refletiu sobre estes *slogans* futuristas e demonstrou suas controvérsias.

A grande indústria midiática de fato capitulou diante da cultura participativa? O ativismo em rede conseguiu finalmente destronar o grande capital? Os tradicionais grupos midiáticos, suas celebridades e jornais tendenciosos foram vencidos pela **criatividade e intervenção de adolescentes engajados** e coletivos independentes? Enfim, a histórica luta pela democratização dos meios de comunicação finalmente concretizou seus projetos? [...] É como se a cibercultura fosse a terra prometida, anunciada em décadas passadas nos discursos pela democratização dos meios de comunicação (PRIMO, 2013, p. 13-14, 15, grifo nosso).

Quando Primo provoca sobre a criatividade e intervenção de adolescentes engajados e coletivos independentes, é possível aludir ao que disse Lévy (1999, p. 11): “O crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas propõem”. Enfim, como concluiu Rüdiger (2003, p. 6): “As esperanças postas pelo pensador [*por Lévy*] em foco no ciberespaço só podem ser entendidas, na melhor das hipóteses, como utópicas”.

Assim, embora concordando com Lévy que a cibercultura é um conjunto de práticas cujos signos e significados estão ligados a Internet, deve-se afastar qualquer hipótese utópica de seu uso como demonstração de evolução, principalmente das práticas comunicativas. Não significa, entretanto, rejeitar transformações que ocorreram nestes cenários. Enfim, como conclui Primo (2013) o atual cenário não permite análises polarizadas (a cibercultura é boa ou

má); é preciso reconhecer que houve mudanças (como a velocidade e interação) e; é preciso fugir de metáforas e leituras determinísticas.

Cibercultura, então, pode ser pensada aqui, como sugeriu Felinto (2006, p. 7), como imaginário, “uma ficção social para a qual colaboram até mesmo as teorias da cibercultura. E seria um grave erro desconsiderar a importância e a centralidade de nossas ficções para a vida social”. Algo que, aliás, se encontra com o paradigma de Comunicação aqui assumido (conforme tópico 1.2.1), isto é, dinâmica de reflexividade e dupla afetação. Tanto os objetos de mundo quanto os objetos de conhecimento, a que chamamos cibercultura, ajudam a construir a ficção e realidade que é a cibercultura mesma. E, embora Felinto (2011) já tenha demonstrado que o termo está em declínio, será mantido aqui “cibercultura” para aludir a um recorte mais específico deste campo de “estudos de mídia”, ou seja, o foco são as práticas comunicativas relacionadas ao uso da Internet, em especial, ao site de rede social *Facebook*.

É importante destacar os elementos deste site de rede social que interessam às práticas investigadas neste trabalho. Antes, porém, uma breve contextualização. O *Facebook* é considerado um site de rede social; significa que ele não é a rede social, mas nele é que as redes se formam e interagem. Foi lançado em 04 de fevereiro de 2004, inicialmente para universitários, mas aberto ao público em geral em setembro de 2006 e atingiu a marca de 1 bilhão de usuários em outubro de 2012. Em dezembro de 2014, o *Facebook* tinha 9.199 empregados. As estatísticas do site, também em dezembro de 2014, eram: 890 milhões de usuários ativos diariamente; 745 milhões de usuários móveis ativos diariamente, sendo que aproximadamente 82,4% destes usuários estão fora dos Estados Unidos e Canadá<sup>57</sup>. Desde 2012 o *Facebook* é o maior site de rede social no Brasil, quando ultrapassou o *Orkut* (antigo site de rede social da empresa Google, já desativado), conforme identificou a *comScore*, empresa especializada em índices de Internet<sup>58</sup>. Além disto, uma pesquisa da *Serasa Experian*<sup>59</sup> indicou o *Facebook* como o site de rede social mais visitado no Brasil, seguido do *Youtube*<sup>60</sup>, site de vídeos digitais. A escolha do *Facebook* para esta pesquisa se deu também por esta razão: trata-se do maior site de rede social no Brasil.

---

<sup>57</sup> Cf. <<http://newsroom.fb.com/company-info/>>.

<sup>58</sup> Cf. <<http://www.comscore.com/Insights/Press-Releases/2012/1/Facebook-Blasts-into-Top-Position-in-Brazilian-Social-Networking-Market>>.

<sup>59</sup> Cf. <<http://noticias.serasaexperian.com.br/facebook-e-lider-entre-redes-sociais-em-fevereiro-no-brasil-de-acordo-com-hitwise/>>.

<sup>60</sup> Cf. <<http://www.youtube.com>>

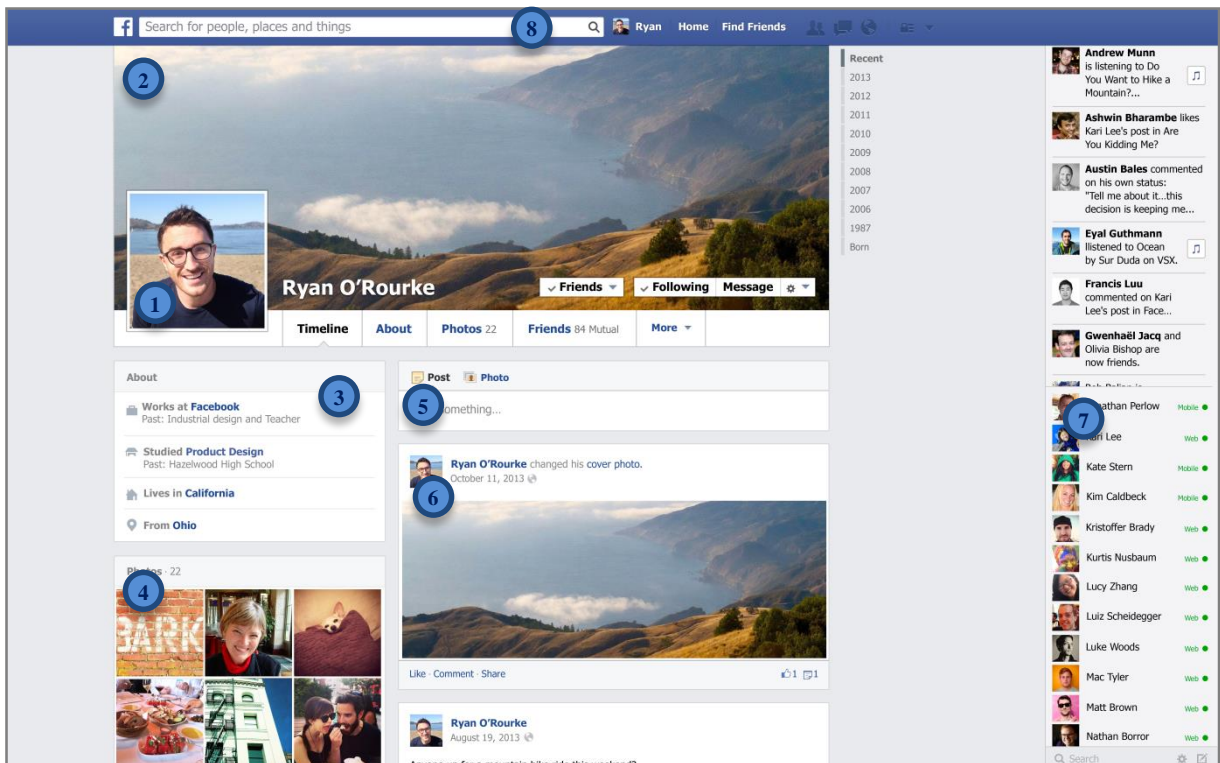


FIGURA 6 - PERFIL NO FACEBOOK  
 FONTE: FACEBOOK – BRAND RESOURCES (2015)

Na FIGURA 6, estão identificados os seguintes campos: 1) a foto de perfil do usuário; 2) a foto de capa; 3) as informações básicas do usuário como trabalho, estudo, cidade onde mora e *status* de relacionamento; 4) fotos do usuário; 5) espaço de publicação (que pode estar bloqueado, dependendo das configurações de privacidade de cada usuário); 6) *timeline*/mural do usuário, em que aparecem as publicações criadas ou compartilhadas; 7) barra lateral do *Facebook Messenger*, aplicativo de *chat* entre os usuários dentro do *Facebook* e; 8) barra de pesquisa do *Facebook*.

Logo abaixo do item 4, há outras caixas com informações, como a de amigos do usuário, locais visitados, páginas curtidas (de bandas e músicas, artistas, esportes, filmes, programas de televisão, livros, entre outras) e atividades recentes. Muitas pesquisas se concentram nestes campos dentro do *Facebook*, identificando e interpretando traços do que poderia ser chamada uma “identidade de grupo” dos usuários, isto é, signos que compartilham entre eles e os grupos. A cultura dos fãs, os grupos de *gamers*, os grupos de faculdade, são exemplos de marcações que os usuários fazem e que podem ser interpretadas como marcas deste sentimento comunitário. Já as imagens de perfil e capa (itens 1 e 2) também são o foco de alguns outros pesquisadores, pois revelam traços de uma “identidade pessoal” do sujeito, isto é, seu posicionamento perante a rede de contatos. É comum ainda, utilizar o espaço da foto de perfil (item 1), colocando algum selo na foto como selos de apoio aos candidatos

presidenciais, o que também pode ser lido como a combinação de performances individuais e grupais. O que interessa neste trabalho são as práticas que ocorrem na *timeline* (item 6), pois corresponderiam nesta identificação acima a uma “identidade social-interativa” do usuário para/com sua rede. Ou seja, é neste espaço que os usuários compartilham e criam conteúdos, demonstram concordância com certas posições de outros usuários e interagem por meio dos comentários em cada publicação. Alguns estudos focam apenas publicações compartilhadas, enquanto que outros focam apenas as criadas pelos usuários. Esta pesquisa focará tanto esta quanto aquela por entender que ambas são construções do indivíduo (empregando a citacionalidade de Derrida). Assim, além de contar com os recursos de interação através do botão de curtir e dos comentários, é neste espaço, especificamente, que o sujeito desenvolve e ecoa com mais liberdade seus D/discursos.

### 3.3.3 D/discursos

A grafia “D/discursos” foi proposta por Gee (2005) para aludir às duas instâncias inseparáveis do discurso. O “discurso” (com “d” minúsculo) é “a linguagem em uso ‘local’ para decretar atividades e identidades [...] Mas as atividades e as identidades são raramente promulgadas por meio da linguagem por si só” (GEE, 2005, p. 6-7, 17, tradução nossa). E, por isso, introduz também a noção de “Discurso” (com “D” maiúsculo), ou seja, as associações socialmente aceitas entre o uso de linguagem e o pensamento, os valores, crenças, o agir e o interagir no “lugar certo”, na “hora certa”, com o “objetivo certo” (*Id.*).

É indispensável dizer que Gee claramente trabalha na perspectiva da Análise do Discurso e, embora conflitante com a perspectiva Pragmática deste trabalho, o que interessa aqui é a metáfora “D/discursos”.

Quando Gee diz que “as identidades são raramente realizadas por meio da linguagem **por si só**” e que há “outras coisas”<sup>61</sup>, além da linguagem, com as quais as identidades podem ser realizadas (como o corpo, modos de agir, de pensar, sentimentos, emoções, crenças, valores, objetos, símbolos, gestos, ferramentas e tecnologias), ele está dividindo a prática local de linguagem (discurso) destas “outras coisas” (Discursos). Assim, Gee acaba não somente desconsiderando estas “outras coisas” enquanto linguagens, como separando linguagem de ação no mundo. É como se a linguagem necessitasse destas “outras coisas” para gerar efeitos identitários no mundo, o que seria delicado corroborar neste trabalho,

---

<sup>61</sup> “Outras coisas” é a expressão usada diversas vezes por Gee.

considerando especialmente a distinção entre corpo e linguagem que, como será demonstrado no tópico seguinte, não se sustenta. D/discursos incidem sobre corpos e corpos são, ao mesmo tempo, D/discursos. Neste sentido, as afirmações de Gee não serão úteis para este trabalho.

Por isso, reitera-se que o que interessa aqui é a metáfora de Gee apoiada nesta interpretação: 1a) o discurso (com “d” minúsculo), como uso de linguagem local em Gee, lembra a noção de linguagem como prática local em Pennycook (2010), isto é, como uma prática linguística local que constrói a própria noção linguística de “local”; 1b) depois, ao dizer que estas práticas locais (discursos) e as mais amplas (Discursos) são inseparáveis e dependentes entre si, lembra Austin (1975) sobre as convenções para felicidade/infelicidade dos atos performativos. Nas palavras de Gee:

Tudo o que você fizer deve ser similar o suficiente a outras performances para ser reconhecível. No entanto, se for diferente o suficiente do que já ocorreu antes, mas ainda reconhecível, ele pode mudar e transformar Discursos simultaneamente. Se não é reconhecível, então você não está “dentro” do Discurso (GEE, 2005, p. 18, tradução nossa).

Portanto, Gee fala de algo muito próximo ao que Austin estabeleceu sobre as condições de felicidade/infelicidade dos atos performativos. Se os discursos forem ou não similares a outros, mas ainda assim reconhecíveis, eles podem transformar e/ou reiterar Discursos. Com efeito, a metáfora “D/discursos” combinaria estes dois atos (local e geral) num mesmo uso; 1c) por fim, Gee reconhece que,

a teoria da linguagem neste livro é que *a linguagem tem significado apenas nas e pelas práticas*, práticas que muitas vezes nos deixam moralmente cúmplices com danos e injustiças, a menos que tentemos transformá-las. É um princípio deste livro que qualquer teoria adequada da linguagem é uma teoria da prática [...] tendo repetidamente usado o termo “Análise do D/discurso” para deixar claro o ponto que estamos interessados ao analisar a linguagem como totalmente integrada com todos os outros elementos que entram nas práticas sociais (por exemplo, formas de pensamento ou sentimento, maneiras de manipular objetos ou ferramentas, formas de utilizar sistemas de símbolos não-linguísticos), podemos dispensar este mesmo dispositivo [*isto é, a grafia D/discursos*] (GEE, 2005, p. 8, 9-10, tradução nossa).

Novamente, a metáfora “D/discursos” comporta duas “dimensões” ocorrendo na mesma prática de uso da linguagem (no mesmo local e tempo, portanto). Simultaneamente, as práticas comunicativas geram efeitos identitários no mundo, reiterando ou subvertendo convenções já criadas pela própria prática comunicativa. Gee escolheu dispensar a grafia, pois alegou atrapalhar no texto. Com Guimarães (2014), porém,

utilizo a grafia “D/discurso” para dar conta de dois níveis discursivos inseparáveis. Como proposto por Gee (2005), o termo “discurso” destaca: o nível discursivo microinteracional, ou seja, local e interacional; e o “Discurso” refere-se ao nível mais amplo, das crenças, valores, saberes, formas de pensamento, discursos institucionalizados, estereótipos, significados normativos, regras interacionais do grupo etc (GUIMARÃES, 2014, p. 13).

Tal como a análise da pesquisadora, as práticas aqui analisadas também são D/discursos com efeitos identitários. Discursos, no contexto deste trabalho, podem ser interpretados como os estereótipos sobre gays (o estereótipo do “afetado”) ou os discursos moralistas, religiosos e normativos (a sexualidade gay como prática de perversão, contrária a natureza humana da reprodução, ou ainda da “moral e do bom costume” vigente). Já discursos podem ser interpretados como aquilo que cada um dos perfis analisados diz e negocia sobre esta “identidade gay” na interação com sua rede.

Por fim, é preciso reforçar o alerta de que não se buscou aqui fazer uma conciliação entre Análise do Discurso e Pragmática. Emprestou-se apenas uma metáfora que, acredita-se, ajudará a compreender este movimento simultâneo de repetição e subversão de convenções, crenças, valores, regras, modos de pensamento e de vida, “identidades”, corpos, enfim, da própria linguagem e práticas comunicativas. Tendo esclarecido isto, o próximo tópico explora os D/discursos da “identidade gay”.

### **3.3.4 O Gay que Logo Sou... Sou? O que é ser gay?<sup>62</sup>**

Antes<sup>63</sup> mesmo do nascimento, atos performativos inscrevem sobre os corpos (de um Outro absoluto, no gesto violento da linguagem, como será demonstrado a seguir) marcas de sexo, gênero e sexualidade. Esta inscrição é um gesto performativo tão difundido e legitimado culturalmente que, por exemplo, o exame destinado a checar o desenvolvimento fetal, a ultrassonografia, se transformou num ritual para “saber o sexo do bebê”. A pergunta mais importante ficou: “é menino ou menina?”. “Menino” vem à frente, muitas vezes, não por mera coincidência. Se o ultrassom é insuficiente para as vaidades do ritual, seja pela impossibilidade de asseverar “o sexo” quando o bebê está sentado sobre as pernas ou com elas cruzadas (o que deve indicar, quem sabe, que seja menina; afinal, o menino pode e deve abrir

---

<sup>62</sup> O título deste tópico é inspirado de “O Animal que Logo Sou”, de Jaques Derrida, e nas reflexões que traz o filósofo nesta obra.

<sup>63</sup> O leitor há de compreender o tom empregado ao texto nestes dois primeiros parágrafos. Não é possível furtar-se a escancarar a violência de tais gestos performativos, quase sempre considerados mera declaração constativa.

bem as perninhas e ostentar seu órgão genital!<sup>64</sup>), seja quando é muito a espera pelo dia do exame que trará, com certeza, tal informação, alternativas mais eficientes foram criadas “para a alegria dos pais”<sup>65</sup>, como o exame de Sexagem Fetal. No imaginário popular circulam as diversas simpatias e tabelas<sup>66</sup> que buscam antecipar tal informação. Por último, o ritual da descoberta foi renovado com o “Chá da Revelação”<sup>67</sup>, festa destinada à “revelação do sexo do bebê” para toda a família. O ritual de “descoberta do sexo do bebê” pouco é lembrado por sua possibilidade de prevenção de doenças “ligadas ao sexo” (como a hemofilia), mas porque há uma série de coisas que precisam ser decididas: a decoração do quarto, o enxoval, se o sexo corresponde à expectativa dos pais, “balanceamento familiar”, assim justificam sempre os parentes entrevistados<sup>68</sup>.

Diante de tal informação – “o sexo, dado inquestionável da natureza humana” – todo o resto está consumado. Se macho ou fêmea (e isto significa exatamente possuir esta ou aquela forma de genitália, que se convencionou chamar pênis ou vagina), os nomes, as vestimentas, as formas de tratamento, profissões, a posição e importância nos rituais e na estrutura social-cultural-econômica-jurídica-linguística já se encontram definidas de acordo com esta “unidade básica da natureza”. Mesmo quando este corpo tiver alguma parcela de escolha sobre si, será requisitado a corresponder com as convenções, cuja legitimação ocorre pela linguagem, por meio de atos performativos quase sempre compreendidos como meras declarações, como observou Louro:

A declaração “É uma menina!” ou “É um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo. Judith Butler (1993) argumenta que essa asserção desencadeia todo um processo de “fazer” desse um corpo feminino ou masculino. Um processo que é baseado em características físicas que são vistas como diferenças às quais se atribui significados culturais. Afirma-se e reitera-se uma sequência de muitos modos já consagrada, a sequência sexo-gênero-sexualidade. O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse “dado” sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. A afirmação “é um menino” ou “é uma menina” inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete (LOURO, 2004, p. 15).

<sup>64</sup> Cf. <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100806083126AAhQTuF>>. e <<http://brasil.babycenter.com/thread/95383/beb%C3%AA-de-pernas-fechadinhas-na-ultra-%C3%A9-menina?startIndex=20>>.

<sup>65</sup> Cf. <[http://www.planetabebe.com.br/sexagem\\_fetal1.php](http://www.planetabebe.com.br/sexagem_fetal1.php)>.

<sup>66</sup> Cf. <<http://gshow.globo.com/programas/mais-voce/O-programa/noticia/2013/11/ana-maria-braga-ensina-a-descobrir-o-sexo-do-bebe-usando-tabela-chinesa.html>>.

<sup>67</sup> Cf. <[https://www.youtube.com/results?search\\_query=CH%C3%81+DE+REVELA%C3%87%C3%83O](https://www.youtube.com/results?search_query=CH%C3%81+DE+REVELA%C3%87%C3%83O)>.

<sup>68</sup> Cf. <<http://gshow.globo.com/programas/mais-voce/videos/t/programas/v/mais-voce-fala-tudo-sobre-o-cha-da-revelacao-festa-para-revelar-o-sexo-do-bebe/2942171/>> e <<http://www.fertilis.com.br/midia29.html>>.



A partir do “sexo”, então, tomado como esta categoria binária e inquestionável da natureza humana, anterior ao uso da linguagem, todo o resto (gênero, desejo e tudo o mais que deles vier a significar) deverá estar devidamente alinhado. Se nascido macho, o gênero será o masculino, será homem e o desejo deverá ser pela fêmea/mulher/feminino. Se nascida fêmea, o gênero será o feminino, será mulher e o desejo deverá ser pelo seu oposto, o macho/homem/masculino. Ser menino ou menina, assim como gostar de homens ou mulheres, não será uma manifestação livre e subjetiva que brota em cada corpo; será um dado a ser constatado antes mesmo do nascimento e repetido na lógica da continuidade a partir desta “descoberta do sexo”. Tudo o mais para além deste binarismo será impensável. Toda esta lógica é o que Butler (2013, p. 24) chamou de “a ordem compulsória do sexo/gênero/desejo”, denunciando que,

Concebida inicialmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo (BUTLER, 2013, p. 24).

Tal concepção está sucinta na famosa frase de Beauvoir (1980, p. 9): “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Entretanto, para Butler (1998; 2013, p. 26-28), se por um lado, Beauvoir colabora para derrubar a afirmação de Freud (1924, p. 222) para quem “a anatomia é o destino”, por outro, acaba mantendo o sexo como matriz natural pré-linguística a partir da qual o gênero pode ser moldado culturalmente; porquanto tornar-se, pode, basicamente, ser reduzido a uma opção de escolha sobre um corpo sexuado. Todavia, seria preciso que o indivíduo enxergasse gêneros disponíveis fora deste sistema para escolher por um deles e, então, *tornar-se*. O que Butler quer é fugir da antropologia estruturalista de Lévi-Strauss, da “problemática distinção natureza/cultura”, que assombra a frase de Simone de Beauvoir. Assim sendo, “se a perspectiva de Lévi-Strauss fosse verdadeira, seria possível mapear a transformação do sexo em gênero, localizando o mecanismo cultural estável – as regras de intercâmbio do parentesco – que efetua essa transformação de modo regular” (BUTLER, 2013, p. 65). Ou seja,

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos (BUTLER, 2013, p. 25).

Defender o gênero como a construção cultural do sexo é manter a “unidade lógica e natural” do “sexo biológico”, como se este fosse o molde primário com o qual a cultura escreve um gênero. Para Butler, nenhuma outra finalidade tem tal distinção se não a de manter matrizes de dominação. “Em outras palavras, não há razão para dividir os corpos humanos em sexos masculino e feminino, exceto que uma tal divisão é adequada às necessidades econômicas da heterossexualidade, emprestando um lustro naturalista à sua instituição” (BUTLER, 2013, p. 164).

Todo este debate sobre a distinção sexo/gênero se relaciona com o desejo justamente no que lembra Butler: “Wittig<sup>69</sup> considera que o ‘sexo’ é discursivamente produzido e difundido por um sistema de significações opressivo para as mulheres, os gays e as lésbicas” (BUTLER, 2013, p. 165).

Assim, o “sexo” é o efeito de realidade de um processo violento dissimulado por esse mesmo efeito. Tudo que vem à tona é o “sexo”, e assim ele é percebido como a totalidade do que existe, como não causado, mas somente porque a causa não pode ser vista em parte alguma (BUTLER, 2013, p. 166).

O “sexo” é esta categoria que escraviza corpos e seus desejos mesmo antes de nascerem. Os performativos “É menino” ou “É menina” decidem, inclusive, por qual “sexo” este corpo deverá manifestar desejo afetivo e sexual; e será sempre pelo “sexo oposto”. Com efeito, “somos obrigados, em nossos corpos e em nossas mentes, a corresponder, traço por traço, à ideia de natureza que foi estabelecida para nós. [...] ‘homens’ e ‘mulheres’ são categorias políticas, e não fatos naturais” (WITTIG<sup>70</sup>, 1981, p. 48 *apud* BUTLER, 2013, p. 168).

Esta lógica também responde ao que Butler (1998) chamou de “fantasmas cartesianos”, isto é, insistir na divisão sexo/gênero, natureza/cultura, mente/corpo, homem/mulher, heterossexual/homossexual é próprio da separação cartesiana de sujeito (mente *versus* corpo; “penso logo existo”) e de um pensamento logocêntrico que estabelece tudo ao modo binário, em que a razão, a verdade, a natureza, o normal sempre irão assumir a hierarquia dos pares (não por coincidência as palavras sexo, natureza, mente, homem e heterossexual vem à frente).

A heterossexualidade, única sexualidade possível nesta lógica da continuidade, serve para a manutenção da dicotomia sexo/gênero e, por “corresponder ao natural”, é entoada como argumento para a exclusão de gays, lésbicas, bissexuais, assexuais e pansexuais (enfim,

<sup>69</sup> WITTIG, Monique. “The Mark of Gender”. *Feminist Issues*, Berkeley, v. 5, n. 2, p. 3-12, 1985.

<sup>70</sup> WITTIG, Monique. “One is Not Born a Woman”, *Feminist Issues*, Berkeley, v. 1, n. 2, p. 47-54, 1981.

todo o espectro de sexualidade humana). Tais argumentos encontram ecos em Discursos<sup>71</sup> religiosos, econômicos, sociais e, inclusive, científicos, com destaque aqui para a psicanálise. Não é o objetivo aprofundar-se no debate psicanalítico sobre a sexualidade gay, mas é impossível não aludir rapidamente sobre tais questões para mostrar a cumplicidade e força dos Discursos científicos.

Costa (1992) mostrou como o Discurso psicanalista ajudou a construir o gay – inclusive como perversão – ecoando um Discurso econômico-social oitocentista burguês que continua vigente até os dias atuais<sup>72</sup>. O autor lembrou que uma pretensa crença num traço psíquico comum aos gays conduziu ao pensamento geral de que é possível unir todos os gays sob uma mesma pulsão sexual, descrita sempre como a “atração por uma pessoa do mesmo sexo”. Todavia, elucida Costa (1992, p. 30), trata-se de uma simplificação linguística. Sendo a pulsão indiferenciada e o que interessa é o objeto do desejo, o “mesmo sexo” que provoca a pulsão sexual não pode ser entendido como anatomicamente em todas as situações. A partir de casos assistidos em consultório observou que,

Do ponto de vista da intensidade da atração, o homoerotismo variava desde um forte apelo por relações físicas até um mitigado desejo de companheirismo erotizado, batizado de amizade. Entre os dois pólos, as fronteiras contraíam-se e dilatavam-se, em função das mais diversas posições subjetivas. Frustrações ou gratificações amorosas, fracassos ou sucessos profissionais, períodos de maior ou menor depressão etc., tudo fazia pender a balança do desejo homoerótico para um ou outro lado (COSTA, 1992, p. 82).

Assim, ainda nas palavras de Costa (*Ibid.*, p.30): um “‘mesmo sexo’ para um sujeito que só se sente atraído pelos genitais ou outras partes físicas do parceiro não é o ‘mesmo sexo’ para um outro, para quem o parceiro é predominantemente visto como objeto de amor”. Tais oscilações também estavam presentes nas observações do psicanalista quando o objeto do desejo do paciente era o “sexo oposto”. Ao descreverem sua atração, os pacientes contavam histórias de apaixonamento, atração puramente sexual, carinho e conjugalidade sem nunca terem sentido carinho, mas apenas atração física pelas esposas. Enfim, Costa demonstrou que tanto na “homossexualidade” como na “heterossexualidade” as oscilações eram inúmeras e insuficientes para classificá-las sob uma mesma identidade sexual baseada no objeto da atração.

---

<sup>71</sup> Utiliza-se “Discursos”, com “D” maiúsculo, para aludir a estes Discursos como moralistas e institucionais.

<sup>72</sup> Cf. <[http://youtu.be/huctnHtz\\_pE](http://youtu.be/huctnHtz_pE)>.

Em outras palavras, o homem homoeroticamente inclinado não é, como facilmente acreditamos, alguém que possui um traço ou conjunto de traços psíquicos que determinariam a inevitável e necessária expressão da sexualidade homoerótica em quem quer que os possuísse. A particularidade do homoerotismo em nossa cultura não se deve à pretensa uniformidade psíquica da estrutura do desejo comum a todos os homossexuais; deve-se, sugiro, ao fato de ser uma experiência subjetiva moralmente desaprovada pelo ideal sexual da maioria. Dizer isto é dizer que numa cultura como a nossa, voltada para a ideia de realização afetiva e sexual, privar certos sujeitos dessa realização é extremamente problemático. Tanto mais quanto os mesmos sujeitos foram ensinados a desejar esse tipo de satisfação. Conviver com essa espécie de paradoxo emocional exige uma montagem imaginária em que certas defesas psíquicas são recorrentes porquanto mostraram-se eficientes na proteção contra o preconceito. Isso é o que podemos encontrar “em comum” quando analisamos homens com inclinações homoeróticas em nossa sociedade. Ir além é tráfegar no terreno pantanoso de um vocabulário criado para fazer-nos ver homogeneidades onde, com uma pequena volta do parafuso, podemos ver multiplicidades e heterogeneidades (COSTA, 1992, p. 22-23).

Portanto, no fundo, trata-se de uma “suposta homogeneidade teorizada [*que*] nada tem a ver com [*a*] heterogeneidade vivida” (*Ibid.*, p. 44). Ao lembrar ainda o exemplo da cultura grega, em que mulheres, crianças e escravos eram passíveis de investidas sexuais por parte dos homens adultos, sem distinção de “sexo”, Costa demonstrou claramente como a produção de conhecimento é situada, histórica e sujeita às prescrições da linguagem. Mais que isso, defendeu que “o homossexual” surge no contexto da burguesia oitocentista que via como ameaça à ordem econômica-social a sexualidade dissidente que ousava manifestar-se:

O "homossexual", como tento mostrar, foi uma personagem imaginária com a função de ser a antinorma do ideal de masculinidade requerido pela família burguesa oitocentista. Sempre que a palavra é usada evoca-se, querendo ou não, o contexto da crença preconceituosa que até hoje faz parecer natural dividir os homens em “homossexuais” e “heterossexuais” (COSTA, 1992, p. 24).

Tal categoria teórica da “atração pelo mesmo sexo” não resolve a questão, portanto. “A ‘estrutura homossexual’ não se funda em nenhuma hipótese psicanalítica consistente” (*Ibid.*, p. 86). Não fosse o bastante, combinado com esta pretensa categoria do “homossexual”, tal desejo afetivo-sexual foi considerado traço de perversão para atender aos interesses da cultura e civilização burguesa. Era preciso “controlar e redirecionar esse tipo de erotismo rebelde e indiferenciado, convertendo-o no que veio efetivamente a tornar-se: homossexualismo” (*Ibid.*, p. 43). Porquanto Costa não pretende excluir todos os casos de perversão sexual, mas tão e somente não restringi-los à pretensa categoria uniforme da “homossexualidade”. Assim, a classificação psiquiátrica do século XIX estabelecia de um lado o natural (homem, mulher, heterossexualidade e a pulsão sexual comprometida com a reprodução), de outro, o desvio (a homossexualidade, a pulsão sexual pelo prazer) e, na outra

ponta, as perversões (como a pulsão sexual apenas por partes do corpo). Estas duas últimas foram separadas da primeira por seu não compromisso com a reprodução, considerada como o objetivo da relação sexual. E, embora tais classificações não correspondam mais às recentes, a força de tal Discurso científico perdurou no tempo e continua a tratar como desvio as sexualidades dissidentes.

Por fim, Costa sugere que o que se identifica como traços psíquicos de uma sexualidade gay são, na verdade, respostas à exclusão da ordem compulsória da sexualidade. Afinal,

Pense que, em nossa sociedade, em nossos costumes, tudo predestina um sexo ao outro; tudo ensina a heterossexualidade, tudo convida a ela, tudo a provoca: teatro, livro, jornais, exemplo dos mais velhos, jogos de salão, de rua. Se com tudo isto, não nos tornamos *amoureux*, é que fomos mal educados, grita-se (GIDE<sup>73</sup>, 1987, p. 41 *apud* COSTA, 1992, p. 63).

O que une os gays, se alguma característica os une, “são as regras de identificação sexual geradas pelo imaginário social da exclusão”. Uma “*resposta psíquica* ou *estratégia defensiva* posta em marcha pelos sujeitos diante das injunções morais desqualificantes produzidas pelo preconceito” (*Ibid.*, 84-85). Como os gays são privados de ter e comunicar seus desejos afetivos e sexuais, como são privados inclusive de vocabulário para tal (o amor não se pode ousar dizer), diante da “cultura da privação” sobram-lhes as seguintes reações inconscientes: 1) a “fechação”: quando exageram os estereótipos, denunciando a ilusão de uma sexualidade normal. Geralmente, tais práticas (também comunicativas) transitam entre o humor e a agressividade; “o excesso e a zombaria exprimem a condenação do preconceito”; falseando os gêneros e papéis sociais impostos, denuncia-se a falsidade da aparente normalidade; 2) a criação de uma cultura do gueto: gírias, locais de encontro, circuitos, saunas, boates, práticas, expressões, gestos, comunidades exclusivas aos gays, enfim, locais para gozar da liberdade negada pela cultura da privação. Entretanto, ainda assim carregam sequelas do preconceito e; 3) o *acting-out* sexual: que procura responder ao modelo normativo da masculinidade negando o próprio desejo afetivo ou sexual por meio de práticas intensas de exercícios físicos, relações heterossexuais sem qualquer desejo e limitações sociais como andar sozinho pelas ruas. Trata-se de uma prática masoquista para diminuir o próprio desejo afetivo e sexual bem como a lembrança dele (COSTA, 1992, p. 94-98).

É possível ainda considerar a proximidade entre as duas últimas reações apontadas por Costa, a partir do que observou SOUZA (2012, p. 62-65) em sua pesquisa de mestrado

<sup>73</sup> GIDE, André. *Corydon*. Paris: Gallimard, 1987.

sobre o “fazer banheirão”, prática sexual gay em sanitários públicos. Nas duas entrevistas que ressaltou uma valoração do signo “sacanagem”, identificou que os entrevistados reforçaram suas identidades sexuais como heterossexual ao mesmo tempo em que admitiram sentir desejo afetivo e sexual por pessoas do “mesmo sexo”. Entretanto, tal prática ficou reservada apenas ao espaço do “banheirão”, ao universo da “sacanagem”. Ao rejeitarem o “papel passivo” na relação sexual, desejaram afastar aquilo que os aproxima da figura feminina e o que os afastaria da heterossexualidade, tornando-os “menos homens”. Isto passa a reiterar a moral vigente da masculinidade. Como concluiu Souza (2012) sobre os dois casos em questão:

Esse jogo possui regras instáveis, nos quais os sujeitos imbricados, ao passo que se limitam pelos códigos morais hegemônicos vigentes, transformam-no a partir da produção de novas interpretações de si por meio de suas práticas. É assim, por exemplo, que o participante que se auto-identifica como heterossexual, no pragmatismo daquele contexto, sente-se à vontade para afirmar: “na sacanagem eu faço tudo, dar que eu não dou”. De fato, a posição passiva, a menos prestigiada pelo fato de ser a que mais aproxima o homem da figura feminina, é a que mais ameaçaria a heterossexualidade do Participante, fato que explica a advertência “dar que eu não dou”. Mas, até isso, foi negociado quando, em tom provocador e incisivo, afirmei: “sou viciado em comer um cuzinho”, ao que ele respondeu: “com jeito tudo rola em quatro paredes, dependendo da porra na hora você mete a cabecinha, a putaria vence” (SOUZA, 2012, p. 64-65).

Por meio da prática comunicativa/linguagem, uma infinidade de novas interpretações de si e contradições são performatizadas confirmando o que observou Costa sobre a impossibilidade de teorizar uma homogeneidade diante do complexo espectro do desejo afetivo e sexual gay.

Parte deste espectro da diversidade sexual e afetiva, por exemplo, é difundido em esquemas produzidos pela comunidade de ativistas, como o exemplo a seguir:

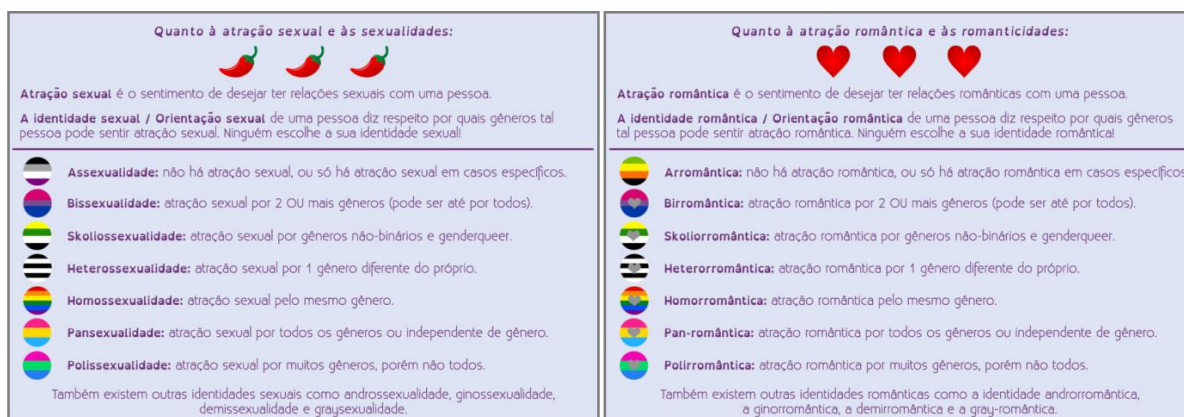


FIGURA 7 - ESPECTRO DE IDENTIDADE SEXUAL E AFETIVA (OU ROMÂNTICA)  
FONTE: *TUMBLR* ESPECTROMETRIA NÃO-BINÁRIA<sup>74</sup> (2015)

<sup>74</sup> Cf. <<http://espectrometria-nao-binaria.tumblr.com/post/105120309998>>.

Entre os polos da assexualidade (nenhum desejo afetivo ou sexual) e pansexualidade (desejo afetivo e sexual por todos ou sem distinção) há uma série de expressões do desejo categorizadas nestes esquemas (bissexualidade, homossexualidade, heterossexualidade, polisssexualidade, skoliossexualidade, entre outras). Mas é preciso ainda observar o seguinte: as diversas nomenclaturas parecem ser, em certo sentido, também respostas a toda a cultura da privação que circunda a própria luta pela diversidade sexual. Isto é, se por um lado as sexualidades gay e lésbica são quase sempre o foco do ativismo de diversidade sexual, a ausência das pautas da assexualidade, bissexualidade, pansexualidade, entre outras, obriga a nomear-se para “ser”, para mostrar sua existência. Com efeito, uma série de novas “incisões” faz surgir nomes e bandeiras que contemplam outras expressões do desejo afetivo e sexual ainda não representadas, mas geram novas fragmentações para além daquelas criticadas por Butler sobre o sexo/gênero. Por exemplo, a figura a seguir fragmenta a identidade de gênero da expressão de gênero:

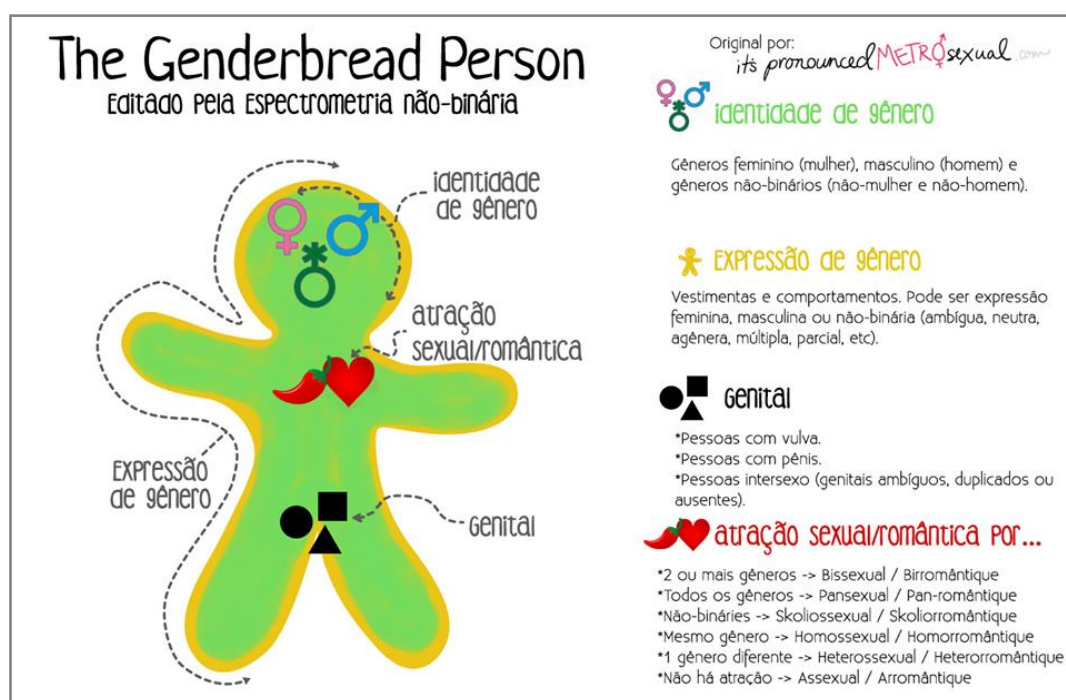


FIGURA 8 - ESPECTRO SEXO/GÊNERO/DESEJO/EXPRESSÃO DO GÊNERO  
FONTE: TUMBLR ESPECTROMETRIA NÃO-BINÁRIA<sup>75</sup> (2015)

Mesmo com a intenção de abarcar gêneros e sexualidades não contempladas nos modelos atuais, a nova cisão na FIGURA 8 entre a identidade de gênero e a expressão de gênero, suspeita-se, terá suas consequências: a) tal distinção passa a reforçar uma concepção de linguagem representacionista, como se a expressão de gênero pudesse indistintamente

<sup>75</sup> Cf. <<http://espectrometria-nao-binaria.tumblr.com/post/105120398398>>.

separar-se da forma de vida que é o próprio gênero. As “vestimentas” e “comportamentos” são também a dimensão comunicativa dos gêneros e, portanto, a condição de possibilidade dos mesmos e; b) tal distinção reforça o gênero como compreendido atualmente, admitindo que um “homem pode se vestir de mulher” como se estas categorias “homem” e “mulher” não fossem as criações mesmas nas quais é preciso concentrar a crítica. De modo que, se a inicial distinção entre sexo/gênero feita por Beauvoir que Butler (2013) criticou mantém a categoria sexo como natural, tal nova distinção mantém gênero como algo distinto da prática comunicativa pela qual o próprio gênero e o sexo tornam-se convenções. Ademais, algumas metáforas são importadas (como *skoliossexual*, *demiboy*, *demigirl*) num contexto em que a maioria da população brasileira desconhece ou não utiliza tais nomenclaturas, como lembrou Souza (2012, p. 63)<sup>76</sup>.

Portanto, corroborando Costa, não se pretende aqui tratar o gay como aquele que sente atração afetiva e/ou sexual pelo “mesmo sexo”, “mesmo gênero”, nem pelo sexo/gênero igual ao seu, uma vez que,

Não existe objeto sexual “instintivamente adequado ao desejo” ou vice-versa, como reitera a psicanálise. Todo objeto de desejo é produto da linguagem que aponta para o que “é digno de ser desejado” e para o que “deve ser desprezado” ou tido como indiferente; como incapaz de despertar excitação erótica (COSTA, 1992, p. 28).

Assim, as práticas comunicativas e a linguagem são aquilo mesmo que precisamos investigar para compreender a criação e manutenção do sexo/gênero/desejo das quais decorrem as “identidades gays” e tantas outras. Como Costa propõe, “ser gay” é nada mais que uma das possibilidades de manifestação e realização do desejo afetivo e sexual:

Penso apenas em propor que: se descrevermos o homoerotismo como uma possibilidade a mais que tem os indivíduos de se realizar afetiva e sexualmente; se descrevermos as práticas homoeróticas como um campo polimorfo e múltiplo, cujo enquadre numa classe ou família natural deve-se apenas ao modo como catalogamos ou valorizamos as condutas sexuais entre nós; se, enfim, desistirmos de ver o “homossexual” como uma realidade natural ou psíquica que antecede as formas de vida e os jogos de linguagens que o produziram, pois bem, se procedermos assim, poderemos mais facilmente continuar respeitando e cultivando outras crenças igualmente importantes para nossas vidas. Continuaremos cultivando, por exemplo, a crença de que o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade são direitos inalienáveis de todos os indivíduos; continuaremos cultivando a crença de que se a vida e a liberdade são problemas de todos e que por todos devem ser discutidos e resolvidos, a busca da felicidade é problema de cada um; finalmente, continuaremos cultivando a crença de que a busca da felicidade não precisa justificar-se, exceto quando esbarra na dor e na humilhação do outro (COSTA, 1992, p. 73).

---

<sup>76</sup> Cf. <<http://youtu.be/gPEseczrxqk>>, <<http://youtu.be/tbT5zohIXKU>> e <<http://youtu.be/LvwXq1cUHAM>>. A despeito do tipo de humor com que foi trabalhado o assunto, os vídeos ainda servem de exemplo para o que se pretende criticar.



Por fim, no lugar de propor nomenclaturas e novas cisões que, no fundo, carregam os fantasmas cartesianos e reiteram a lógica do logocentrismo, procura-se trabalhar aqui a “identidade gay” como criação linguística, prática comunicativa performativa, política, iterável e estratégica (conforme nota de rodapé 6), sempre em movimento.

### 3.3.5 Força ilocucionária - efeitos identitários

Partindo da afirmação final do tópico anterior, a força ilocucionária em Austin (1975) ajuda a compreender o que foi observado (e de certo modo proposto) até agora: ao contrário do que se supõe, a “identidade gay” não é o sentido final, em conformidade, em harmonia, de um traço comum físico ou psíquico de um grupo de indivíduos. A “identidade gay” é o sentido em constante movimento, prática comunicativa, linguística, performativa, política, iterável e estratégica, que surge como efeitos de um ato de fala. Efeitos que, evidentemente, podem estar alinhados ou não à intenção do indivíduo.

Austin (1975), então, propõe cinco classes de força ilocucionária: 1) **os veriditivos**, que como diz o próprio nome, dão um veredicto, estabelecem valor sobre alguma coisa, dão juízo sobre algo, oficial ou extraoficial. São exemplos de veriditivos atos performativos que caracterizem, valorizem, determinem, diagnostiquem, analisem, interpretem, entre outros; 2) **os exercitivos**, que correspondem aos atos performativos que realizam poderes, direitos e influências. Podem ainda ser uma decisão a favor ou contra algo. Diferente dos veriditivos que julgam algo como é, estes dizem como as coisas devem ser, advogam por alguma posição. São exemplos de exercitivos: ordens, proclamações, declarações com poder, recomendações, entre outros; 3) **os comissivos**, que comprometem os indivíduos a fazerem algo, também incluem de intenções. São exemplos dos comissivos: prometer, comprometer, ter intenções, pretender, planejar, ter propósitos, entre outros; 4) **os comportamentais**, que tem a ver com atitudes e o comportamento social como, por exemplo, se desculpar, elogiar, expressar desejos, entre outros e, por fim; 5) **os expositivos**, que fazem parte das argumentações e conversas e em geral são empregados para expressar as opiniões. Fazem parte desta classe de atos performativos as exemplificações, opiniões, conclusões, deduções, interpretações, entre outros. Nas palavras de Austin:

Em suma, podemos dizer que o veriditivo é um exercício de julgamento, o exercitivo é uma afirmação de influência ou exercício de poder, o comissivo é assumir uma obrigação ou a declarar uma intenção, o comportamental é a adoção de uma atitude e o expositivo é o esclarecimento de razões, argumentos e comunicações (AUSTIN, 1975, 163, tradução nossa).

Ocorre que, por diversas vezes, Austin reconhece que estas classes não são satisfatórias e sobrepor-se-ão entre si:

Distingo cinco classes bastante gerais: mas estou longe de estar satisfeito com todas elas. [...] As últimas duas classes são aquelas que acho mais problemáticas, e que pode muito bem ser que não estejam claras ou que estejam embaralhadas, ou até mesmo que novas classificações sejam necessárias. Não estou, de modo algum, propondo nada definitivo<sup>77</sup>. [...] Dissemos repetidamente que ainda podemos discutir se estes atos não são veriditivos, exercitivos, comportamentais ou comissivos, também (*Ibid.*, p. 151, 152, 161).

Esta insatisfação e abertura de Austin dá início a uma série de investigações sobre sua Teoria dos Atos de Fala. Searle (1979, p. 12-20), por exemplo, buscou rever as classes ilocucionárias de Austin e propôs cinco outras classes levando em conta as atividades que os atos cumprem: assertivos (realizam afirmações que incluem “verdadeiro” ou “falso”), diretivos (realizam ordens), comissivos (que realizam promessas, comprometem os indivíduos com algumas ações futuras), expressivos (expressam estados psicológicos específicos em condições de sinceridade sobre coisas específicas ao conteúdo proposicional de sua expressão) e os declarativos (que possuem relações entre as declarações e suas correspondências no mundo, ou, como o performativo realiza algo, por exemplo, batizar alguém, declarar guerra, casar alguém).

Mas, é importante lembrar as críticas feitas por pesquisadores como Rajagopalan (1996b) e Ottoni (2002) ao trabalho “ambíguo” de Searle, que introduziu as ideias de Austin nas ciências da Linguagem, mas “desvirtuou” suas ideias “domesticando-as” (conforme visto no tópico 2.3).

Sendo assim, chegar à análise com estas classes de forças ilocucionárias prontas, optando por esta ou aquela taxonomia, parece demasiadamente precipitado. Ademais, como disse o próprio Austin (1975, p. 152, tradução nossa), “poderia muito bem ser dito que todos os aspectos estão presentes em todas as minhas classes [*ilocucionárias*]”. Parece plausível, então, defender que a análise se proponha primeiro a identificar as forças ilocucionárias dos atos performativos para, em seguida, se necessário ou interessante for, verificar se elas se constituem um grupo. Lembrando, no entanto, que tal “separação” entre força ilocucionária e enunciado em si é uma abstração que apenas busca facilitar a análise, “todo ato de fala genuíno é ambas as coisas [*locucionário e ilocucionário*]”. Por fim, o que interessa aqui são os efeitos identitários que tais atos performativos criam no mundo.

---

<sup>77</sup> Esta última frase, especificamente, foi copiada da obra traduzida por Marcondes (Austin (1990)).

## 4 ANÁLISE

Nos capítulos anteriores, além do quadro teórico, foram justificadas as escolhas dos perfis e do período de recorte para a análise. Também foram explorados os conceitos-chave para análise como, por exemplo, a noção que “contexto” assume neste trabalho. Neste quarto capítulo, a análise será separada por perfil e, em cada perfil, buscou-se identificar os D/discursos por meio de suas práticas comunicativas. Nem todas as publicações do mês de setembro de cada perfil constituem o foco da análise aqui, mas, antes, a composição destas publicações enquanto D/discursos em cada perfil. Encerrando o capítulo, tecem-se comentários a respeito da análise e dos D/discursos de cada perfil.

A organização da análise se dá na seguinte sequência: após breve apresentação de cada perfil, baseada nas informações básicas do *Facebook* e nas interações destes perfis nos grupos observados, busca-se identificar as forças ilocucionárias que estejam legitimando ou subvertendo D/discursos sobre a “identidade gay”. Relembrando, o objetivo é responder à seguinte questão de pesquisa: **Que efeitos identitários são performatizados nas práticas comunicativas destes dois usuários gays focais no *Facebook*?** E, para respondê-la, duas questões auxiliares foram formuladas: a) que forças ilocucionárias são identificadas nestes atos performativos? b) Que D/discursos relacionados às “identidades gays” estas forças ilocucionárias ajudam a legitimar ou subverter? Estas questões auxiliares servirão ainda de roteiro para responder a questão principal.

### 4.1 ANALISANDO R1

No período de desenvolvimento desta análise, foi possível identificar que R1 é um homem de 31 anos, branco e possui ensino médio completo, segundo as informações que constam em seu perfil. Está no *Facebook* desde 2009 e possui aproximadamente cinco mil amigos. Além de curtir diversas páginas, também participa de diversos grupos com temática sobre diversidade sexual e de gênero, especialmente sobre gays. Um destes grupos é administrado por R1 e possui 31.058 membros. R1 mantém um relacionamento sério com outro homem, negro, de 23 anos, também com ensino médio completo, que mora na mesma cidade. É cadastrado no *Facebook* desde 2011 e também possui cerca de cinco mil amigos.

#### 4.1.1 “O QUE É SER UM HOMOSSEXUAL (GAY)?”

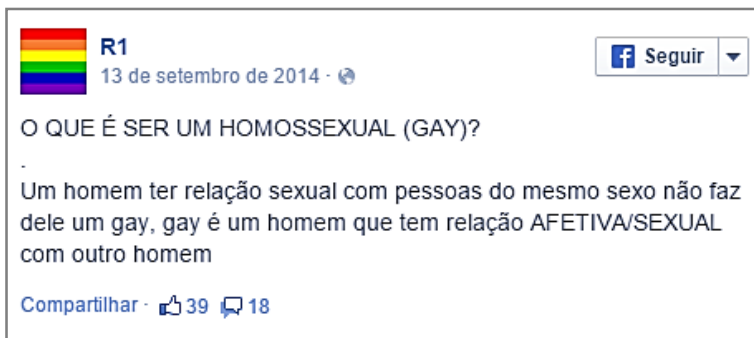


FIGURA 9 - "O QUE É SER UM HOMOSSEXUAL (GAY)?"  
 FONTE: FACEBOOK (2014)

A FIGURA 9 resume um grupo de publicações que concentram posições de R1 sobre “ser gay”. Também foi compartilhada no grupo em que R1 é administrador e no perfil de seu namorado (como muitas outras publicações, como foi possível observar).

Seguindo Austin (1975), poderia ser dito que o que R1 está a fazer é um ato de fala com força ilocucionária veriditativa, isto é, está a emitir um julgamento sobre o que é ser gay que, para ele, é aquele que sente atração afetiva/sexual por outro e não somente o que faz sexo com outro homem. Isto corrobora o que Costa (1992) apontou sobre a diversidade de formas e tentativas de estabelecer um traço único psíquico, físico ou natural que possa abarcar a “identidade gay”, pois R1 tenta traçar um perfil do gay contrapondo-o a outro que acredita não ser o correto, mas que por ter mencionado reconhece que existe (o do “homem que tem relação sexual com pessoas do mesmo sexo”).

O D/discurso de R1 ainda pode ser aproximado ao que foi mostrado neste trabalho sobre orientação sexual e romântica (FIGURA 7). Todavia, R1 faz esta distinção para excluir da “identidade gay” aquele que apenas tem a relação sexual com uma pessoa do “mesmo sexo” definindo o gay como aquele que tem relações afetiva/sexual. A “intenção” de R1 em separar o gay daquele que apenas tem relação sexual com pessoas do mesmo sexo pode ser confirmada nos comentários da publicação:

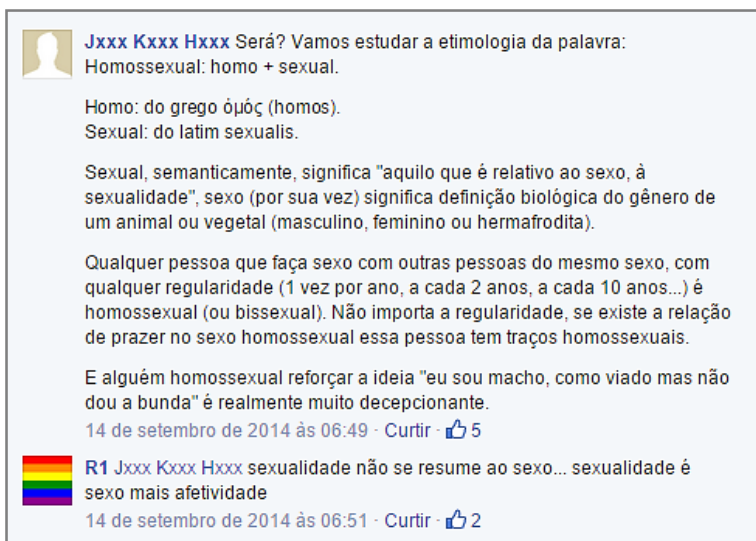


FIGURA 10 - "SEXUALIDADE É SEXO MAIS AFETIVIDADE"  
FONTE: FACEBOOK (2014)

O usuário “Jxxx Kxxx Hxxx” argumenta que o gay é aquele que tem relações sexuais com pessoas do “mesmo sexo” explicando a etimologia da palavra, mas R1 reitera em sua resposta a distinção do gay como aquele cuja sexualidade vai além do sexo. Num primeiro momento pode parecer que R1 está ampliando a discussão da sexualidade, mas na sequência (FIGURA 12), considerando a combinação das publicações, será possível compreender os motivos da distinção que R1 faz.

Foi possível notar, com a observação de suas interações no grupo e nas publicações no próprio perfil, que R1 tem um D/discurso bastante moralista<sup>78</sup> em relação a relacionamentos e sexo. Critica, algumas vezes, o comportamento dos gays nos sites de redes sociais como “Disponível.com”<sup>79</sup> e “Badoo”<sup>80</sup> que, para ele, estão apenas buscando sexo. Ambos os sites se apresentam como sites de relacionamentos, porém, fica claro o apelo do primeiro quanto ao desejo sexual (foi possível inferir isto a partir da chamada<sup>81</sup> e da foto de capa da página inicial do site). R1 critica ainda que os gays não mostram fotos de rosto, apenas de partes do corpo nestes sites, como pode ser verificado a seguir:

<sup>78</sup> Utiliza-se “moralista” no sentido estrito da palavra: aquele que é autor de D/discursos da moral. Isto é: dos D/discursos sobre as regras e “bons costumes”.

<sup>79</sup> Cf. <<http://disponivel.uol.com.br/web/>>.

<sup>80</sup> Cf. <<http://badoo.com/>>.

<sup>81</sup> A chamada diz “Os homens mais bonitos disponíveis pra você!”.

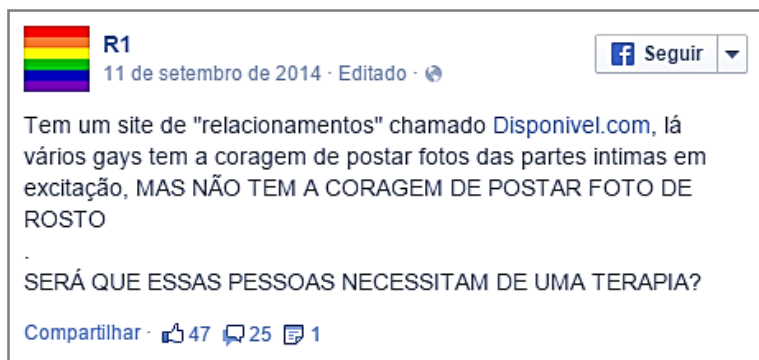


FIGURA 11 - "SERÁ QUE ESSAS PESSOAS PRECISAM DE UMA TERAPIA?"  
 FONTE: *FACEBOOK* (2014)

Estas críticas de R1 podem ser interpretadas dentro da proposta de Austin (1975) como uma força ilocucionária comportamental, já que crítica e aprovação são atitudes. A força ilocucionária comportamental aqui difere da primeira, porque naquela R1 estava emitindo um julgamento sobre o que é ser gay. Nesta, está criticando um comportamento.

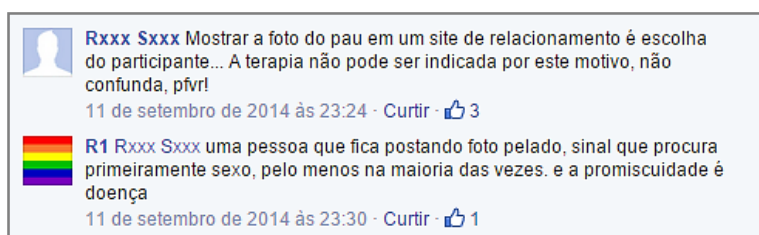


FIGURA 12 - "...E A PROMISCUIDADE É DOENÇA"  
 FONTE: *FACEBOOK* (2014)

Com esta fala da FIGURA 12, é possível interpretar que R1 trata o desejo e as inclinações sexuais (quando não manifestadas juntamente com a afetividade) como promiscuidade e doença. Para ele, o sexo deve ser feito apenas com amor, como escreveu num texto em seu blogue, compartilhado no *Facebook*, como mostra a publicação n.º 14 (APÊNDICE A). Disse: "Faça sexo somente com amor e camisinha". Nestes atos performativos, novamente identificam-se forças ilocucionárias veriditivas, comportamentais e expositivas, também. R1 emite um julgamento de que publicar fotos de nudez é sinal de quem está buscando sexo, critica este comportamento e novamente emite um julgamento de que isto é promiscuidade. O comentário poderia ainda ser interpretado como uma força ilocucionária expositiva, pois explica a publicação inicial (FIGURA 11) e justifica a razão pela qual sugeriu a questão da terapia. Aliás, a esta altura parece que todo o comentário no *Facebook* possui grande chance de se encaixar na classe dos expositivos, pois na maioria das vezes estará relacionado à publicação (evidente que isto não é regra, pois existem casos de comentários sem relação alguma com a publicação).

Portanto, quando se olha para um quadro mais amplo, considerando a combinação das publicações que R1 fez durante todo o mês escolhido para análise, faz menos sentido classificar separadamente as forças ilocucionárias. Elas se combinam e parecem ser uma força ilocucionária destes atos performativos (destas publicações). Ora, no fundo se está apenas notando nos dados coletados aquilo mesmo que Austin (1975) já observou: que a separação entre as forças ilocucionárias é uma abstração e o que se deve buscar é um “ato de fala total”. Neste sentido, poderia ser dito que, respondendo à questão auxiliar de pesquisa “A”, que embora R1 tenha explicitado razões e argumentos e criticado/desaprovado certa forma de “ser gay”, mesmo em publicações separadas e não sequenciais, as forças ilocucionárias convergem para uma mais ampla que se sustenta no julgamento que R1 faz sobre o que é “ser gay”. Trata-se, portanto, de uma força ilocucionária geral vereditiva.

Continuando com a questão auxiliar de pesquisa “B”, esta abordagem também facilita identificar os D/discursos que são reiterados ou subvertidos por estes usuários do *Facebook* (é por isso que, no lugar de separar esta análise publicação-por-publicação, optou-se por combiná-la em seus D/discursos). Neste caso, por exemplo, ao emitir seu julgamento de que os gays são aqueles que têm relações afetivas/sexuais com pessoas do “mesmo sexo” e não somente sexuais, pois apenas sexo é promiscuidade, R1 corrobora o D/discurso latente em sociedade sobre a moralidade dos corpos, a partir de bases religiosas. Foucault (1984), em sua obra *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*, já observou que a conduta sexual até o final do século XVIII era regida pela união da Igreja e Estado. E como reconheceu Butler (2006, p. 4), em entrevista à Revista IHU On-line, “A religião é uma importante matriz para a formulação de valores”. A moral e valores religiosos estão sintetizados numa frase do teólogo Nilson (2006, p. 13): “É evidente na lei natural que a atividade sexual é um desígnio de Deus para unir dois parceiros complementares, homem e mulher, mais profundamente no amor”. Ora, os D/discursos da moralidade religiosa dos corpos continuam vigentes e podem ser encontrados em atos performativos contemporâneos como os de R1 – talvez por coincidência ou não, mas foi possível notar compartilhamentos de cunho religioso em seu perfil. E, do mesmo modo que Costa (1992, p. 69-70) identificou em Gide, o D/discurso de R1 é “signo de sua vontade de transfigurar o mal e o vício, mesmo às custas [*sic*] da fabricação de uma outra categoria de malditos. A benevolência divina tinha um preço, a danação do diferente”. Isto é, no D/discurso de R1, o gay não é o promíscuo, é aquele que guarda o amor salvando-se da perversão que mantém o estigma desta sexualidade dissidente. Este é o D/discurso que práticas comunicativas como estas de R1 ajudam a legitimar, respondendo a pergunta auxiliar “B”.

Assim, respondendo agora a pergunta principal de pesquisa, os efeitos identitários que podem ser observados por estas práticas comunicativas de R1 reforçam e legitimam os atributos de uma “identidade gay” com um traço único sobre o desejo afetivo e romântico, devendo o gay abandonar a promiscuidade e perversão. Esta “identidade gay” de R1 se faz pela exclusão de um Outro absoluto, reiterando sobre ele a vigilância e punição dos D/discursos históricos que outrora haviam condenado a sexualidade dissidente de seu próprio corpo. Para R1 é preciso “separar o joio do trigo” assim como em Gide: “os homossexuais, segundo ele, não eram todos iguais. Existiam aqueles conforme à natureza e aqueles contra a natureza” (COSTA, 1992, p. 69). Os efeitos identitários das práticas comunicativas de R1 forjam uma identidade na exclusão do Outro por sua “promiscuidade”, afastam-no da “identidade gay” superior, livre do vício e da perversão da carne. No lugar de sofrer ao ver uma imagem indesejável de si, rejeita este comportamento como não sendo o gay. O mesmo ato que outrora o puniria por sua sexualidade dissidente agora foi apropriado nas práticas comunicativas de R1.

#### 4.1.2 “Aonde está essa tal homofobia?”

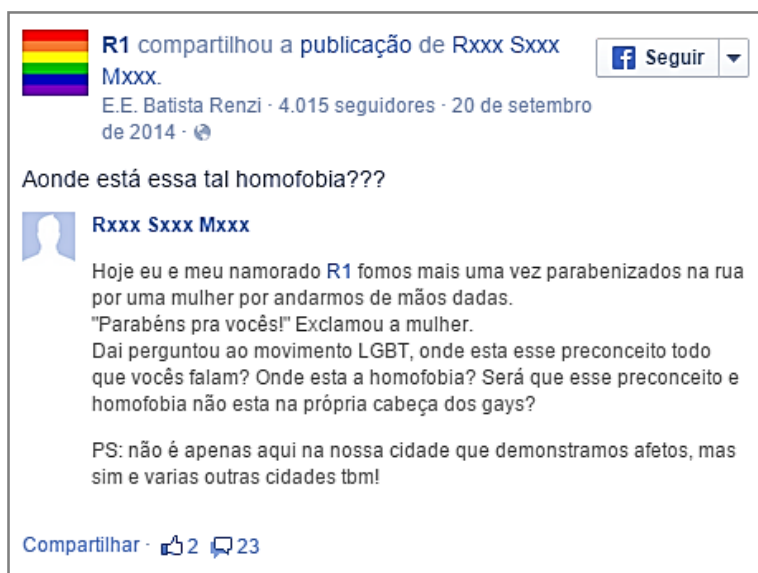


FIGURA 13 - "AONDE ESTÁ ESSA TAL HOMOFOBIA?"

FONTE: FACEBOOK (2014)

A FIGURA 13 é um exemplo de um D/discurso repetido diversas vezes por R1 tanto em seu perfil como no grupo que administra. Para ele, a homofobia não é tão latente como noticia o movimento gay e os números<sup>82</sup> comprovam que ela quase não existe no Brasil

<sup>82</sup> Cf. <<http://youtu.be/DESIQaXqevw>>.



(FIGURA 14). Todavia, estes números são questionáveis. Geralmente eles são apresentados comparando os crimes cometidos contra gays por intolerância quanto a sua sexualidade com os crimes cometidos contra heterossexuais por motivos diversos (nenhum por intolerância à sexualidade hétero, evidentemente).

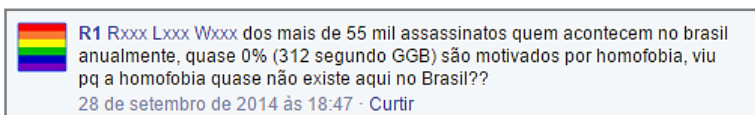


FIGURA 14 - "VIU PQ A HOMOFOBIA QUASE NÃO EXISTE..."

FONTE: *FACEBOOK* (2014)

O que R1 faz ao questionar “aonde está essa tal homofobia?” é emitir uma crítica com relação ao D/discurso que diz que ela existe. Respondendo à questão auxiliar de pesquisa “A”, a força ilocucionária destes atos performativos de R1, na proposta de Austin (1975), poderia ser: a) comportamental, pois a crítica é uma atitude. R1 critica o movimento LGBT por forjar uma realidade de violência que não existe, segundo ele; b) vereditiva, pois R1 emite um julgamento a cerca da existência desta violência específica, dizendo acreditar que quase não existe homofobia como é noticiado e/ou; c) expositiva, porque no comentário da FIGURA 14, R1 esclarece as razões e apresenta argumentos para sua crítica. Ainda, ao questionar “aonde está essa tal homofobia?” compartilhando o relato de seu namorado, procura dar sustentação a sua crítica com razões e argumentos (a própria experiência de não ter sido agredido).



FIGURA 15 - "NECESSITO DE TODOS OS DETALHES..."  
FONTE: FACEBOOK (2014)

Por diversas vezes, especialmente no grupo administrado por R1, foi possível notar sua rejeição e negação de casos de homofobia, como ocorreu na interação na FIGURA 15. Quando seus contatos ou membros do grupo compartilhavam notícias sobre violência contra gays e até mesmo casos pessoais, recebiam questionamentos de R1 sobre os detalhes do incidente (horário do ocorrido, local, se houve denúncia, boletim de ocorrências e testemunhas). Enfim, sempre que confrontado com estas notícias sobre homofobia R1 sugeriu que eram casos isolados e/ou que a violência aconteceu porque “estavam em locais desertos sem segurança alguma”, exatamente como fez na interação com “Axxx Gxxx Lxxx”.

No grupo que administra, foi possível observar que R1 também chegou a dizer que as vítimas “vacilaram” por permanecer no lugar do incidente. Em outro momento, ainda no grupo, R1 compartilhou um vídeo da página “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho”<sup>83</sup>, um curta-metragem<sup>84</sup> que mostra dois jovens gays passeando no *shopping*, sendo que um deles demonstra bastante receio de trocar carinho com seu parceiro naquele ambiente e medo da reação das pessoas. O *clímax* acontece na cena em que o garoto foge de outro adolescente pensando que estava sendo perseguido por conta de sua sexualidade, mas no fim, o adolescente só queria lhe entregar um boné que havia caído de sua mochila. No final, há uma frase de efeito em italiano que poderia ser traduzida como “viver sem medo de seus sentimentos deve ser um direito de todos”. Pode-se inferir, a partir destas informações, que o curta procura demonstrar uma mensagem de apoio a toda forma de sentimento e carinho, inclusive a sua manifestação em espaços públicos. O curta, portanto, ficciona uma situação em que o preconceito não existiria e teria restado apenas o medo do garoto de que algo pudesse acontecer, mas ainda assim sustenta que todos deveriam ter direito a viver sem tal medo. A interpretação que R1 fez, entretanto, sugere que os gays deixem de identificar homofobia em tudo, chamando de “neurose” e dizendo que “existe heterofobia”, ou seja, uma preocupação “neurótica” por parte dos gays em serem agredidos. O curta mostra claramente isto, na visão de R1. Trata-se exatamente daquilo que Derrida (1991) apontou quanto aos conceitos de citacionalidade e sentido. É dizer que, embora a mensagem, para este autor-pesquisador seja de apoio à diversidade sexual por parte do diretor do curta-metragem, a interpretação que R1 faz, sugere que o medo dos héteros é injustificado e que a homofobia não existe como é noticiada pelo movimento gay. Enfim, se quer demonstrar com esse episódio observado, como R1 se utiliza de outras possibilidades de sentido para sustentar sua crítica.

Voltando às publicações do perfil, em outro momento de interações com sua rede de amigos, na publicação n.º 11 (APÊNDICE A), R1 novamente descartou casos de preconceito e homofobia utilizando os mesmos argumentos. Sobre a publicação, que era um vídeo<sup>85</sup> sobre homofobia do canal de humor e informação *Põe na Roda*, R1 diz: “Não concordo com tudo que está neste vídeo, mas vale a pena compartilhar e pensar sobre”. Na FIGURA 16, na sequência, tem-se parte do diálogo:

---

<sup>83</sup> Página criada e administrada por fãs do filme que leva o mesmo nome e conta a história de dois adolescentes que descobrem sua sexualidade.

<sup>84</sup> Cf. <<http://youtu.be/DGIngKYZfes>>.

<sup>85</sup> Cf. <<http://youtu.be/KXYtmju2mkw>>.



FIGURA 16 – “OS GAYS AQUI NO BRASIL TEM TODOS OS DIREITOS”  
 FONTE: FACEBOOK (2014)

Ao responder o primeiro e segundo comentários, R1 repete o posicionamento já visto aqui: a própria experiência de nunca ter sido vítima de casos de agressão. Sobre a resposta ao comentário de “Jxxx Lxxx Mxxx Cxxx”, que versou sobre homofobia e machismo, além da afirmação sobre Dilma e machismo (que não será focada aqui) alegou que “hj [hoje] os gays aqui no Brasil tem TODOS os direitos”. É importante lembrar que o último dos direitos alcançados pela comunidade gay (o casamento civil) é legal no país desde 2013 por força de decisão judicial<sup>86</sup>. A inclusão deste direito na Constituição Federal, entretanto, permanece sendo discutida no Congresso Nacional e há implicações importantes sobre isto. Enquanto a legalidade dos chamados “casamentos gays” vigorar por força de decisão judicial o que permanece vigente é o entendimento de juízes sobre a lei, e não a própria lei. Assim, caso mude a configuração dos juízes e o processo retorne para discussão, o entendimento também poderia ser alterado. Seria diferente se tal direito estivesse garantido constitucionalmente,

<sup>86</sup> Cf. <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/05/1278302-cnj-estabelece-casamento-gay-em-todo-pais.shtml>> e <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,cnj-obriga-cartorios-a-celebrar-casamento-entre-homossexuais,1031678>>.

independendo assim da interpretação da lei por parte do poder judiciário. É preciso ainda um olhar panorâmico sobre a questão: a eleição do Deputado Federal Eduardo Cunha (PMDB-RJ) para a presidência da Câmara de Deputados traz os temas do casamento e adoção gay à baila novamente, agora em direção contrária<sup>87</sup>. Por fim, é preciso considerar que a legalização do casamento gay é algo recente e, portanto, mesmo que estivesse garantido em lei, social e culturalmente ainda disputa por legitimidade<sup>88</sup>. Este cenário é ignorado por R1, que em seus atos performativos defende uma suposta<sup>89</sup> harmonia e ampla aceitação com relação a esta sexualidade dissidente.

Após esta resposta de R1, não foi possível concluir se o novo comentário de “Jxxx Lxxx Mxxx Cxxx” é irônico ou se declinou de sua opinião. Um novo comentário posterior, na publicação n.º 31 (APÊNDICE A), em que R1 critica novamente o movimento gay há concordância de “Jxxx” quanto a estas críticas, mas isto não é suficiente para elaborar uma conclusão. R1 tece ainda outras críticas ao movimento gay nas publicações n.ºs 27, 31, 32, 35 e 38 (APÊNDICE A), as quais não são reproduzidas aqui porque sua crítica já está clara.

Portanto, ao dizer que estes gays “vacilam” ou que estão em lugar errado e na hora errada, atribuindo a culpa pela agressão aos próprios sujeitos, R1 performatiza forças ilocucionárias veriditiva e expositiva. Veriditiva, porque emite julgamentos a respeito do comportamento e conduta dos indivíduos dizendo que eles “vacilam” e, expositiva, pois novamente apresenta razões para isso por meio do exemplo pessoal. Se levados às últimas consequências, estes atos performativos de R1 também podem ser entendidos como exercitivos. Na proposta de Austin (1975), os exercitivos seriam forças ilocucionárias cujas consequências podem compelir outros a fazerem ou não certas coisas. É bem verdade que estes atos são, na visão de Austin, muito mais ligados às decisões judiciais. Todavia, quando atos performativos como os de R1 ajudam a legitimar D/discursos de “vitimismo” sobre a homofobia, geram efeitos nas vidas destes indivíduos. Limitações, para dar um exemplo. Isto é, ao dizer que as pessoas agredidas estavam em lugares errados, ou na hora errada, transferindo a responsabilidade da agressão ao comportamento e conduta da vítima, colabora-se para legitimar uma “convenção do medo” que incide sobre o comportamento social criando regras como “não saia sem companhia”, “não frequente tais e tais lugares”, “não saia/volte tão tarde”, enfim, uma espécie de cartilha da conduta social que, claro, procura evitar

<sup>87</sup> Cf. <<http://www.otempo.com.br/capa/pol%C3%ADtica/cunha-retoma-projeto-que-pro%C3%ADbe-ado%C3%A7%C3%A3o-de-crian%C3%A7a-por-casais-gays-1.992880>>.

<sup>88</sup> Cf. <<http://www2.camara.leg.br/enquetes/resultados/enquete/101CE64E-8EC3-436C-BB4A-457EBC94DF4E>>.

<sup>89</sup> Cf. <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/02/relatc3b3rio-ing-2014.pdf>>.

acontecimentos infelizes, mas, no fundo, transferem a responsabilidade pela agressão à própria vítima, como se seu comportamento fosse a causa de tal agressão. A crítica feminista já identificou essa “culpabilização da vítima”, por exemplo, nos casos de estupro, em que surgem argumentos como “estava andando sozinha na rua”, “também, se veste assim”, entre outros. Não é demais lembrar a polêmica envolvendo uma pesquisa<sup>90</sup> feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) que, mesmo após a polêmica de erros em seus resultados, verificou que 58,5% dos entrevistados concordavam que, se as mulheres soubessem como se comportar, evitariam mais estupros. Teve início, inclusive, um protesto virtual<sup>91</sup> com a *hashtag* “#EuNãoMereçoSerEstuprada” no *Facebook* que apontava este comportamento de “culpabilização da vítima”.

É neste sentido que as forças ilocucionárias de tais atos poderiam ser encaradas também como exercitativos, além de veriditivos, expositivos e comportamentais. Seguindo o que foi observado na análise anterior e buscando responder à questão auxiliar “A”, uma força ilocucionária geral destes atos performativos de R1 seria a crítica. Para criticar, se necessita fazer um julgamento sobre algo (seja ele correto ou errado) e esclarecer suas razões e argumentos para sustentar tal crítica. É possível tratar estes atos performativos, assim como no caso analisado anteriormente, como uma composição e combinação dos D/discursos de R1.

Ao trazer os dados de crimes contra gays, ao questionar a gravidade da homofobia, ao compartilhar a publicação de seu namorado contando que eles expressaram afeto na rua e não sofreram qualquer tipo de violência, enfim, ao contra-argumentar os casos de agressões de outros membros, culpabilizando-os, R1 pretende criticar o argumento de que existe homofobia no Brasil. R1 chega a se identificar como parte do movimento LGBT, mas critica o que chama de “extremismo”. Geralmente, a crítica sobre este “extremismo” no movimento gay, quase sempre também chamada como “movimento gayzista” é a de que, entre outras coisas, buscam impor uma “agenda gay” por “privilégios”<sup>92</sup>.

Seguindo para a questão auxiliar “B”, então, os D/discursos que R1 ajuda a legitimar são exatamente aqueles que, em algum momento, também já excluíram ou continuam excluindo sua “identidade gay”. Tal qual no primeiro exemplo, estes D/discursos acabam por privar o gay do contato social e da luta por seus direitos, e os aprisionam no ambiente do

---

<sup>90</sup> Cf. <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=21971&catid=10&Itemid=9](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21971&catid=10&Itemid=9)>

<sup>91</sup> Cf. <<http://oglobo.globo.com/brasil/protesto-nao-mereco-ser-estuprada-movimenta-facebook-apos-resultado-de-pesquisa-12018281>>.

<sup>92</sup> Cf. <<http://orgulhohetero.blog.br/diferenca-entre-um-homossexual-e-um-gayzista/>>.

privado, o “entre quatro paredes”, onde somente lá é possível manifestar a sexualidade. Socialmente, entretanto, estes gays devem continuar sendo um corpo dócil, para usar a expressão de Foucault, em acordo às convenções vigentes da moral, dos bons costumes e da reprodução. R1, portanto, legitima um D/discurso de que uma “agenda gay” extrapola a demanda por direitos e busca privilégios, quando tais direitos nem mesmo estão garantidos constitucionalmente. Este D/discurso não é, evidentemente, exclusividade brasileira<sup>93</sup>, nem tampouco novo. Além disto, R1 ajuda a legitimar um D/discurso de que a homofobia não existe mesmo diante de casos tão habituais e (a essa altura) autoexplicativos como o assassinato de João Donati e a atitude preconceituosa de Levy Fidélis durante debate presidencial. Ou ainda, o D/discurso de que os gays são todos respeitados em suas diferenças absolutas, apesar de direitos básicos e fundamentais terem resistido a considerar famílias de casais gays, por exemplo, até o ano de 2010. Espera-se aqui que o leitor esteja familiarizado com estas referências, motivo pelo qual este trabalho segue adiante.

## 4. 2 ANALISANDO R2

R2, como será chamado aqui, é homem, branco, de aproximadamente dezenove anos de idade (idade estimada a partir de um texto de R2 na Internet em que também diz ser ateu e se inspirar pelas ideias de Marx, Gramsci, Paulo Freire, Nietzsche, entre outros detalhes sobre gosto musical). Não foi possível precisar desde quando está no *Facebook*, nem quantos amigos R2 tem (estas informações estão ocultas), mas foi possível verificar que seu perfil é seguido por 478 pessoas. Atualmente cursa Ciências Sociais e identifica a si mesmo como ativista e redator nas informações pessoais do *Facebook*. Por meio de seus textos na Internet e da observação de algumas de suas interações no grupo do *Facebook*, foi possível notar um comportamento que poderia ser chamado de enfrentamento/ativista. Apenas um exemplo: no campo de “habilidades profissionais”, nas informações pessoais do *Facebook*, R2 descreveu suas habilidades como “baderna”, “revolução” e “vandalismo”. Páginas e grupos de conteúdo que possam ser relevantes a esta pesquisa não estão públicas. O restante são páginas de músicas, artistas e filmes em geral (alguns com temática LGBT).

---

<sup>93</sup> Cf. <[https://www.ted.com/talks/lz\\_granderson\\_the\\_myth\\_of\\_the\\_gay\\_agenda?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/lz_granderson_the_myth_of_the_gay_agenda?language=pt-br)>.

#### 4.2.1 “Vai ter bicha sim, e se reclamar será drag também!”

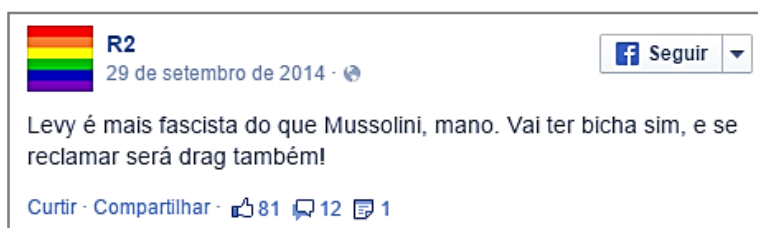


FIGURA 17 - "VAI TER BICHA SIM, E SE RECLAMAR SERÁ DRAG TAMBÉM"  
 FONTE: FACEBOOK (2014)

A FIGURA 17 demonstra o grupo de publicações que serão chamadas aqui como de “enfrentamento/ativismo”. Antes, é preciso esclarecer a expressão “vai ter bicha sim, e se reclamar vai ser drag também!”. Esta expressão surgiu na página/perfil Dilma Bolada<sup>94</sup> durante o período de protestos contra a realização da Copa do Mundo no Brasil. Em resposta à campanha “não vai ter copa” realizada pelos manifestantes, a página/perfil Dilma Bolada publicou: “Vai ter Copa sim e se ficar reclamando muito vão ter duas!”<sup>95</sup>. Desde então a expressão em suas variações vem sendo utilizada no contexto da cibercultura para demonstrar indisposição em ouvir outras opiniões (consideradas erradas) e que se está encerrando o assunto.

Utilizando-se da expressão “vai ter bicha sim, e se reclamar vai ser drag também!”, R2 reforça a crítica da primeira frase da publicação sobre a postura do candidato Levy Fidelix (pelas razões já expostas no tópico 3.2.2) com uma atitude de enfrentamento e apoio da “identidade gay”. Para R2, “vai ter bicha sim”, contra o que espera/deseja o candidato. Há crítica presente na afirmação de R2, mas o contexto mais amplo indica a atitude de afirmação e apoio das “identidades gays” pelo enfrentamento que faz com o uso desta frase.

Outros enfrentamentos com críticas feitos por R2 podem ser observados nas publicações n.ºs 16, 22, 23 e 28 (APÊNDICE B). Nas publicações n.ºs 22 e 23, especialmente, R2 compartilhou um texto de sua autoria, em que faz críticas sobre a condenação dos gays pela religião argumentando o usual (passagens da bíblia, homossexualidade no reino animal, entre outras justificativas já conhecidas que pretendem contrapor o dogma religioso). R2 sugere no texto que a comunidade gay não faz questão do aval da comunidade religiosa, mas sim quer apenas a própria liberdade. Esta atitude de “dispensar” a opinião da Igreja

<sup>94</sup> Página de humor no *Facebook* da personagem fictícia “Dilma Bolada” que faz uma paródia da Presidente da República Dilma Rousseff. Cf. <<https://www.facebook.com/DilmaBolada>>.

<sup>95</sup> Cf. <<https://www.facebook.com/DilmaBolada/posts/412703792201617>>.



novamente se caracteriza como de enfrentamento e afirmação dos gays, por não fazer questão de seu aval.

O enfrentamento/ativismo de R2 compreende ainda o uso de elogios também quando aborda questões religiosas. O primeiro exemplo é uma foto do pastor Silas Malafaia (conhecido pastor evangélico de opiniões religiosas rígidas sobre a diversidade sexual e de gênero) num vôo com sua esposa, tirada por uma jovem com uma mensagem de apoio aos gays que foi compartilhada por R2.



FIGURA 18 - "ZEROU A VIDA"  
FONTE: FACEBOOK (2014)

A foto foi divulgada nos sites de redes sociais, rapidamente se espalhou pela Internet e ficou conhecida como a “*selfie*”<sup>96</sup> do ano”. Na publicação, R2 escreve: “zerou a vida”. Trata-se de outra expressão do contexto da cibercultura que faz referência aos videogames. “Zerar a

<sup>96</sup> *Selfie* é, basicamente, um tipo de fotografia em autorretrato. As *selfies* estão frequentemente associadas aos sites de redes sociais. Cf. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Selfie>>.

vida” ou “zerar a internet” pretende significar que algo considerado impossível e/ou surpreendente foi feito por alguém. Enfim, uma realização admirável como “zerar o jogo”, isto é, vencer o jogo, terminá-lo. Assim, R2 demonstra apoio sobre a atitude de enfrentamento da jovem que fez a *selfie* ao comentar “zerou a vida”. Esta atitude de enfrentamento com o uso de elogios também foi observada nas publicações n.ºs 9 e 15 (APÊNDICE B).



FIGURA 19 - "PELO COMBATE À HOMOFOBIA"  
 FONTE: FACEBOOK (2014)

O elogio de R2, na FIGURA 19, sobre o combate à homofobia no futebol com a expressão “Sensacional” reforça seu apoio às decisões que favoreçam o enfrentamento do preconceito, assim como fez quando publicou “zerou a vida” no caso da publicação envolvendo Malafaia. E continuando, ao usar expressões como “pelo combate à homofobia”, “por um futebol melhor”, R2 está advogando por este enfrentamento que acaba de elogiar reforçando seu lado positivo.

Respondendo então ao problema auxiliar de pesquisa “A”, no contexto amplo estas publicações de R2 realizaram uma ação de enfrentamento que, na classificação proposta por Austin, poderia ser encaixada como uma força ilocucionária comportamental por incluírem a ideia de uma atitude. A atitude de enfrentamento/ativismo, como foi chamada anteriormente,

a favor das “identidades gays”. Este ato performativo de enfrentamento se aproxima muito do que observou MacRae<sup>97</sup> (1990 *apud* COSTA, 1992, p. 94-95) como a “fechação”, isto é, “quando procura romper as regras do bom-tom ou escandalizar o preconceito, acentuando maneiras mal vistas ou discriminadas”. É exatamente o comportamento que foi observado no uso que R2 fez da expressão “vai ter bicha sim”. E, por mais que “bicha” ainda possua sentido pejorativo e agressivo, como pontuou Costa:

No jogo de linguagem *camp* [fechação], portanto, existe um código de comunicação que, como todo código, é semanticamente ambíguo. Num certo contexto, o excesso e a zombaria exprimem a condenação do preconceito. As maneiras de agir e falar, entre os parceiros do código, não significam desprezo ou desqualificação moral dos termos usados, e sim retomada lúdica e sarcástica do que o preconceito leva a sério. Num segundo contexto, o do dissenso ou rivalidade, a utilização da linguagem *camp* revela a intenção de atacar moralmente o opositor (COSTA, 1992, p. 95).

Assim também deve ser compreendido na sequência da frase com “e se reclamar será drag também!”. A “escala” que R2 faz entre o gay e a *drag* é considerada “pior” apenas para o alvo de sua crítica, no caso Levy Fidelix. Em outras palavras: o que pode ser pior que um gay para Levy Fidelix? Dois gays ou uma *drag*. É preciso lembrar que a “fechação/*camp*” consiste em performatizar o excesso que denuncia a ilusão da normatividade sexual, justamente fazendo uso da linguagem que a normatividade lhe impôs e, subvertendo-a, “repetem o que já existe, em falsete [...] algo assim como o teatro de Brecht, onde o excesso denuncia a ilusão” (*Id.*).

Avançando para o problema auxiliar de pesquisa “B”, os D/discursos produzidos nestes atos performativos de R2 subvertem aqueles em que predomina a vigilância normativa sobre os corpos e suas sexualidades por meio do uso ambíguo da linguagem. A agressão contida na expressão “bicha”, agora, falseada, se torna resposta na linguagem à violência e/ou ferramenta de luta à fechação/enfrentamento/ativismo. No lugar de legitimar o D/discurso que priva o gay de sua luta social e o restringe à cama, ao segredo, a posição submissa e lhe impõe que em sociedade se camufle na moralidade dominante (exatamente o que pode ser observado se recuperada a fala de Levy Fidelix<sup>98</sup>), o D/discurso de R2 rejeita esta imposição de subalternidade, as restrições e limitações de convivência social e reconhecimento, muito próximo também do que fez Jean Wyllys em seu discurso em plenário (conforme capítulo 2).

<sup>97</sup> MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

<sup>98</sup> Cf. <<http://youtu.be/oPNs7owXs60>>.

Sendo assim, em resposta à questão principal de pesquisa os efeitos identitários que R2 provoca com estas práticas é de uma “identidade gay” de luta e enfrentamento, que reconhece sua posição subalterna histórica e as restrições em D/discursos legitimados diariamente, como o de Levy Fidelix. R2 performatiza uma “identidade gay” empoderada que não necessita do aval da moralidade hegemônica, e isto fica claro na rejeição que faz dos D/discursos religiosos também. O gay, na visão de R2, pode ser compreendido aqui como algo que existe e se manifesta e com o qual o D/discurso dominante precisa se adaptar.

#### 4.2.2 “a homossexualidade não é nada”

Dentre as publicações de R2, o mais próximo que se encontrou de uma definição do gay está incorporado no que foi chamado acima de enfrentamento/ativismo, isto é, em meio ao D/discurso político de R2 é que surgem pistas do que ele performatiza como identidade gay. Reproduz-se abaixo a parte mais importante de uma destas publicações que pode ser conferida na íntegra na publicação n.º 17 (APÊNDICE B).

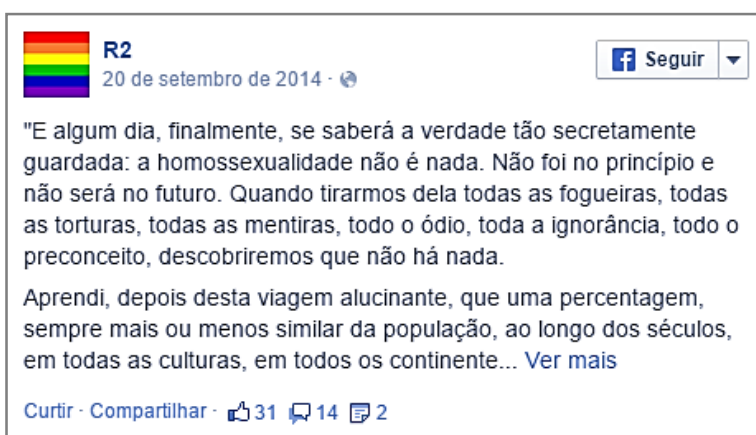


FIGURA 20 - "A HOMOSSEXUALIDADE NÃO É NADA"  
FONTE: FACEBOOK (2014)

O trecho do livro de Bazán<sup>99</sup> (2006) sobre a história da homossexualidade na Argentina, quando compartilhada por R2 sem nenhum acréscimo de sua parte, pode ser considerada como seu próprio texto. Trata-se aqui de citacionalidade. Este exemplo acima é um caso que, mesmo sendo texto de outro autor, pela citacionalidade, serve às “intenções” de R2 em dizer algo sobre a sexualidade gay. E o que diz é que a “homossexualidade não é nada”. Isto é, tirando o preconceito, os estigmas, a ignorância, não resta nada e, assim nada

<sup>99</sup> BAZÁN, Osvaldo. *Historia de la homosexualidad en la Argentina: de la conquista de América al siglo XXI*. Buenos Aires: Marea Editorial, 2006.

tem que se definir sobre esta manifestação sexual. Entretanto, tentando não classificá-la, o que se faz já é uma classificação: o gay, como se conhece, é produto, também, de todo este preconceito e ignorância da qual sem ela nada sobraria. Esta ambivalência, então, só pode ser efeito da linguagem.

O vídeo (publicação n.º 15 – APÊNDICE B) e o texto de própria autoria que R2 compartilhou sobre gays e religião (publicações n.ºs 22 e 23 - APÊNDICE B) também demonstram a intenção de explorar estas questões sobre preconceito, discriminação e ignorância já bastante conhecidas sobre os gays (como a acusação da promiscuidade, doença, pecado e/ou ser contra a natureza, entre outras coisas). Na única afirmação sobre sexualidade encontrada nos textos de R2 ele diz que a sexualidade é a junção de questões psíquicas, biológicas, sociais e culturais (no texto de própria autoria, publicações n.ºs 22/23). No contexto do texto, entretanto, isto assume a função de argumentos e razões contra os argumentos religiosos sobre o pecado de ser gay.

Respondendo à questão auxiliar de pesquisa “A”, a força ilocucionária destas publicações de R2 pode ser compreendida como comportamental, pois tem a ver com uma atitude e comportamento social de R2 em favor do enfrentamento/ativismo pelos gays. Mas, é preciso lembrar que R2 não separa o gay da questão política e isto reforça o que Austin comentou sobre a complementaridade das classes de forças ilocucionárias. É dizer que o comportamento social de enfrentamento de R2 é assumir um lado no jogo que se instaura entre gays e religiosos (uma força ilocucionária comissiva), e ainda fazer julgamentos e emitir opiniões sobre gays versus religião (cuja força ilocucionária poderia ser veriditiva).

Seguindo com a questão auxiliar “B”, os D/discursos que R2 ajuda a legitimar nestas práticas comunicativas no *Facebook* são do ativismo/militância gay, que constantemente reitera os pontos de violência social e cultural contra a diversidade sexual. R2 subverte o D/discurso da promiscuidade, do pecado, da vergonha inclusive dizendo que não precisam do aval destes D/discursos e que tirando isto a “homossexualidade não é nada”.

Os efeitos identitários destas práticas de R2, problema principal de pesquisa deste trabalho, podem ser compreendidos como a criação de uma “identidade gay política” que traz questões históricas negadas por outros D/discursos. A promiscuidade agora não é mais exclusividade dos gays; a natureza também já foi observada em suas práticas “homossexuais”, o que afasta do gay a pecha de perversão e/ou de antinatural. A sexualidade gay é outra possibilidade tal qual a hétero e “nada mais”. O que resta é a luta necessária para tornar isso “natural” para a sociedade.

### 4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE E OS PERFIS

O leitor deve ter notado que o percurso de análise se apresentou um tanto circular. Ao responder a questão auxiliar “A” sobre as forças ilocucionárias, inevitavelmente se estava comentando sobre D/discursos reiterados ou subvertidos pelas práticas comunicativas (questão “B”) em que, por extensão, buscavam-se respostas e interpretações para a questão principal sobre os efeitos identitários destas práticas performativas. Fica impossível tal separação, afinal se trata de uma mesma coisa: o uso de linguagem em práticas comunicativas. Isto reforça as afirmações de Austin sobre ser uma abstração classificar e dividir estas classes de forças ilocucionárias (bem como os atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários. Estas observações finais sobre a análise serão retomadas a seguir). Evidente, não se pretende descartar a análise, mas tão somente problematizá-la quanto à complexidade de encaixar atos performativos em classes de forças ilocucionárias pré-estabelecidas, sejam estas classes as de Austin (1975) ou Searle (1979).

Sobre os perfis, especialmente, foi possível notar aquilo que Costa (1992) sobejamente insistiu em seu trabalho: não existe um traço da identidade gay, mas práticas linguísticas e comunicativas que a constroem desta ou daquela maneira, por vezes até de maneira contraditória. Isto fica claro se forem comparados os dois perfis analisados quanto: a) ao que entendem sobre a sexualidade gay e; b) sobre o movimento gay.

Em relação ao que entendem sobre a sexualidade gay, foi possível notar que enquanto R1 reforça uma identidade gay submissa à moralidade vigente (em que o sexo sem amor é promiscuidade), R2 coloca o gay como outra possibilidade da sexualidade e a promiscuidade como possível entre gays e héteros, sem distinção. R2 questiona ainda essa moral vigente sobre a promiscuidade em seu texto pessoal citando um estudo da ONU que diz que promiscua é a pessoa com mais de dois parceiros no ano. Assim, se existem casos de héteros que também possuem mais de dois parceiros ao ano, mas apenas sobre os gays ainda cai a acusação de promiscuidade, R2 sugere que tais valores devam ser alvo do enfrentamento também. Por um lado a identidade gay em R1 incorpora estas regras (o gay também deve prezar pela moral e os bons costumes), por outro R2 questiona esta própria noção de promiscuidade (o gay nada tem a ver com promiscuidade, pois ela ocorre em ambas as sexualidades).

Há, portanto, dois gays falando sobre o que é “ser gay” e diante de tal divergência fundamental, é plausível afastar a essencialidade como um recurso na definição do “ser alguma coisa”. Em outras palavras, se dois gays performatizam D/discursos tão diferentes que

legitimam ou subvertem identidades gays tão diferentes, ser gay não é o pré-requisito para definir o que é esta sexualidade. Comportamentos considerados gays performatizados por heterossexuais<sup>100</sup>, ajudam a dar novos contextos e sentidos sobre o que é “ser gay” e subvertem D/discursos sobre gênero, papéis de gênero e sexualidades. Novas manifestações de desejo afetivo/sexual que demandam novas “identidades” como o caso dos *g0ys*<sup>101</sup> e *highsexuals*<sup>102</sup>, também redefinem as fronteiras do “ser gay” e instauram o movimento e fluidez para a sexualidade. Tal como a *drag queen* ajuda a dar novos sentidos aos comportamentos considerados “femininos” e “masculinos” (BUTLER, 2013). Entretanto, afastar este pré-requisito (uma característica, um traço) e instaurar este movimento e fluidez também significa criar uma ambivalência (assunto que será retomado nas considerações finais).

O segundo ponto, a respeito do que R1 e R2 performatizam sobre o movimento gay também tem divergências fundamentais. Em R1 encontramos um movimento gay imprudente, exagerado, que forja notícias sobre mortes e sobre violência aos gays (que R1 alega nunca ter presenciado ou que seja culpa das próprias vítimas). A identidade gay em R1 já é respeitada e aceita pela sociedade e “todos os direitos” já foram conquistados. Já em R2 temos o oposto, a sexualidade gay não é respeitada, não é aceita como normal, sendo inclusive fruto de uma desigualdade social espúria contra a qual é necessário o enfrentamento e o ativismo. Pode-se supor – embora R2 não tenha comentado diretamente sobre casos de morte como a de João Donati – que para ele não se trata apenas de uma invenção do movimento gay, mas do preconceito latente em sociedade. R2 demonstra isto em outras frases de efeito quando fala da questão do preconceito no futebol: “pelo combate a homofobia”.

E novamente é preciso lembrar, os dois perfis analisados dizem ser ativistas/fazer parte do movimento e possuem dois D/discursos completamente opostos sendo performatizados sobre o movimento gay. Movimento este, que está diretamente ligado ao que se entende por “ser gay”, afinal trata-se de um movimento de luta por direitos para esta população.

A seguir, apresentam-se as considerações finais sobre este trabalho e sua relevância e contribuição ao campo da Comunicação e à compreensão do tema das identidades.

<sup>100</sup> Cf. <<https://instagram.com/p/nHd-aBy9Ut/>>.

<sup>101</sup> Cf. <<http://www.megacurioso.com.br/sexo/42921-g0ys-homens-que-se-relacionam-com-outros-homens-mas-nao-sao-gays.htm>>.

<sup>102</sup> Cf. <<http://www.megacurioso.com.br/sexo/59820-highsexual-a-definicao-de-quem-fica-gay-depois-de-fumar-maconha.htm>>.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se me entrego a um tal tema,  
é porque ele me faz jogar por inteiro.  
Porque ele me desafia, me provoca,  
me parece próprio para mudar a estratégia de meu espírito,  
me força a mudar de armas e de maneiras  
e refloresce, enfim, como um novo amor.  
Francis Ponge

Como comentado no início deste trabalho, a pesquisa se fez desafiadora desde o começo. Esta declaração (performativa!) fica mantida. Lembrando Ponge (na epígrafe deste capítulo), este trabalho forçou uma mudança de armas e de maneiras: mergulhou o mais profundo possível na perspectiva Pragmática. E mergulhado, encontrou o movimento, a impossibilidade de fixar verdades e sentidos, a crítica sobre a própria atividade de pesquisa e a desconstrução. Derrida esteve aqui presente, não tanto quanto deveria, mas presente. Esteve, talvez, como o desenho nas cartas de Artaud.

O primeiro desafio foi a necessidade de justificar as identidades como um objeto da Comunicação. O paradigma relacional e a abordagem pragmatista/pragmaticista aplicados aqui colocam as identidades como práticas comunicativas com efeitos no mundo. Ademais, como foi problematizado, o objeto é uma ficção útil e não está garantido ontologicamente. Portanto, aplicar sobre as identidades um olhar/viés/pergunta comunicacional é o que faz do tema um possível objeto de estudo deste campo.

Percorreu-se em seguida o quadro teórico deste trabalho desde os *insights* iniciais de Austin até releituras atuais, especialmente a de Butler que aplicou a performatividade nas identidades de gênero e sexual. Considera-se a perspectiva Pragmática salutar na medida em que, focando o uso, reposiciona a linguagem como ação no mundo; e é preciso lembrar que desde Saussure, ela estava relegada à função de representação da realidade. Com as contribuições de Austin foi possível notar como é possível “fazer coisas com palavras”. Com efeito, as identidades passam a ser compreendidas não como representação de uma essência interior, mas como construção fluída e constante por meio da linguagem.

Tal quadro teórico, entretanto, não possui métodos próprios inclusive porque problematiza os que estão em vigor: Como dar conta do movimento da linguagem em um trabalho de pesquisa? Como fixar entendimentos sobre usos que estão em movimento? Diante deste impasse, optou-se por chamar esta pesquisa de “uma análise pragmática” na tentativa de combinar as contribuições dos métodos correntes com o que problematiza o quadro teórico, isto é, o movimento no uso de linguagem. Assim, foi necessário esclarecer ainda o contorno



que as noções de contexto, sentido, iterabilidade, citacionalidade, D/discursos, “identidade gay” e forças ilocucionárias assumem neste trabalho. São exatamente estes contornos não previstos nos métodos usuais que forçaram a opção pela expressão “análise pragmática” como classificação desta pesquisa.

Com a análise foi possível demonstrar como as forças ilocucionárias ajudam a legitimar e/ou subverter D/discursos que, por sua vez, geram as “identidades gays”. A formulação do problema de pesquisa e dos problemas auxiliares constituiu um percurso que facilitou a análise, mas que provavelmente causarão no leitor a sensação de circularidade da interpretação. Isto porque, como Austin observou, a linguagem é ação no mundo e, portanto, sua força ilocucionária, os D/discursos que ela legitima ou subverte e os efeitos identitários que ela produz são todos abstrações, pois ocorrem ao mesmo tempo: no uso.

Comparando as análises, ainda foi possível notar como os dois casos performatizaram “identidades gays” fortemente contraditórias entre si. Por um lado, uma “identidade gay” que responde à moralidade vigente, por outro, uma que a subverte. Por um lado, a rejeição de que o gay é perseguido social e culturalmente por sua sexualidade dissidente, por outro, o enfrentamento e afirmação dos gays como figuras historicamente subalternas e com direitos negados. Enfim, esta contradição reforça tanto a perspectiva da identidade enquanto uso e atos performativos (como movimento), quanto ao que observou Costa sobre a ausência de um traço comum aos gays sob o qual poderia erguer-se uma “identidade gay”.

Há, portanto, todo um excesso na expressão “identidade gay” que precisa ser problematizado. Este excesso começa com a ideia de que existem traços comuns aos gays; depois, que estes traços podem ser comunicados por esta expressão “identidade gay”, considerando então a identidade algo anterior à prática comunicativa e linguística. Mesmo empregando metáforas como “identificação”, a ideia de algo pronto, exterior ao indivíduo e fora de sua prática comunicativa e linguística com o qual ele poderia identificar-se e, então, tomar para si, ainda assim, a linguagem que promete representar acaba construindo isto que se está chamando “identidades gays”. Enfim, estas metáforas não são suficientes.

De tal modo que, o quadro teórico revisitado e as práticas comunicativas analisadas aqui autorizam dizer que “a identidade gay/as identidades gays” não existem. Pelo menos não do modo como são convocadas. A identidade é um devir, está sempre por acontecer, é movimento incessante. O que deve ser posto em jogo, então, não é a identidade, mas a responsabilidade ética de fabricá-la, como já foi defendido por Foucault. A identidade é, portanto, uma ficção comunicativa e linguística performativa, política, iterável e estratégica.

Mas afastar a possibilidade de uma “identidade gay” característica significa criar uma ambivalência, isto é, afastar também a possibilidade de ela ser usada politicamente – já que se reconheceu ser a identidade política e estratégica. A representação na lei e pela lei demanda uma construção que é própria das estruturas jurídicas. Em outras palavras: se a identidade gay não existir, como poderá buscar reconhecimento e representação? Evidente que isto não será respondido aqui e se trata de um dos encaminhamentos da pesquisa, mas sugere-se com Butler que a “identidade gay” não deve ser o fundamento da política pelo reconhecimento e legitimidade dos gays, porque a formação do sujeito ocorre no interior deste processo do qual busca emancipação. A necessidade de construir esta base da “identidade gay” também solapa seus objetivos de expandir o espectro do afeto e sexualidade humana.

Outro encaminhamento que deve ser dado é buscar explorar aquilo que Butler chamou de “fantasma cartesiano” e o que Rajagopalan chamou de “sonho do Positivismo Lógico” presentes nas atuais práticas comunicativas e linguísticas da militância LGBT sobre gêneros e sexualidade. Na atual espectrometria que circula nos grupos de discussões (FIGURA 8) é possível notar a separação que fazem entre corpo sexuado, gênero e expressão de gênero. Em primeiro lugar, tal separação retoma o dualismo entre corpo e mente na medida em que busca por uma ontologia separada do corpo sexuado, em que o gênero manifesta-se. Isto é: na tentativa bem-intencionada de reconhecer e legitimar, por exemplo, homens cujo corpo sexuado é socialmente lido como “feminino”, o que acabam sustentando é uma construção do gênero como obra da psique humana, relegando assim a genitália ao *status* de mero acessório do corpo (como se já não estivesse sobejamente demonstrada a influência destas genitálias e destes corpos na construção social opressiva de gêneros binários). Se o ponto é expandir as noções de gênero, por que sustentar sua formação separada do corpo? Por que não expandir a própria noção de gênero “masculino” como possível e constituído para além dos corpos lidos como feminino e masculino? Com efeito, esta separação leva à outra que agora trata gênero e expressão de gênero distintamente. É o sonho positivista lógico de que a linguagem seja apenas capaz de representar fiel e matematicamente uma realidade e não, participar dela. Argumentam – também bem-intencionados – que o gênero pode ser um e as expressões de gênero outras, isto é, que uma pessoa pode ser homem com expressões femininas e, assim, além de reforçar papéis sociais binários e opressores acabam sustentando que a linguagem assume um compromisso de expressar/representar um gênero. Não seria a própria expressão de gênero que ajuda a reconfigurar as noções do que se entende por gênero? Não seria o homem com expressões femininas que ajuda a denunciar a ficção que sempre foi o gênero? Enfim, são questões para outro momento.

Diante da intensa luta política pelo respeito e reconhecimento de direitos da diversidade sexual, diante de casos como João Donati, diante do amplo interesse acadêmico pelo tema das identidades e, após revisitar o quadro teórico e a análise aqui realizada defende-se que a relevância e contribuição desta pesquisa estão em propor entendimentos sobre como estes indivíduos, por meio de suas práticas comunicativas, legitimam ou subvertem *ideias históricas do gay*. Isto reintroduz a questão da responsabilidade ética do uso de linguagem, já que qualquer D/discurso tem força performativa de criar estas ideias históricas. Afinal, como defendeu Hannah Arendt, nada na condição humana é mais frágil do que aquilo que é sustentado pelo D/discurso.

Além disto, esta pesquisa também contribui com a perspectiva da Pragmática para os estudos de Comunicação sobre o tema das identidades, que predominantemente tem aplicado as perspectivas sociológicas de Hall e Bauman. Se como quer Mia Couto, o pensamento e a vida tem forma de fronteiras e onde se erguem muros deveria haver pontes, conclamou-se a Pragmática como tal ponte – talvez até para além de sua energia. Porém, estando sobre ela, neste momento, é que foi possível testemunhar o verde pasto do outro lado da fronteira que aguarda ansioso pelo espírito desbravador do pesquisador em Comunicação.

Por fim, retomando a epígrafe deste trabalho, com Pico Della Mirandola se quer dizer que, sobre o principal dos argumentos que persiste, tendo Deus criado a humanidade, distanciou-se da tarefa cotidiana de supervisionar sua vida e seus assuntos. Entregou-a ao mundo com poder para que ela fosse o que desejar. Nenhum constrangimento por nenhuma limitação impôs. Nenhum pedido lhe fez. Nenhuma natureza que lhe fosse própria prescreveu. Tornou a vida e tudo o que nela há, contingencial. Pela linguagem/comunicação, esta invenção humana que inventa de volta a humanidade e o mundo, a vida e as identidades se tornam aquilo que as circunstâncias permitem ou o que elas inventam para mudar estas mesmas circunstâncias. É a linguagem que criou e continua criando tanto o gay promíscuo quanto o gay historicamente marginalizado e, é somente ela que pode fazer um Outro absoluto ser aceito, respeitado e incluído. Nada, portanto, deve Deus à humanidade e nada a humanidade deve a Deus. Não há pecado, nem perdão, como queria Caetano Veloso. Mas se, enfim, o tempo obrigar uma revisão destas reflexões, entende-se ser desculpável o erro, mas não o silêncio, afinal, como Austin, não se está propondo nada em definitivo.

## REFERÊNCIAS

- AGHA, Asif. *The Object Called "Language" and the Subject of Linguistics*. *Journal of English Linguistics*, California, v. 35, n. 3, p. 217-235, 2007. Disponível em: <<http://eng.sagepub.com/content/35/3/217>>. Acesso em: 23/02/2015.
- ALENCAR, Claudiana Nogueira de; FERREIRA, Dina Maria Martins. Contexto: considerando *ad infinitum*. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 13, n. 1, p. 187-202, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7144/5644>>. Acesso em: 16/08/2014.
- ALMEIDA, Gláucia; HEILBORN, Maria Luiza. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 1, p. 225-249, 2008. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/102/78>>. Acesso em: <21/02/2015>.
- ARROJO, Rosemary. (Org.). **O Signo Desconstruído: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. Campinas: Pontes, 1992.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de: PEREIRA, Maria Lúcia. Campinas: Papirus, 2012.
- AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Tradução de: MARCONDES, Danilo. Porto Alegre: Artes Médicas: 1990.
- BARBOSA, Marialva Carlos. A pesquisa em comunicação no Brasil: não precisamos ter mais medo do contágio. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando J. (Org.). **Quem tem medo da pesquisa empírica?** Livro Intercom Recife 2011. São Paulo: Graphium, 2011.
- BAR-HILLEL. Yehoshua. *Out of the Pragmatic Wastebasket*. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 2, n. 3, p. 401-407, 1971. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/4177643?sid=21105591952393&uid=2&uid=4>>. Acesso em: 04/07/2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de: MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução de: MEDEIROS, Carlos Alberto. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Tradução de: MILLIET, Sérgio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 2: A experiência vivida.
- BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-Compós**, Brasília, v. 14, n. 1, 2011. Disponível em:

<<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/665/503>>. Acesso em: 04/04/2014.

BRAGA, José Luiz. Um conhecimento aforístico. In: XXIII COMPÓS - ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 23., 2014, Belém. **Anais...** Belém: Compós-UFPA, 2014. Disponível em: <[http://compos.org.br/biblioteca/umconhecimentoafor%C3%ADstico\\_2211.pdf](http://compos.org.br/biblioteca/umconhecimentoafor%C3%ADstico_2211.pdf)>. Acesso em: 25/05/2014.

BUTLER, Judith. *Sex and Gender in Simone de Beauvoir's Second Sex*. **Yale French Studies**, New Haven, n. 72, p. 35-49, 1998. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2930225>>. Acesso em: 18/02/2015.

BUTLER, Judith. O gênero é uma instituição social mutável e histórica. **Revista IHU Online**, São Leopoldo, n. 199, p. 3-5. Entrevista. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao199.pdf>>. Acesso em: 01/02/2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de: AGUIAR, Renato. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CHRISTINO, Daniel. Epistemologia e comunicação: debatendo o objeto comunicacional. **Revista Logos: Comunicação e Universalidade**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 71-81, 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/4513/4139>>. Acesso em: 01/02/2015.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

CULLER, Jonathan. *On Deconstruction: Theory and Criticism after Structuralism*. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de: SCHNAIDERMAN, Miriam; RIBEIRO, Renato Janini. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DERRIDA, Jacques. *Limited inc*. Tradução de: CESAR, Constança Marcondes. Campinas: Papirus, 1991.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**, Niterói, n. 5, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/314>>. Acesso em: 15/08/2014.

FELINTO, Erick. Os computadores também sonham? Para uma Teoria da Cibercultura como Imaginário. **Intexto**, Porto Alegre, n. 15, p. 1-15, 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4257/4420>>. Acesso em: 18/04/2014.

FELINTO, Erick. “Sem Mapas para esses Territórios”: a Cibercultura como Campo de Conhecimento. In: XXX INTERCOM - CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais...** Santos: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0770-1.pdf>>. Acesso em: 14/05/2013.

FELINTO, Erick. Cibercultura: ascensão e declínio de uma palavra quase mágica. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-Compós**, Brasília, v. 14, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/548/511>>. Acesso em: 27/02/2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução de: ALBUQUERQUE, Maria Thereza da Costa. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.

GEE, James Paul. **An introduction to discourse analysis: theory and method**. 2. ed. New York: Routledge, 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRICE, Herbert Paul. *Logic and Conversation*. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry L. (Eds.). *Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, 1975. v. 3: *Speech Acts*.

GUIMARÃES, Thayse Figueira. **Embates entre Performances Corpóreo-Discursivas em trajetórias textuais: uma etnografia multissituada**. 200 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de: SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. 11. ed. 1. reimpr. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; ROMANCINI, Richard. Epistemologia da Comunicação. In: CITELLI, Adilson. *et. al.* (Org.). **Dicionário de Comunicação: conceitos, teorias e autores**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARCONDES, Danilo. Desfazendo mitos sobre a pragmática. **Revista Alceu – Comunicação, Cultura e Política**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 38-46, 2000. Disponível em: <[http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n1\\_Danilo.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n1_Danilo.pdf)>. Acesso em: 03/11/2013.

MARCONDES, Danilo. A Teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem. **Revista Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 7, n. 3, p. 217-230, 2006. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/6101/3277>>. Acesso em: 03/12/2014.

MARKHAM, Annette; BUCHANAN, Elizabeth. **Ethical Decision-Making and Internet Research: Recommendations from the AoIR Ethics Working Committee (Version 2.0)**. 2012. Disponível em: <<http://aoir.org/reports/ethics2.pdf>>. Acesso em: 23/01/2015.

MEY, Jacob. *Pragmatics: an introduction*. Cambridge: Basil Blackwell, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução de: SOUZA, Paulo César. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NILSON, Jon. A Igreja e os desafios da diversidade sexual. **Revista IHU On-line**, São Leopoldo, n. 199, p. 12-15. Entrevista. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao199.pdf>>. Acesso em: 01/02/2015.

OLIVEIRA, Jair Antonio. **As Dimensões Pragmáticas da Cooperação**. 200 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, Jair Antonio. Afinal, que diabos é a Pragmática? In: V CELSUL – CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 5., 2002, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2002. Disponível em: <[https://www.academia.edu/3273870/Afinal que diabos é a Pragmática](https://www.academia.edu/3273870/Afinal_que_diabos_é_a_Pragmática)>. Acesso em: 14/07/2013.

OLIVEIRA, Jair Antonio. Os sentidos da linguagem. **Revista Organicom**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 77-89, 2008. Disponível em: <<http://www.revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/view/164/264>>. Acesso em: 13/07/2014.

OLIVEIRA, Jair Antonio. **Pragmática e Comunicação**. 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-jair-pragmatica-e-comunicacao.pdf>>. Acesso em: 21/07/2013.

OLIVEIRA, Jair Antonio. Pragmática: Polidez e Violência no Brasil. **Revista Encontros de Vista**, Recife, v. 10, p. 1-13, 2012. Disponível em: <[http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/artigo\\_8\\_10.pdf](http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/artigo_8_10.pdf)>. Acesso em: 11/06/2014.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001. (Coleção Filosofia).

OTTONI, Paulo. **John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem humana**. Tese (Doutorado em Ciências) – Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1990. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000029333&opt=4>>. Acesso em: 10/04/2014.

OTTONI, Paulo. John Langshaw Austin e a Visão Performativa da Linguagem. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 117-143, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502002000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502002000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10/04/2014.

PENNYCOOK, Alastair. *Language as a local practice*. 1. ed. New York: Routledge, 2010.

POSSENTI, Sírio. Pragmática na análise do discurso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 30, p. 71-83, 1996. Disponível em:

<<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1687/4232>>. Acesso em: 10/01/2015.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, Alex. (Org.) **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PRÍNCIPIOS do *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/principles.php>>. Acesso em: 14/04/2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Pragmática - uma vista aérea. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 30, p. 5-7, 1996a. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1692/4225>>. Acesso em: 10/01/2015.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O Austin do qual a linguística não tomou conhecimento e a linguística com a qual Austin sonhou. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 30, p. 105-115, 1996b. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1691/4236>>. Acesso em: 14/06/2014.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *On Searle (on Austin) on language*. **Language and Communication**, Amsterdam, v. 20, n. 4, p. 347-391, 2000. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0271530900000070>>. Acesso em: 14/07/2014.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Sobre a especificidade da pesquisa no campo da pragmática. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, p. 89-97, 2002. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1601/1180>>. Acesso em: 05/09/2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A “dadidade” dos ditos dados na/da pragmática. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Souza. (Orgs.). **Ciências da linguagem: o fazer científico: volume 2**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **As dimensões da pragmática na comunicação**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

RÜDIGER, Francisco. Confronto com o pensamento da cibercultura: utopia, catastrofismo e teoria crítica na interpretação da cultura tecnológica contemporânea. In: XXIV INTERCOM - CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2003, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP08\\_rudiger.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP08_rudiger.pdf)>. Acesso em: 14/05/2013.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.



SEARLE, John Rogers. *A taxonomy of illocutionary acts*. In: \_\_\_\_\_. *Expression and Meaning: Studies in the Theory of Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 1-29. Disponível em: <<http://www.iiit.ac.in/~bipin/files/Dawkins/New1/John%20R%20Searle%20-%20Expression%20And%20Meaning.pdf>>. Acesso em: 20/02/2015.

SILVA, Daniel do Nascimento e. A questão da identidade em perspectiva pragmática. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 13-33, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982008000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982008000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 13/10/2013.

SOUZA, Tedson da Silva. **Fazer Banheiro: a dinâmica das interações homoeróticas nos sanitários públicos de Salvador**. 118 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TERMOS de serviço. Disponível em: <<https://www.facebook.com/legal/terms>>. Acesso em: 14/04/2013.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de: BRUNI, José Carlos. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. (Col. Os Pensadores).

## APÊNDICE A – PUBLICAÇÕES DO PERFIL R1

NR	DATA	HORA	PUBLICAÇÃO	TIPO	LINK	EIXOS TEMÁTICOS	FORÇA ILOCUCIONÁRIA
1	02/09/2014	13:31	Já quero comprar esse livro da Nany People (Artista-Humorista)	Vídeo do Youtube	<a href="http://youtu.be/eE COESn7fSQ">http://youtu.be/eE COESn7fSQ</a>	Cultura	--
2	04/09/2014	14:43	Vamos acabar com essa ditadura de depilação?	Foto-Imagem	<a href="https://scontent-a-gru.xx.fbcdn.net/hphotos-xpf1/v/t1.0-9/10614100_871353179543013_597534884703344140_n.jpg?oh=32da22679091c188f3943eebf47dc73e&amp;oe=55303B9B">https://scontent-a-gru.xx.fbcdn.net/hphotos-xpf1/v/t1.0-9/10614100_871353179543013_597534884703344140_n.jpg?oh=32da22679091c188f3943eebf47dc73e&amp;oe=55303B9B</a>	Beleza	--
3	04/09/2014	15:48	FORA DILMA!	Vídeo de usuário		Política	--
4	04/09/2014	17:04	Enquanto isso, 800 mil "casais" heterossexuais praticam aborto ou então jogam os filhos no lixo	Link externo	<a href="http://acritica.uol.com.br/noticias/Casal-homofetivo-adota-criancas-HIV_0_1205879422.html">http://acritica.uol.com.br/noticias/Casal-homofetivo-adota-criancas-HIV_0_1205879422.html</a>	Gays-Adoção	Comportamental (crítica)
5	05/09/2014	17:38	--	Foto-Imagem	<a href="https://fbcdn-sphotos-g-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xaf1/v/t1.0-9/10552589_446822372150792_7587315433297013380_n.jpg?oh=7694cce60515f9724800641f5a452af5&amp;oe=552A1C09&amp;_gda_=1425651896_a1a197d6d aa64c960f46271041164818">https://fbcdn-sphotos-g-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xaf1/v/t1.0-9/10552589_446822372150792_7587315433297013380_n.jpg?oh=7694cce60515f9724800641f5a452af5&amp;oe=552A1C09&amp;_gda_=1425651896_a1a197d6d aa64c960f46271041164818</a>	Religião	--
6	06/09/2014	16:43	--	Atualização da foto de capa	<a href="https://scontent-b-gru.xx.fbcdn.net/hphotos-xpf1/v/t1.0-9/s720x720/10622781_10152829494482868_4449677026696046420_n.jpg?oh=d30768b3387df341939a836deb169a0d&amp;oe=553BFF94">https://scontent-b-gru.xx.fbcdn.net/hphotos-xpf1/v/t1.0-9/s720x720/10622781_10152829494482868_4449677026696046420_n.jpg?oh=d30768b3387df341939a836deb169a0d&amp;oe=553BFF94</a>	--	--
7	07/09/2014	21:20	Dilma COVARDE! Me arrependo em ter votado nela :(	Foto-Imagem	<a href="https://fbcdn-sphotos-g-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xap1/v/t1.0-9/10649834_573532732751320_8242711825907302956_n.jpg?oh=484de3b3f11f42a1c107b9a0ebfa39a6&amp;oe=553EBDBD&amp;_gda_=1430653537_4c510f41cf789d5e1c146894f9b2f6fb">https://fbcdn-sphotos-g-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xap1/v/t1.0-9/10649834_573532732751320_8242711825907302956_n.jpg?oh=484de3b3f11f42a1c107b9a0ebfa39a6&amp;oe=553EBDBD&amp;_gda_=1430653537_4c510f41cf789d5e1c146894f9b2f6fb</a>	Política	--
8	08/09/2014	21:30	O que fazer quando a pessoa (pai, mãe, amigo, namorado etc) que gosta de você, é uma Felícia? Ela gosta tanto de vc, que chega a te sufocar	Vídeo do Youtube	<a href="http://youtu.be/fa49SB1se9A">http://youtu.be/fa49SB1se9A</a>	Relacionamentos	--

**continua**

## continuação

NR	DATA	HORA	PUBLICAÇÃO	TIPO	LINK	EIXOS TEMÁTICOS	FORÇA ILOCUCIONÁRIA
9	09/09/2014	12:13	Pois é.. bem que Jesus alertou que teria muitos falsos pastores (profetas), lobos com pelo de ovelha	Foto-Imagem	<a href="https://scontent-b-gru.xx.fbcdn.net/hphotos-xpa1/v/t1.0-9/s720x720/10632665_979466232078780_8579841010625724364_n.jpg?oh=fc64856929898c8049a3dec80c5d4d50&amp;oe=54FA01B4">https://scontent-b-gru.xx.fbcdn.net/hphotos-xpa1/v/t1.0-9/s720x720/10632665_979466232078780_8579841010625724364_n.jpg?oh=fc64856929898c8049a3dec80c5d4d50&amp;oe=54FA01B4</a>	Religião-Direitos dos Animais	--
10	09/09/2014	13:34	Falta um brinquedo desse aqui no Brasil :(	Vídeo de usuário		Entretenimento	--
11	09/09/2014	17:27	Não concordo com tudo que está neste video, mas vale a pena compartilhar e pensar sobre	Link externo	<a href="http://www.superpride.com.br/2014/09/video-revela-a-faceta-mais-cruel-e-obscura-da-homofobia-no-brasil.html">http://www.superpride.com.br/2014/09/video-revela-a-faceta-mais-cruel-e-obscura-da-homofobia-no-brasil.html</a>	Homofobia	Comportamental (crítica)
12	10/09/2014	09:58	--	Foto-Imagem	<a href="https://fbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xpa1/v/t1.0-9/s720x720/10671237_857711980907100_326076178610363584_n.png?oh=4eb7fbd66ed7f4cbbf9f3cb6a0fc&amp;oe=5540E02C&amp;__gda__=1428736251_f4a96d9a476a19d7009a7700a555b92d">https://fbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xpa1/v/t1.0-9/s720x720/10671237_857711980907100_326076178610363584_n.png?oh=4eb7fbd66ed7f4cbbf9f3cb6a0fc&amp;oe=5540E02C&amp;__gda__=1428736251_f4a96d9a476a19d7009a7700a555b92d</a>	Política	--
13	10/09/2014	10:07	--	Foto-Imagem	<a href="https://scontent-a-gru.xx.fbcdn.net/hphotos-xap1/v/t1.0-9/10345988_101528372575978683977757425663530368_n.jpg?oh=159525734bc369f12dfb13439da88e30&amp;oe=55388BA">https://scontent-a-gru.xx.fbcdn.net/hphotos-xap1/v/t1.0-9/10345988_101528372575978683977757425663530368_n.jpg?oh=159525734bc369f12dfb13439da88e30&amp;oe=55388BA</a>	Interação	--
14	10/09/2014	15:40	Vale a pena conferir essas 10 preciosas e engraçadas dicas	Link externo	<a href="http://cidadaniami.blogspot.com.br/2013/12/10-dicas-para-gays-passivos.html">http://cidadaniami.blogspot.com.br/2013/12/10-dicas-para-gays-passivos.html</a>	Gays-Relacionamentos	Comportamental (críticas) e, de certo modo, vereditivo (emite julgamento sobre condutas gays)
15	10/09/2014	15:56	É normal amar alguém e sentir atração sexual por outras pessoas???	Texto		Relacionamentos-Sexualidade	--
16	10/09/2014	22:38	--	Foto-Imagem	<a href="https://fbcdn-sphotos-c-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xap1/v/t1.0-9/10628566_101528383696778682963595880141553144_n.jpg?oh=f7c7332e74ec2a3c70f530900f598587b&amp;oe=55424C46&amp;__gda__=1430763283_e8a276b408cb944c0676d4b745da0f40">https://fbcdn-sphotos-c-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xap1/v/t1.0-9/10628566_101528383696778682963595880141553144_n.jpg?oh=f7c7332e74ec2a3c70f530900f598587b&amp;oe=55424C46&amp;__gda__=1430763283_e8a276b408cb944c0676d4b745da0f40</a>	Religião	--

continua

## continuação

NR	DATA	HORA	PUBLICAÇÃO	TIPO	LINK	EIXOS TEMÁTICOS	FORÇA ILOCUCIONÁRIA
17	11/09/2014	09:42	E AINDA tem gay que vota na Dilma Rousseff	Link externo	<a href="http://politica.estaodao.com.br/noticias/eleicoes/dilma-rousseff-nao-garante-promessa-para-gays-no-papel,1557567">http://politica.estaodao.com.br/noticias/eleicoes/dilma-rousseff-nao-garante-promessa-para-gays-no-papel,1557567</a>	Política (Descartado por estar relacionado direto ao candidato)	--
18	11/09/2014	10:54	Que tal nós gays pararmos de ter preconceito contra evangélicos? Vamos conhecê-los e parar de julgá-los?	Link externo	<a href="http://www.cartacapital.com.br/sociedade/afinal-queem-sao-201cos-evangelicos201d-2053.html">http://www.cartacapital.com.br/sociedade/afinal-queem-sao-201cos-evangelicos201d-2053.html</a>	Religião-Gays	Comportamental (crítica)
19	11/09/2014	14:09	Será que tem para gato?	Link externo	<a href="http://www.vegpet.com.br/">http://www.vegpet.com.br/</a>	Animais de estimação	--
20	11/09/2014	21:31	eu ainda sonho em ser professor, não pelo salário e sim por vocação e amor :)	Foto-Imagem	<a href="https://fbcdn-sphotos-g-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xap1/v/t1.0-9/s720x720/10649462_791124167611500_7906930203190581893_n.jpg?oh=0bcb380fe55307cdb490ad0d46f97029&amp;oe=553E9383&amp;__gda__=1430160349_9e27b4675ba2d4e28b93b55e344b6519">https://fbcdn-sphotos-g-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xap1/v/t1.0-9/s720x720/10649462_791124167611500_7906930203190581893_n.jpg?oh=0bcb380fe55307cdb490ad0d46f97029&amp;oe=553E9383&amp;__gda__=1430160349_9e27b4675ba2d4e28b93b55e344b6519</a>	Educação-Política	--
21	11/09/2014	21:45	Tem um site de "relacionamentos" chamado Disponível.com, lá vários gays tem a coragem de postar fotos das partes íntimas em excitação, MAS NÃO TEM A CORAGEM DE POSTAR FOTO DE ROSTO  SERÁ QUE ESSAS PESSOAS NECESSITAM DE UMA TERAPIA?	Texto	--	Gays-Sexualidade-Relacionamentos	Comportamental (crítica); de certa forma vereditivo (emite julgamentos sobre a "moral" gay)
22	12/09/2014	23:01	Mais uma vez o movimento LGBT caiu do cavalo, o motivo do assassinato do jovem João Antônio Donati, NÃO FOI A HOMOFOBIA  Espero que o movimento amadureça com esse erro	Link externo	<a href="http://acapa.virgula.uol.com.br/politica/suspeito-de-matar-joao-antonio-donati-e-presos-e-confessao-crime/2/32/24979">http://acapa.virgula.uol.com.br/politica/suspeito-de-matar-joao-antonio-donati-e-presos-e-confessao-crime/2/32/24979</a>	Homofobia	Comportamental (crítica)
23	13/09/2014	20:26	E o movimento LGBT caiu mesmo do cavalo, para a polícia a morte do jovem não foi motivada por homofobia.	Link externo	<a href="http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/09/1515698-policia-descarta-homofobia-em-morte-de-jovem-gay.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/09/1515698-policia-descarta-homofobia-em-morte-de-jovem-gay.shtml</a>	Homofobia	Comportamental (crítica)
24	13/09/2014	23:19	O QUE É SER UM HOMOSSEXUAL (GAY)?  Um homem ter relação sexual com pessoas do mesmo sexo não faz dele um gay, gay é um homem que tem relação AFETIVA/SEXUAL com outro homem	Texto	--	Sexualidade gay	Vereditivo (emite um julgamento sobre a sexualidade gay)
25	16/09/2014	10:20	E ainda tem gente que tem coragem de comer carne bovina :(	Vídeo de usuário		Estilo de vida	--
26	16/09/2014	22:29	Por que será que as pessoas ficam chocadas quando eu falo que não busco nem sexo e nem namoro no Badoo?	Texto	--	Relacionamentos-Redes Sociais	--

continua

continuação

NR	DATA	HORA	PUBLICAÇÃO	TIPO	LINK	EIXOS TEMÁTICOS	FORÇA ILOCUCIONÁRIA
27	17/09/2014	17:56	Um dos melhores textos que vi em minha vida ACORDA MOVIMENTO LGBT!!!	Link externo	<a href="https://br.noticias.yahoo.com/blogs/guy-franco/criminaliza-cao-da-homofobia-e-muito-pouco-191842700.html?utm_content=buffer6a7a0&amp;utm_medium=social&amp;utm_source=twitter.com&amp;utm_campaign=buffer">https://br.noticias.yahoo.com/blogs/guy-franco/criminaliza-cao-da-homofobia-e-muito-pouco-191842700.html?utm_content=buffer6a7a0&amp;utm_medium=social&amp;utm_source=twitter.com&amp;utm_campaign=buffer</a>	Homofobia	Comportamental (crítica)
28	17/09/2014	22:27	Quem acerta esse teste de lógica?	Foto-Imagem	<a href="https://fbcdn-sphotos-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xpa1/v/t1.0-9/10676151_10152852341872868_2188730030285765674_n.jpg?oh=1be59659c4d99e74a97dae72fcb64de7&amp;oe=5526D6BA&amp;gda=1428701868_3d6b1ab56baeea83b77b7a7d859b6a82">https://fbcdn-sphotos-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xpa1/v/t1.0-9/10676151_10152852341872868_2188730030285765674_n.jpg?oh=1be59659c4d99e74a97dae72fcb64de7&amp;oe=5526D6BA&amp;gda=1428701868_3d6b1ab56baeea83b77b7a7d859b6a82</a>	Interação	--
29	18/09/2014	17:49	A briga foi feia :)	Vídeo do Youtube	Não disponível	Política	--
30	18/09/2014	20:05	--	Começou amizade com...	--	Atividade no Facebook	--
31	18/09/2014	22:53	Tem uns militantes do movimento LGBT, que estão com medo de mim só pq ando denunciando as politicagens que eles fazem. Querem me censurar e tentam denigrir minha imagem me acusando de: Reacionário FAKE Machista homofóbico transfóbico suposto gay seguidor de Malafaia militante de facebook Confesso, que esses militantes devem sair do movimento político LGBT e ir para shows de comédia, eles me fazem dar risadas com essas acusações sem fundamento algum, rio litros :) ainda mais quando me chamam de suposto gay... Eles não me atingem, é muito bom saber que estou incomodando eles :)	Texto	--	Gays-Direitos-Política	Comportamental (crítica)
32	19/09/2014	12:48	Vale a pena ver e pensar sobre	Vídeo de usuário	--	Homofobia-LGBTfobia	Comportamental (crítica)
33	19/09/2014	16:07	Essa tal Luciana Genro é uma HIPÓCRITA	Vídeo do Youtube	<a href="http://youtu.be/Wt7NcisTwh4">http://youtu.be/Wt7NcisTwh4</a>	Política	--
34	20/09/2014	14:06	Aonde está essa tal homofobia???	Status de usuário	--	Homofobia	Comportamental (crítica)
35	20/09/2014	17:15	No Brasil algumas ONG's do movimento Gay só atrapalham :(	Foto-Imagem	<a href="https://scontent-bgru.xx.fbcdn.net/hphotos-xap1/v/t1.0-9/10461308_781345348596110_2617584251998072830_n.jpg?oh=17771a409092f16a89d9636ae63fe00&amp;oe=552FD75D">https://scontent-bgru.xx.fbcdn.net/hphotos-xap1/v/t1.0-9/10461308_781345348596110_2617584251998072830_n.jpg?oh=17771a409092f16a89d9636ae63fe00&amp;oe=552FD75D</a>	Movimento LGBT	Comportamental (crítica)

continua

## conclusão

NR	DATA	HORA	PUBLICAÇÃO	TIPO	LINK	EIXOS TEMÁTICOS	FORÇA ILOCUCIONÁRIA
36	23/09/2014	22:19	Mais um líder do Movimento GAY apoia Marina Silva :)	Link externo	<a href="http://noticias.terra.com.br/brasil/blogdaamazonia/blog/">http://noticias.terra.com.br/brasil/blogdaamazonia/blog/</a>	Política (descartado, pois tinha relação direta apenas com política)	--
37	25/09/2014	16:55	Que gato mais lindo!	Vídeo do Youtube	<a href="http://youtu.be/7udUxofdBIE">http://youtu.be/7udUxofdBIE</a>	Entretenimento-Música-Animais	--
38	28/09/2014	17:16	SERÁ QUE A HOMOFOBIA EXISTE? Meu namorado e eu fomos procurar essa tal homofobia que o movimento LGBT insiste em falar que existe, para atrair homofobia usamos a seguinte isca: neste sábado expressamos afetos em vários locais públicos (14 ao todo) em 3 cidades diferentes (Mogi das Cruzes, São Paulo e Suzano) Ficamos de mãos dadas em várias ruas, em trens, em parques, passamos por meio de favelas. E PASMÉM, NÃO FOMOS AGREDIDOS! A homofobia existe, mas não é tão forte como o movimento LGBT insiste em MENTIR.	Texto	--	Homofobia	Comportamental (crítica)
39	28/09/2014	23:00	Por isso que meu voto é dela :)	Foto-Imagem	<a href="https://fbcdn-sphotos-c-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xpa1/v/t1.0-9/9001_869335979744700_2346221684689997965_n.png?oh=dfc77f5c7609596b8d69bce62917b01b&amp;oe=55287A80&amp;_gda_=142918357757db57bc7d4a792f247890445990d343">https://fbcdn-sphotos-c-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xpa1/v/t1.0-9/9001_869335979744700_2346221684689997965_n.png?oh=dfc77f5c7609596b8d69bce62917b01b&amp;oe=55287A80&amp;_gda_=142918357757db57bc7d4a792f247890445990d343</a>	Política	--
40	29/09/2014	10:53	Gostei!	Foto-Imagem	<a href="https://fbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xpa1/v/t1.0-9/p235x350/1555491_635398546497160_1437277620_n.jpg?oh=0cc051c9d40906f83cdcbe23aff391bf&amp;oe=55238F3B&amp;_gda_=1429587974_eb93c7110ecc7aca14a5c75dc4d5939c">https://fbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xpa1/v/t1.0-9/p235x350/1555491_635398546497160_1437277620_n.jpg?oh=0cc051c9d40906f83cdcbe23aff391bf&amp;oe=55238F3B&amp;_gda_=1429587974_eb93c7110ecc7aca14a5c75dc4d5939c</a>	Cidadania	--
41	29/09/2014	11:26	--	Enquete	<a href="https://www.facebook.com/questions/1016502738364788/">https://www.facebook.com/questions/1016502738364788/</a>	Política	--
42	29/09/2014	17:50	Obrigado aos 47.051 que me acham popular no Badoo :)	Foto-Imagem	(Foto Pessoal)	Atividade no Facebook	--

## APÊNDICE B – PUBLICAÇÕES DO PERFIL R2

NR	DATA	HORA	PUBLICAÇÃO	TIPO	LINK	EIXOS TEMÁTICOS	FORÇA ILOCUCIONÁRIA
1	02/09/2014	01:56	AI MEU RIM KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK KKK MINHA RISADA DUROU POUCO MAIS QUE 4 TUÍTES DO MALAFAIA	Link externo	<a href="http://www.aimorridesungabranca.com/2014/09/parem-as-maquinas-segundo-debate.html?m=1">http://www.aimorridesungabranca.com/2014/09/parem-as-maquinas-segundo-debate.html?m=1</a>	Política-Humor	--
2	02/09/2014	19:33	GRITEL. (reparem na cara de desnorteada da marina)	Vídeo do Youtube	<a href="http://youtu.be/LigYPuHHS2o">http://youtu.be/LigYPuHHS2o</a>	Política	--
3	04/09/2014	23:07	Gente, ficar falando que a Marina parece isso ou aquilo não é campanha contrária a sua candidatura, só é babaquice mesmo. Desmerecer alguém ou fazer comparações de mau gosto é extremamente problemático, principalmente quando estamos falando de uma mulher negra. Menos machismo e racismo, a sociedade agradece. E como diz Oc Tavio, descurtam a página Bláblárina Silva. (ps: não votem nela, obg)	Texto	--	Política	--
4	06/09/2014	16:03	Minha concepção de Danilo Gentili: homem branco hétero de classe média que nunca sofreu nada na vida e é o modelo perfeito do que é abominação política, abominação ética e abominação cognitiva. Concepção senso comum de Danilo Gentili: um comediante de alto nível que sabe que tem que superar os preconceitos ficando quieto (no melhor estilo Morgan Freeman), pois já sofreu por tanta coisa nessa vida e superou todas elas e agora ri dos outros pra se sentir mais feliz; mas se não fosse isso não existiria o humor, né?!	Foto-Imagem	<a href="https://scontent-b-gru.xx.fbcdn.net/hphotos-xpf1/v/t1.0-9/10577164_701440693269957_5474839747421807889_n.jpg?oh=9de5b0fbd6d51c897c071c45ad8acefd&amp;oe=555FF8BB">https://scontent-b-gru.xx.fbcdn.net/hphotos-xpf1/v/t1.0-9/10577164_701440693269957_5474839747421807889_n.jpg?oh=9de5b0fbd6d51c897c071c45ad8acefd&amp;oe=555FF8BB</a>	Crítica-Entretimento	--
5	07/09/2014	20:02	zerou a vida	Foto-Imagem	<a href="https://scontent-a-gru.xx.fbcdn.net/hphotos-xpa1/v/t1.0-9/10702149_326693200844256_529843636626630672_n.jpg?oh=b817e9f24c0d3020a1dcb1ddce320a6f&amp;oe=555F8D0A">https://scontent-a-gru.xx.fbcdn.net/hphotos-xpa1/v/t1.0-9/10702149_326693200844256_529843636626630672_n.jpg?oh=b817e9f24c0d3020a1dcb1ddce320a6f&amp;oe=555F8D0A</a>	Religião-Homossexualidade	Comportamental (elogio e crítica)
6	07/09/2014	20:53	--	Vídeo do Youtube	<a href="http://youtu.be/5WMkWwGN7_M">http://youtu.be/5WMkWwGN7_M</a>	Música	--
7	10/09/2014	12:41	Se as eleições fossem feitas só com meus contatos do Facebook, Luciana Genro ganharia no primeiro turno com 89% dos votos válidos.	Texto	--	Política	--
8	13/09/2014	07:06	A sabatina é de quem, hein?!	Vídeo do Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=0_DeoR3bZ-U#t=16">https://www.youtube.com/watch?v=0_DeoR3bZ-U#t=16</a>	Política	--
9	13/09/2014	07:10	Sensacional! Pelo combate à homofobia nas arquibancadas, pelo fim de gritos de ódio e por um futebol realmente para toda a população.	Foto-Imagem	<a href="https://www.facebook.com/estadao/photos/a.124486140899790.24501.115987058416365/1003833896298339/?type=1">https://www.facebook.com/estadao/photos/a.124486140899790.24501.115987058416365/1003833896298339/?type=1</a>	Homofobia	Comportamental (elogio e atitude de enfrentamento)
10	13/09/2014	23:26	Melhor foto da vida. Ao lado do mito do Edu Jorge no maior estilo debate da Band. Sim, roubei sua ideia, Oc Tavio. Bjs	Foto-Imagem	(Foto Pessoal)	Atividade no Facebook	--

**continua**

## continuação

NR	DATA	HORA	PUBLICAÇÃO	TIPO	LINK	EIXOS TEMÁTICOS	FORÇA ILOCUCIONÁRIA
11	14/09/2014	22:30	"Ainda vão me matar numa rua. Quando descobrirem, principalmente, que faço parte dessa gente que pensa que a rua é a parte principal da cidade." Toda Poesia. LEMINSKI, Paulo.	Texto	--	Entretenimento	--
12	16/09/2014	00:46	"Tu achas que o capitalismo deu certo porque tu tás numa situação privilegiada, né Danilo Gentili?!" Luciana Genro	Texto	--	Política	--
13	16/09/2014	15:30	Entrem no Twitter do Danilo Gentili. Verão mais de trinta tweets direcionados à presidenciável Luciana Genro nas últimas 12 horas, nenhum com decência ou sem ironias. Os argumentos nunca antes fizeram tanto sentido com o ambiente em que estão postos, porque tanto ontem no debate quanto hoje no Twitter ele se mostrou do mesmo jeito: um revoltado de internet que tira suas estatísticas e palurdices da Universidade Mises.org ou de qualquer blog aleatório anti-comunista apelativo.  #VaiEstudarDanilo	Foto-Imagem	<a href="https://scontent-argru.xx.fbcdn.net/hphotos-xfp1/v/t1.0-9/10404338_706497036097656_3100584775819751554_n.jpg?oh=67ba186a05961dca786c488231699a7f&amp;oe=552FC073">https://scontent-argru.xx.fbcdn.net/hphotos-xfp1/v/t1.0-9/10404338_706497036097656_3100584775819751554_n.jpg?oh=67ba186a05961dca786c488231699a7f&amp;oe=552FC073</a>	Política	--
14	17/09/2014	21:39	Lulu Genro na sabatina na USP sobre o Danilo Gentili: "O que vem de baixo não me atinge".	Texto	--	Política	--
15	18/09/2014	15:51	esse tiozinho, 6: <3	Vídeo do Youtube	<a href="http://youtu.be/rqj-UTb9f9Y">http://youtu.be/rqj-UTb9f9Y</a>	Sexualidade gay	Comportamental (elogio)
16	19/09/2014	15:32	Texto novo na Gxxx Gxxx. :D "Precisamos imediatamente de uma lei que criminalize a LGBTfobia, precisamos de uma conscientização da população acerca da diversidade, precisamos de cartilhas educativas em escolas para que posteriormente não vejamos cenas homofóbicas em estádios ou cenas de linchamento nas ruas. A população LGBT precisa de representatividade, e não é essa representatividade oportunista feita por candidatos mainstream que colocam nossas necessidades como interesses eleitores e brincam com preconceitos de acordo com a necessidade dos nossos votos e dos votos da bancada evangélica – se os evangélicos são maioria, as diretrizes programáticas dos candidatos vão de encontro às nossas necessidades; caso contrário, fazem política para a gente."	Link externo	(Link Pessoal)	LGBTfobia	Comportamental (crítica à homofobia e atitude de enfrentamento)

continua



## continuação

NR	DATA	HORA	PUBLICAÇÃO	TIPO	LINK	EIXOS TEMÁTICOS	FORÇA ILOCUCIONÁRIA
17	20/09/2014	18:05	<p>"E algum dia, finalmente, se saberá a verdade tão secretamente guardada: a homossexualidade não é nada. Não foi no princípio e não será no futuro. Quando tirarmos dela todas as fogueiras, todas as torturas, todas as mentiras, todo o ódio, toda a ignorância, todo o preconceito, descobriremos que não há nada.</p> <p>Aprendi, depois desta viagem alucinante, que uma percentagem, sempre mais ou menos similar da população, ao longo dos séculos, em todas as culturas, em todos os continentes, sentiu uma ânsia mais ou menos similar, a minha. É isso o único que tenho em comum com muitos deles.</p> <p>Entretanto, essa ânsia, muitas vezes, foi e continua sendo castigada irracionalmente – isso deveria ficar claro, irracionalmente – e fez com que nos convertêssemos em uma imensa minoria que, à ânsia, deveríamos acrescentar outros traços comuns. Aprendemos a mentir-nos primeiro, a mentir depois. A esconder-nos, a desvalorizar-nos, a depreciar-nos. A não confiar em nossa família mais próxima (sustento que é impossível para qualquer heterossexual, inclusive o mais aberto, saber o que isso significa. Os filhos negros, os filhos judeus sempre tiveram em sua casa um lugar onde resguardar-se das estúpidas ofensas externas. O primeiro lugar onde um filho homossexual é ofendido é em sua própria casa. Teu filho conta com vocês?). A não falar. A aceitar resignadamente que as coisas são assim. A envergonhar-nos de cada gesto íntimo.</p> <p>Não era nada e depois foi pecado (não foi Deus, foi um grupo de pessoas que decretou) e depois foi uma doença (tão arbitrária que um dia deixou de ser) e também foi um delito (usado sempre discretamente). E depois foi tudo junto: pecado, doença e delito. Como reagir tendo como opositores a Religião, a Ciência e o Estado?</p> <p>O dia em que nasceu o conceito de "orgulho gay" começou a frear-se a injustiça. Orgulhar-se disso que esperam que te envergonhe foi a barreira frente ao avassalamento com que a maioria relacionou-se conosco. "Que necessidade você tem de contar sobre isso?", perguntam alguns. Como se pudéssemos existir sem dizer. Só ao nomear-nos existimos. Há alguns que, inclusive, não se dão conta de que não querem que nos nomeemos porque não querem que nós existamos.</p> <p>"Se todos fossem homossexuais, a humanidade não teria futuro". É mentira, os homossexuais não somos estéreis. Mas não é o ponto. Nunca, nenhum de nós, pediu que todos fôssemos iguais. Esse é um delírio de alguns heterossexuais. A nós, não nos ocorre que todos deveriam ser como a gente. A muitos heterossexuais, sim. Desorientados frente a nosso orgulho e nossos avanços, alguns heterossexuais pedem compreensão. "Não compreendem o que nos ocorre?", perguntam assombrados de que nos neguemos a pedir permissão para existir. Costumo exagerar, mas não imagino o torturador dizendo ao torturado na sala de torturas: "Não te queixes, não me entendes? Achas que é fácil ver-te assim, sangrando?". O mundo está muito estranho: os filhos gays que têm que acabar por entender a seus pais. Como podem pedir isso?</p> <p>- Velhos, queria lhes dizer que estou namorando.</p> <p>- Que alegria, filho. Com um menino ou com uma menina?</p> <p>Algum dia vai ocorrer. Eu gostaria de presenciar. Por isso escrevi este livro. Porque a homossexualidade voltará a ser o que nunca deveria ter deixado de ser: nada."</p> <p>Oswaldo Bazán. Historia de la Homosexualidad en la Argentina: De la conquista de América al siglo XXI.</p>	Texto	--	Sexualidade gay	Vereditiva (emite julgamentos sobre a sexualidade gay)

continua

## conclusão

NR	DATA	HORA	PUBLICAÇÃO	TIPO	LINK	EIXOS TEMÁTICOS	FORÇA ILOCUCIONÁRIA
18	21/09/2014	00:17	Oh, minha honey baby!	Vídeo do Youtube	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=IXbCAxub-Jg">https://www.youtube.com/watch?v=IXbCAxub-Jg</a>	Música	--
19	26/09/2014	14:13	Fotógrafo sensa: Mxxx Dxxx Cxxx Fxxx	Foto de Capa	(Foto Pessoal)	Atividade no Facebook	--
20	26/09/2014	17:21	melhor foto ever <3☺ — com Bxxx Axxx e outras 11 pessoas.	Foto-Imagem	(Foto Pessoal)	Atividade no Facebook	--
21	26/09/2014	18:17	FINALMENTE ALGUÉM FOI VÍTIMA DA MACONHA. Primeiro caso de morte por causa da maconha!	Link externo	<a href="http://www.otempo.com.br/capa/brasil/traficante-bate-em-%C3%A1rvore-e-morre-esmagado-por-500-kg-de-maconha-1.713830">http://www.otempo.com.br/capa/brasil/traficante-bate-em-%C3%A1rvore-e-morre-esmagado-por-500-kg-de-maconha-1.713830</a>	Política	--
22	26/09/2014	18:39	Só vi que meu texto foi publicado hoje. <3	Link externo	(Link Pessoal)	Sexualidades-Religião	Comportamental (crítica)
23	26/09/2014	19:06	<3	Link externo	(Link Pessoal)	Sexualidades-Religião	Comportamental (crítica) – mesmo que publicação anterior
24	27/09/2014	08:21	--	Foto de Perfil	(Foto Pessoal)	Atividade no Facebook	--
25	27/09/2014	23:51	"Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor." FREIRE, Paulo	Foto de Capa	<a href="https://scontent-bgru.xx.fbcdn.net/hphotos-xpf1/v/t1.0-9/s720x720/10574361_678242885589738_3416980705554617417_n.jpg?oh=b6976f50562d36d707cb47af608ad4df&amp;oe=55631E36">https://scontent-bgru.xx.fbcdn.net/hphotos-xpf1/v/t1.0-9/s720x720/10574361_678242885589738_3416980705554617417_n.jpg?oh=b6976f50562d36d707cb47af608ad4df&amp;oe=55631E36</a>	Atividade no Facebook	--
26	28/09/2014	11:49	"Quando é Cuba exportando médicos, é pelo lucro. Quando é USA invadindo países árabes, é pela paz mundial." (Yxxx Axxx)	Texto	--	Política	--
27	29/09/2014	00:21	Levy é mais fascista do que Mussolini, mano. Vai ter bicha sim, e se reclamar será drag também!	Texto	--	Homofobia-Política	Comportamental (crítica e enfrentamento)
28	29/09/2014	00:32	A liberdade de expressão que alas reacionárias tanto pregam é essa: Levy Fidelix falando em rede nacional que práticas homossexuais/lésbicas são deploráveis e que reduzirão a população pela metade. A liberdade de expressão que exigem é ter direito de discursarem para toda a população dando respaldo para perseguições de identidades sexual e de gênero. A LIBERDADE DE EXPRESSÃO FAJUTA que reivindicam é para falarem em esmagar minorias sem qualquer punição. Levy, você é fascista, é LGBTfóbico, é babaca e deveria estar preso! Para quem não viu: <a href="http://youtu.be/oPNs7owXs60">http://youtu.be/oPNs7owXs60</a>	Vídeo do Youtube	<a href="http://youtu.be/oPNs7owXs60">http://youtu.be/oPNs7owXs60</a>	Homofobia-Política	Expositiva (apresenta razões para a crítica sobre a homofobia)